

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

SOBRE O NARCISISMO: UM ESTUDO DO CONCEITO EM FREUD

RODRIGO PERLI RIBEIRO E SILVA

SÃO PAULO

2018

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

SOBRE O NARCISISMO: UM ESTUDO DO CONCEITO EM FREUD

RODRIGO PERLI RIBEIRO E SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso realizado
como exigência parcial para a graduação no
curso de Psicologia, sob a orientação do Prof.
Sergio Wajman

SÃO PAULO

2018

*“Quem me dera, ao menos uma vez
Que o mais simples fosse visto como o mais importante
Mas nos deram espelhos
E vimos um mundo doente”*

(Renato Russo)

*À Dora,
quem mais me ensinou sobre o narcisismo e o amor.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à professora Chu Cavalcanti e ao Ricardo Radin Bueno, pelas conversas que me ajudaram a imaginar um esboço deste trabalho.

À professora Denize Rubano, por toda ajuda que me deu, sempre solícita e simpática, e por sua enorme contribuição para minha formação acadêmica.

À professora Marilda Ribeiro, por ter me orientado nos primeiros passos, sempre com muito cuidado e dedicação.

Ao colega Eduardo Zaidan, pelos cafés, pela motivação e por sua importante ajuda no início do processo de elaboração das ideias que deram origem ao presente trabalho, sem a qual este não seria possível.

À Dora, pelas inúmeras leituras, sugestões, comentários, correções. Pela companhia que me permitiu continuar, mesmo nas horas mais cansativas. Pelas conversas que me tranquilizaram, sempre que isto parecia impossível. Por ter tornado a realização deste trabalho um processo agradável e descontraído. Por estar sempre ao meu lado, para o que der e vier. Por todo nosso amor e cumplicidade. Por todos os momentos em que estamos juntos, os quais me tornam mais feliz.

À minha mãe, Silvana, e ao meu pai, Fernando, por terem colocado minha felicidade à frente de qualquer outra coisa, acreditando em mim e na minha capacidade de escolher meus caminhos. Mais do que isso, por terem sempre respeitado e apoiado esses caminhos. Por terem me educado para o mundo, sempre com ética e boa índole. Ao meu pai, por me ensinar que o mundo não é para qualquer um. À minha mãe, por me ensinar que o mundo é para todos. Aos dois, por todo o amor e dedicação que sempre puderam me dar, por boa parte do que sou e, por último, mas não menos importante, por terem tornado possível esta graduação e a realização deste trabalho.

E finalmente, ao professor Sergio Wajman, meu orientador, por ter me tranquilizado nos momentos mais ansiosos, pela paciência, pela sinceridade, pelas discussões teóricas, pelas conversas descontraídas, por ter me orientado permitindo que este trabalho fosse concretizado de maneira amena e satisfatória, mesmo quando os olhos não permitiam ver com clareza.

SOBRE O NARCISISMO: UM ESTUDO EM FREUD

7.00.00.00-0 – CIÊNCIAS HUMANAS

7.07.00.00-1 – PSICOLOGIA

ORIENTANDO: **RODRIGO PERLI RIBEIRO E SILVA**

ORIENTADOR: **SERGIO WAJMAN**

RESUMO

O presente trabalho consistiu num estudo do conceito de *narcisismo* na obra de Sigmund Freud, com o objetivo de compreendê-lo em sua amplitude, isto é, sua criação, seus desdobramentos, suas ramificações e, dentro do possível, sua articulação com outros temas e noções psicanalíticas. O método escolhido foi a revisão bibliográfica. Para atingir o objetivo proposto, foram estudados todos os textos da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud em que o termo narcisismo é mencionado no corpo do texto. A análise se pautou nas passagens em que apareciam o termo *narcisismo*, ou os termos derivados: *narcísica*, *narcísico* e *narcisista*. Quanto aos termos derivados, foi dada atenção àqueles que contribuíam para a compreensão do conceito, excluindo-se os que não eram interessantes a este estudo. Sempre que necessário, recorreu-se a comentadores e estudiosos de Sigmund Freud e da psicanálise para maiores esclarecimentos. Entende-se que foi possível atingir os objetivos propostos. Ao que tudo indica, chegou-se a um entendimento do que significa o conceito de narcisismo ao longo da obra de Sigmund Freud. Do mesmo modo, é possível dizer que o conceito de narcisismo sofreu poucas alterações desde que o texto dedicado a ele foi publicado, em 1914, ainda que a criação do conceito e as alterações pelas quais passou tenham sido capitais para o desenvolvimento posterior da metapsicologia freudiana. Neste sentido, foram inúmeras as reformulações pelas quais a teoria passou desde a formalização do narcisismo, especialmente naquilo que se refere à teoria da libido, a qual acabou sendo segunda protagonista neste trabalho.

Palavras-chave: Narcisismo, Freud, Psicanálise.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
MÉTODO	13
Procedimentos	13
Material	14
Organização do material.....	15
CAPÍTULO 1 – TEXTOS ANTERIORES AO NARCISISMO.....	16
CAPÍTULO 2: (RE) INTRODUÇÃO AO NARCISISMO.....	32
Parte I.....	32
Parte II.....	38
Parte III.....	43
CAPÍTULO 3: TEXTOS POSTERIORES AO NARCISISMO	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICE A: Localização dos termos utilizados na Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud	114

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema do Narcisismo tem origens que remetem a uma época anterior à entrada na graduação em Psicologia. O termo parece refletir diversas (infelizes) tendências de um passado recente e de nosso tempo presente, principalmente quando considerada a conjuntura atual de nosso país e do mundo, no qual o narcisismo, aquele do senso comum, do dia-a-dia, parece estar cada vez mais evidente.

Sobre o termo, é interessante notar que sua definição no Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis (2001, p.287): “Por referência ao mito de Narciso, é o amor pela imagem de si mesmo” é a mesma dos dicionários comuns (HOAUISS; VILLAR; 2001; FERREIRA, 2008) e provavelmente provenientes da psicanálise - no dicionário de Houaiss e Villar (2001) aparece como um vocábulo da psicanálise.

Historicamente, segundo Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998), a expressão surge com Alfred Binet, psicólogo francês, em 1887, “para descrever uma forma de fetichismo que consiste em se tomar a própria pessoa como objeto sexual” (p. 530). Depois, em 1898, com Havelock Ellis, contemporâneo de Freud e de quem este adotou a noção de autoerotismo, aparece associado a um comportamento perverso proveniente do mito de Narciso. Finalmente, ao comentar um artigo de Ellis, o criminologista Paul Näcke introduz o vocábulo em alemão. Em Freud surgirá somente alguns anos depois, conforme apresentado alguns parágrafos abaixo.

Apesar da definição dos dicionários - comum e de Psicanálise - serem as mesmas, o uso parece diferir no que se refere aos valores atribuídos ao termo – assim como em amplitude. Da maneira como é usado no cotidiano, o narcisismo é predominantemente empregado com uma conotação pejorativa. A perversão e fetichismo associados à expressão ao longo dos tempos, entendidos negativamente pela sociedade em geral, além do fato de expressar uma conduta que supostamente leva o outro menos em consideração, sugerindo certo individualismo, egoísmo, adjetivos que também costumam levar um sentido negativo, ruim, poderiam bastar para nos fazer entender o teor pejorativo do vocábulo no imaginário popular. Um indivíduo narcisista poderia ser entendido

como aquele que não dá valor ao próximo, que só se importa consigo mesmo, alguém sem sentimentos pelos outros e de “coração de pedra”, frio, isto sem entrar no mérito religioso e moralista que toda esta atribuição pejorativa envolve.

De fato, usado desta maneira, é bastante razoável para definir boa parte daquilo que entramos em contato quando ligamos a televisão para assistir ao noticiário ou o rádio no horário de almoço. A tragédia encontrada pode muito bem ser explicada pelo narcisismo do senso comum, este de tom pejorativo com o qual se depara nas conversas despreziosas da rotina de cada indivíduo. Mas quando utilizado na Psicanálise o termo assume um papel bastante diferente, de enorme relevância, que não só perde sua importância no que se refere aos valores morais atribuídos a ele, como ganha em complexidade e vastidão, atraindo inúmeros outros conceitos psicanalíticos para seu redor ao tentar se fazer entendido. Nem por isso explica menos aquele mundo, aquele em que se vive.

Ainda que o interesse aqui não seja pelo narcisismo do senso comum, aquele desprezioso e muitas vezes pejorativo, não há dúvida que o despertar da voracidade por entender o conceito de narcisismo, agora o de Freud, tem raízes na pretensão de um melhor entendimento deste mundo às avessas em que vivemos, para dizê-lo de maneira eufêmica. Mais especificamente, dos sujeitos que o habitam e o tornam tão complexo e intrigante, com tantas contradições. Aqui, é claro, acredita-se que o narcisismo de Freud pode servir para entender melhor tanto um lado como o outro. O avesso, ou o avesso do avesso. O mundo e o sujeito que nele vive.

É pensando em compreender melhor toda essa complexidade, mas isto, quem sabe, com mais estudo, vivência e experiência, que neste trabalho se tem a intenção de avançar alguns passos no entendimento a respeito do narcisismo da teoria psicanalítica de Freud. Deixando de fora, agora, o que nos rodeia, e mergulhando em leituras teóricas e acadêmicas, pretende-se um aprofundamento no conceito psicanalítico que parece não ter perdido nada em importância, pelo contrário, tendo se tornado cada vez mais atual e debatido.

Não se pode, entretanto, deixar de destacar outro motivo importantíssimo para a escolha de se trabalhar com o tema do narcisismo: a própria psicanálise. Esta vem sendo objeto de estudo do autor recentemente, ao qual tem dedicado

grande parte de seu tempo e libido, inclusive, sendo fruto de projetos profissionais e de atividades extracurriculares, como cursos, monitoria, acompanhamento terapêutico, atendimentos clínicos, entre outros.

Na graduação, pouco se trabalha com os textos que trazem mais amplamente o conceito de narcisismo e desde o primeiro contato com “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução” de Freud, houve uma enorme quantidade de questionamentos e inquietudes a respeito do que foi apresentado, mais especificamente sobre qual era a intenção de Freud com a criação do conceito de narcisismo e o que esse conceito em sua amplitude significa, além de, não menos importante, quais suas implicações. Como traz James Strachey (1996e, p.78), comentador inglês da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, o artigo teria “(...) aparência inusitada de ser supercondensado - sua estrutura prestes a estourar pela quantidade de material que contém”.

Apesar deste texto ter introduzido oficialmente o conceito de narcisismo através de um estudo específico do mesmo, em que adquire relevância na teoria do desenvolvimento sexual do ser humano (ROUDINESCO; PLON, 1998) e no qual incorpora-se ao conjunto da teoria psicanalítica (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001), inclusive, tendo sido o escrito no qual se deu o primeiro contato do autor do presente trabalho com o tema, Freud já teria utilizado o termo alguns anos antes.

Segundo Ernest Jones (*apud* STRACHEY, 1996e) e Garcia-Roza (1995), Freud haveria pronunciado a expressão pela primeira vez a 10 de novembro de 1909, numa reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, na qual o definiu como um estágio necessário entre o autoerotismo e o amor objetal. Sua primeira aparição oficial em seus escritos, de acordo com diversos autores, entretanto, só ocorreu na segunda edição do famoso artigo Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, acrescentada em 1910 numa nota de rodapé (STRACHEY, 1996a; GARCIA-ROZA, 1995; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001; ROUDINESCO; PLON, 1998):

Segundo Garcia-Roza (1995), Laplanche e Pontalis (2001) e Roudinesco e Plon (1998) o conceito é retomado em três textos, antes de aparecer, finalmente, em Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. Em 1910, aparece no

ensaio sobre Leonardo da Vinci. Em 1911, volta a aparecer na análise do caso Schreber: Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia, quando Freud aponta, pela primeira vez, o narcisismo como estágio normal do desenvolvimento da libido (NASIO, 1997). Por fim, o narcisismo é comparado “à fase animista da história da humanidade” (GARCIA-ROZA, 1995, p.18) no capítulo 3 de Totem e Tabu, escrito em 1913. Além destes textos, também é possível encontrar referências ao conceito de narcisismo em A Disposição à Neurose Obsessiva: Uma Contribuição ao Problema da Escolha da Neurose (FREUD, 1996d), O Interesse Científico da Psicanálise (FREUD, 1996f) e História do Movimento Psicanalítico (FREUD, 1996g).

Todas essas aparições antes de Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, entretanto, são aparições tímidas. É só no texto de 1914, no qual “toda a carga explosiva do conceito chega em sua plenitude” (GARCIA-ROZA, 1995, p.18), onde realmente se tem uma primeira introdução ao tema, como o próprio nome já diz.

A importância do texto que introduz o narcisismo, assim como deste conceito, parece ser unanimidade entre os comentadores e estudiosos de Freud. James Strachey (1996e), sobre o artigo, escreve tratar-se de

(...) um dos mais importantes trabalhos de Freud, podendo ser considerado como um dos fatores centrais na evolução de seus conceitos. Resume suas primeiras discussões sobre o tema do narcisismo e considera o lugar ocupado pelo narcisismo no desenvolvimento sexual, indo, porém, além disso, pois penetra nos problemas mais profundos das relações entre o ego e os objetos externos, traçando a nova distinção entre ‘libido do ego’ e ‘libido objetual’. Outrossim - e talvez seja este o ponto mais importante -, introduz os conceitos do ‘ideal do ego’ e do agente auto-observador a ele relacionado, que constituíram a base do que, finalmente, veio a ser descrito como o ‘superego’ em *The Ego and the Id* (...) aborda as controvérsias com Adler e Jung, (...). Na realidade, um dos motivos de Freud para escrever esse artigo foi, sem dúvida, demonstrar que o conceito de narcisismo oferece uma alternativa à ‘libido’ não-sexual de Jung e ao ‘protesto masculino’ de Adler. Estes estão longe de ser os únicos tópicos levantados no artigo (p.78)

Strachey (1996e) continua, dizendo que além de ter uma gama considerável de conteúdo, o artigo teria sido relevante para outros trabalhos e ideias de Freud, como algumas desenvolvidas em Luto e Melancolia (1917) ou nos capítulos VIII e IX de Psicologia de Grupo (1921). Mais do que isso, seria

um marco no desenvolvimento do conceito de ego, o qual viria a ser modificado em seus trabalhos futuros.

Roudinesco e Plon (1998), por sua vez, apontam como um dos pontos fortes do texto a introdução da ideia de que haveria “a existência permanente e simultânea de uma oposição entre a libido do eu e a libido do objeto, e a formular a hipótese de um movimento de gangorra entre as duas, de tal sorte que, se uma enriquece, a outra empobrece, e vice-versa” (p. 531). É notável, também, que

(...) o desenvolvimento teórico constituído por esse texto implicou uma primeira reformulação da teoria das pulsões, desaparecendo a separação entre pulsões do eu e pulsões sexuais e sendo o eu definido como “um grande reservatório de libido” (p. 531)

Ainda considerando a importância do texto e especialmente, do conceito de narcisismo, Mezan (2015) destaca

Em resumo: o narcisismo, de início vinculado à evolução libidinal, irá transbordar constantemente deste quadro conceitual, no qual é uma etapa entre outras, porque inclui algo completamente diferente do que pode ser pensado pela teoria da libido em sua versão original. É no artigo “Para introduzir o narcisismo” [ou Sobre o Narcisismo: Uma Introdução] (1914) que Freud tentará oferecer um panorama mais amplo das consequências teóricas e clínicas impostas pelo novo conceito (p.128)

O trecho acima retirado do livro de Renato Mezan (2015), encontra-se num capítulo em que, entre outras coisas, é explorada a existência de diversos modelos metapsicológicos. O conceito de narcisismo aparece como chave na passagem de um primeiro modelo metapsicológico para um segundo modelo metapsicológico: “a ideia de regressão autoerótica desemboca no conceito de narcisismo, que é a chave do segundo modelo metapsicológico” (p.113), ou ainda, “é Freud quem continua a elaborar o modelo metapsicológico [o segundo] (...) até que este atinja seu pleno desenvolvimento com a introdução do conceito chave de narcisismo” (p. 118). Tais citações nitidamente apontam para a importância da introdução do novo conceito, em 1914.

Mas afinal, o que é o conceito de narcisismo tão falado nesta breve introdução? Além da definição genérica apresentada no início deste texto, brevemente, Laplanche e Pontalis (2001) definem o narcisismo primário e secundário: “O narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança

investe toda a sua libido em si mesma. O narcisismo secundário designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetais” (p.290). Roudinesco e Plon (1998), dizem que o narcisismo primário “diria respeito à criança e à escolha que ela faz de sua pessoa como objeto de amor, numa etapa precedente à plena capacidade de se voltar para objetos externos” (p. 531) e que o narcisismo secundário, seria o resultado “da retirada da libido de todos os objetos externos” (p.532).

Obviamente, tais definições não bastariam. É justamente a esta pergunta que o presente estudo pretende dar uma humilde resposta, dentro dos limites de um trabalho de conclusão de curso de graduação. Pretende-se compreender, através de uma revisão bibliográfica da obra de Sigmund Freud, o conceito de narcisismo em sua amplitude, isto é, sua criação, seus desdobramentos, suas ramificações e, dentro do possível, sua articulação com outros temas e noções psicanalíticas. Espera-se atingir, ao final do trabalho, um breve domínio a respeito do tema, de sua evolução e de sua importância para a psicanálise, avançando no sentido da compreensão do sujeito e do mundo, conforme o que foi dito no início desta introdução.

MÉTODO

Procedimentos

O presente trabalho consiste numa revisão bibliográfica da obra de Sigmund Freud, utilizando-se textos selecionados de sua obra.

Para a seleção dos textos a serem trabalhados, foi utilizada uma versão digital da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Foram selecionados aqueles escritos em que o termo *narcisismo* aparecia no corpo do texto (i.e., não sendo incluídos nesta seleção as produções em que o vocábulo aparecia somente em notas de rodapé ou em referências bibliográficas).

Além dos textos selecionados desta maneira, considerou-se imprescindível ao objetivo deste estudo, incluir o livro *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* na seleção, tendo em vista que é nestes ensaios, numa nota de rodapé, que o termo *narcisismo* é publicado pela primeira vez na obra de Sigmund Freud, conforme já apontado na Introdução.

Feita a seleção dos textos a serem utilizados, o estudo dos mesmos se deu a partir da edição impressa das obras completas de Sigmund Freud, em específico a Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, de 1996. Sendo assim, apesar da busca inicial ter sido feita pela versão digital, cada texto utilizado tem como referência a edição impressa, que foi a escolhida para o estudo em si.

Para cada texto analisado foi adotado um procedimento padrão: depois do texto ter sido selecionado por conter o vocábulo *narcisismo* em seu corpo, foram analisadas todas as passagens do corpo do texto em que este se encontrava, sem exceção. Além disso, também foram estudadas aquelas passagens em que o termo *narcisismo* aparecia em notas de rodapé escritas por Sigmund Freud, quando elas acrescentavam algo para a compreensão do conceito (i.e., não se utilizavam notas de rodapé em que havia apenas referências ao texto cujo nome leva o termo *narcisismo*). Somando-se a isso, também foram analisados os trechos que continham derivados do vocábulo *narcisismo*, a saber, *narcísico*, *narcísica* e *narcisista*, quando tais trechos eram

julgados relevantes para o objetivo deste estudo.

De modo geral, considerando-se todas as passagens selecionadas, optou-se pela análise em separado de cada uma; entretanto, em alguns momentos preferiu-se unir uma ou mais referências, a fim de se ter um resultado mais coeso, sintético e didático.

Em resumo, o procedimento geral pode ser assim descrito: seleção dos textos baseada na presença do termo *narcisismo* no corpo do texto; análise dos trechos do corpo do texto que contenham o vocábulo; análise dos trechos fora do corpo do texto que contenham o vocábulo, desde que sejam pertinentes ao estudo; análise dos trechos que contenham derivados do termo (*narcísica*, *narcísico* e *narcisista*), seja no corpo do texto ou fora dele, quando pertinentes ao estudo.

Por fim, diante da necessidade, pretendeu-se utilizar comentadores e estudiosos da Psicanálise e de Sigmund Freud, a fim de uma maior e mais eficaz compreensão do conceito de narcisismo e apreensão da teoria como um todo.

Material

A partir do procedimento acima descrito, foi possível encontrar quarenta e dois textos em que aparece o vocábulo *narcisismo*, os quais foram selecionados para o estudo. Nesses textos, o narcisismo foi mencionado 168 vezes no corpo do texto, o que serviu de parâmetro para a seleção dos mesmos. Todas estas menções foram estudadas no presente trabalho. Além destas, o narcisismo também foi estudado em 8 notas de rodapé escritas por Sigmund Freud, nas quais o vocábulo foi encontrado. Por fim, foi possível encontrar e trabalhar com 172 passagens em que os termos derivados de narcisismo (*narcísica*, *narcísico* e *narcisista*) apareciam nos textos selecionados, seja no corpo do texto ou em notas de rodapé.

O **Apêndice A** traz informações detalhadas sobre a localização destes termos na Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, de 1996.

Organização do material

Como regra geral, os textos selecionados foram analisados em ordem cronológica de publicação. Quando houve exceção à regra, o motivo pelo qual isto aconteceu foi explicitado no decorrer do texto. A preferência por este critério de organização se deu devido à maior facilidade que se tem em encontrar as datas de publicação. Foi pensada a possibilidade de se trabalhar com a época de escrita dos textos, mas este critério pareceu um tanto impreciso em alguns casos.

Optou-se por separar os textos selecionados em três capítulos. O primeiro capítulo reúne os textos que foram publicados anteriormente ao artigo *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*. O segundo capítulo foi inteiramente dedicado ao estudo deste último, tendo em vista sua importância para o presente estudo. Já o terceiro capítulo, o mais longo, foi reservado aos textos posteriores ao artigo.

CAPÍTULO 1 – TEXTOS ANTERIORES AO NARCISISMO

O termo narcisismo aparece pela primeira vez na obra de Freud, conforme já apontado na introdução deste trabalho, em Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade (1905), numa nota de rodapé adicionada ao texto em 1910, dentro do tópico “Objeto Sexual dos Invertidos”:

É verdade que a psicanálise não trouxe até agora um esclarecimento completo da origem da inversão; não obstante, desvendou o mecanismo psíquico de sua formação e enriqueceu substancialmente a colocação dos problemas envolvidos. Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos atravessaram, nos primeiros anos de sua infância, uma fase muito intensa, embora muito breve, de fixação na mulher (em geral, a mãe), após cuja superação identificaram-se com a mulher e tomaram a si mesmos como objeto sexual, ou seja, a partir do **narcisismo** buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou (...) (FREUD, 1996a, p.137)¹.

Pode-se notar, que o motivo da utilização do narcisismo neste trecho é a explicação da escolha objetal dos “invertidos”, isto é, os homossexuais. Freud teria encontrado o mecanismo psíquico responsável pelo desenvolvimento da “inversão”, utilizando-se do termo narcisismo para definir o movimento de tomar a si mesmo como objeto sexual, ou amar a si mesmo, como a mãe, ou outra figura materna, amara o futuro homossexual.

Neste trecho, acima destacado, é possível perceber que pouco se pode apreender a respeito do narcisismo, o qual ainda não era tido como um conceito, de fato, na obra de Freud. Se alguma definição pudesse ser tirada daí seria somente inferindo que na frase “(...) identificaram-se com a mulher e tomaram a si mesmos como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa (...)” (FREUD, 1996a, p.137) tomar a si mesmo como objeto sexual equivalha a ideia de narcisismo. Ainda que isto fique sugerido, sem o acesso a outros textos freudianos, não é possível dizer muito mais a respeito do que significa o termo para Freud.

Numa nota de rodapé posterior, acrescentada em 1915, Freud apontaria como uma das características essenciais dos tipos invertidos a “vigência da

¹ O destaque da expressão ‘narcisismo’ foi feito pelo autor do presente trabalho.

*escolha narcísica de objeto*²” (FREUD, 1996a, p.138), de onde podemos entender que escolher um objeto de mesmo sexo, no caso dos homossexuais, é entendido como uma “*escolha narcísica de objeto*” porque isto tem relação com a tomada de si mesmo como objeto sexual. Isto é, no início parte-se de uma identificação com uma mulher, em geral a mãe, seguida de uma escolha de objeto no qual o objeto se parece consigo mesmo, devido a um investimento objetal em si mesmo – narcísico – anterior à “*escolha narcísica de objeto*”, esta que aparece na frase em destaque.

É interessante pensar, a partir do estudo desta passagem, se Freud estaria propondo que a “*escolha narcísica de objeto*” não diz respeito a um investimento em si mesmo, mas a um investimento objetal que tem sua “causa”, sua origem, num investimento em si mesmo que ocorre antes, e que agora teria sido deslocado para o outro, atualizado no outro, mas ainda assim sendo um objeto que não o próprio ego; ou se, de forma diferente, estaria propondo que a “*escolha narcísica de objeto*” seria um tipo especial de escolha de objeto, em que, ao investir um objeto que “representa” o próprio indivíduo/ego, remetendo aquele si mesmo investido pela mãe no passado, o sujeito estaria realizando uma espécie de solução de compromisso, em que, através do investimento no objeto, estaria investindo no próprio ego. A questão que se coloca aqui é se o investimento que se dá na “*escolha narcísica de objeto*” é um investimento no objeto, conforme a primeira hipótese; ou se é um investimento no próprio ego, através de uma representação do ego que está associada ao objeto, como se automaticamente redirecionasse a libido ao ego. Ou ainda, mais controverso, se não seria um investimento em ambos, no ego e no objeto, ao mesmo tempo, sendo o objeto uma representação substituta do ego, quase que uma “fusão” dos dois – ego e objeto.

Mais à frente, ainda nos Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, mais especificamente na terceira parte: “As Transformações da Puberdade”, encontra-se uma seção que “baseia-se essencialmente no ensaio de Freud sobre o narcisismo” (JAMES STRACHEY, 1996a, p.205), na qual todos os parágrafos, exceto o último que foi incluído em 1920, foram escritos em 1915

² O trecho original está em itálico.

(FREUD, 1996a).

Nesta seção, chamada “A Teoria da Libido”, Freud explica o conceito de *libido* criado por ele³, combinando as hipóteses que envolvem este conceito com as hipóteses apresentadas no tópico anterior dos Ensaio, que apontam para bases químicas para a excitação sexual (FREUD, 1996a). Freud define a libido de modo quantitativo, o que possibilitaria a medição da dinâmica da excitação sexual, a nível psíquico; e de modo qualitativo, diferenciando-a da energia responsável por outros processos anímicos, no que se refere à particularidade de sua origem (FREUD, 1996a). No trecho a seguir, Freud discorre a respeito da *libido do ego*:

Chegamos assim à representação de um *quantum* de libido a cujo substituto psíquico damos o nome de *libido do ego*, e cuja produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento devem fornecer-nos a possibilidade de explicar os fenômenos psicosexuais observados. (FREUD, 1996a, p.205)

Sobre a libido do ego, continua Freud (1996a):

Vemo-la então concentrar-se nos objetos, fixar-se neles ou abandoná-los, passar de uns para outros e, partindo dessas posições, nortear no indivíduo a atividade sexual que leva à satisfação, ou seja, à extinção parcial e temporária da libido (...) Podemos ainda inteirar-nos, no tocante aos destinos da libido, de que ela é retirada dos objetos, mantém-se em suspenso em estados particulares de tensão e, por fim, é trazida de volta para o interior do ego, assim se reconvertendo em libido do ego. Em contraste com a libido do objeto, também chamamos a libido do ego de libido *narcísica*. (p.205-206)

Nestes dois trechos, escritos em 1915, o autor tenta apresentar a libido do ego, colocá-la em termos econômicos e dinâmicos, chamando-a também de libido *narcísica*. É possível notar que, através da economia libidinal, Freud acredita que encontrará a explicação para determinados fenômenos psicosexuais – entende-se que ele se refere às perversões e psiconeuroses, citadas anteriormente na seção. Até os trechos apresentados, Freud aponta duas coisas: que pôde ter uma visão clara dos fenômenos apresentados a partir das neuroses de transferência e que aquilo que viria a seguir, a explicação do

³ A importância do entendimento do conceito de libido é capital para a compreensão do conceito de narcisismo, tendo em vista que este aparece muitas vezes, senão todas, definido em termos libidinais, como será notado ao longo deste trabalho.

movimento da libido narcísica e de sua relação com a libido objetal, não era acessível à psicanálise da época, em 1915, porque não dependia somente da observação deste tipo de neurose, a de transferência. Àquela época, Freud entendia que a psicanálise ainda não conseguia informações seguras a respeito da libido do ego, *narcísica*, apenas conseguindo trabalhar com a libido do objeto. Isto fica claro pela leitura da própria seção e através de uma nota adicionada pelo autor em 1924 (FREUD, 1996a), na qual afirma que as restrições impostas anteriormente não se aplicavam mais, porque a psicanálise já teria atingido o ponto em que podia acessar as outras neuroses – e a libido do ego.

Em seguida, impostas e depois retiradas as restrições, o autor apresenta suas hipóteses referentes ao movimento da libido *narcísica* e sua relação com a libido do objeto:

A libido narcísica ou do ego parece-nos ser o grande reservatório de onde partem as catexias de objeto e no qual elas voltam a ser recolhidas, e a catexia libidinosa narcísica do ego se nos afigura como o estado originário realizado na primeira infância, que é apenas encoberto pelas emissões posteriores de libido, mas no fundo se conserva por trás delas. (FREUD, 1996a, p.206)

Nota-se que este parágrafo traz alguns elementos daquilo que foi introduzido com a construção do conceito de narcisismo até sua consolidação em *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*, como o movimento da libido em direção aos objetos e de retorno ao ego, assim como a ideia de que ela seja um reservatório ou mesmo que o investimento libidinal narcísico tenha aparecido na primeira infância e se constitua como “base” das catexias de objeto. Também fica claro, entretanto, que estes elementos não são aqui explicitados em detalhe, mas para não perder de vista a cronologia pretendida neste trabalho, pretende-se discutir estes tópicos conforme surgirem ao longo da obra de Freud.

No início do parágrafo seguinte, o autor deixa evidente a importância da libido do ego para compreensão dos distúrbios psicóticos, o que será sustentado com maior respaldo em momentos ulteriores:

Deveria ser tarefa de uma teoria da libido, no campo dos distúrbios neuróticos e psicóticos, expressar todos os fenômenos observados e os processos deduzidos em termos da economia libidinal. É fácil inferir que, nesse contexto, cabe aos destinos da libido do ego a significação maior, sobretudo quando se trata de explicar as perturbações psicóticas mais profundas. (FREUD, 1996a, p.206)

Como visto, temos uma seção em que são acrescentados pontos essenciais da Teoria da Libido e que só foi possível de ser escrita após a criação e maturação de alguns conceitos psicanalíticos, entre eles o narcisismo. Por fim, depois desta, há uma última referência ao conceito de narcisismo, através de sua derivação – narcísica - numa nota de rodapé acrescentada em 1915 e encontrada na seção “O Encontro do Objeto”, também na terceira parte dos ensaios:

A psicanálise ensina que há dois caminhos para o encontro do objeto; o primeiro, mencionado no texto, dá-se por *apoio* em modelos infantis primitivos, e o segundo, o narcísico, busca o ego do próprio sujeito e vai reencontrá-lo em outrem. Este último tem uma importância particularmente grande para os desfechos patológicos, mas não vem ao caso no contexto aqui tratado. (FREUD, 1996a, p.210)

A nota de rodapé aparece associada à frase “O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (FREUD, 1996a, p.210). Nela, o termo *narcísico* novamente se refere a busca pelo ego, agora indicando que um dos caminhos para que o indivíduo “realize” sua escolha objetual é atualizando sua escolha por si mesmo como objeto em outra pessoa⁴.

A próxima vez em que a palavra narcisismo é encontrada na obra de Freud é no artigo Leonardo Da Vinci e Uma Lembrança de Sua Infância, de 1910, publicada alguns meses após a inclusão da nota de rodapé nos Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, no mesmo ano, referida como a primeira aparição do termo em suas obras.

Na passagem em que aparece o termo, novamente Freud estaria discutindo a gênese psíquica da homossexualidade. Mais precisamente, estaria dialogando com teóricos defensores dos homossexuais, os quais declaravam que os homossexuais seriam pertencentes a um “terceiro sexo” ou a um estágio intermediário no que se refere a sexualidade, atribuindo a fatores orgânicos inatos a predisposição a encontrar prazer com outros homens. Freud entende que a psicanálise poderia contribuir para o entendimento da homossexualidade

⁴ Aqui, novamente, é possível pensar na mesma questão colocada alguns parágrafos acima: haveria um investimento (1) no objeto, (2) no ego - através de uma representação que remete a ele, quase que redirecionando a libido ao ego através do objeto -, ou (3) no ego e no objeto, na escolha objetual do tipo narcísica?

e para verificação das afirmações daqueles teóricos (FREUD, 1996b).

Conforme o autor:

Em todos os nossos casos de homossexuais masculinos, os indivíduos haviam tido uma ligação erótica muito intensa com uma mulher, geralmente sua mãe, durante o primeiro período de sua infância, esquecendo depois esse fato; essa ligação havia sido despertada ou encorajada por demasiada ternura por parte da própria mãe, e reforçada posteriormente pelo papel secundário desempenhado pelo pai durante sua infância (FREUD, 1996b, p.106)

Interessante notar neste excerto a importância dada ao papel ambiental para o estabelecimento da homossexualidade. Não obstante, Freud não parece refutar a contribuição do fator genético, mas aponta-o como não decisivo, em nota de rodapé acrescentada em 1919, na página seguinte (FREUD, 1996b). A relevância da repressão⁵, admitida no fragmento “esquecendo depois desse fato” também é capital. Ultrapassado este estágio, seria justamente através da repressão que a criança seria “impedida” de continuar a amar sua mãe conscientemente. É aí que surgem presságios do narcisismo: reprimido o amor pela mãe, o sujeito passa a identificar-se com ela, tomando a si mesmo como ideal de objeto, com o qual os futuros objetos de amor deverão se assemelhar, isto é, seus objetos de amor passarão a ser escolhidos segundo o modelo do narcisismo (FREUD, 1996b, 1996b). Ter-se-ia tornado, então, um homossexual:

Desse modo ele transformou-se num homossexual. O que de fato aconteceu foi um retorno ao auto-erotismo, pois os meninos que ele agora ama à medida que cresce, são, apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância - meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando era ele uma criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do narcisismo, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome. (FREUD, 1996b, p.106)

Claramente, vemos o narcisismo definido em termos de autoerotismo e de amor por si mesmo reatualizado em outros objetos, como lembrança do amor

⁵ Ao longo do trabalho, preferiu-se utilizar o termo *repressão*, ao invés de *recalque*, apesar deste último ser considerado mais apropriado por alguns autores (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Acredita-se que mantendo a escolha da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud para a tradução do termo, haveria menos confusão para o leitor, tendo em vista que as citações literais aparecem sempre com o termo *repressão*. Soma-se a isso o fato de que o termo *repressão* pode ser considerado o mais adequado, como o faz Mezan (2001).

materno. É como se o prazer que ele obtinha do amor materno, agora fosse possível de ser obtido, através de objetos substitutivos de si mesmo. Mas agora, quem busca o prazer e quem obtém o prazer, ou seja, o sujeito e o objeto, “são”/remetem à mesma coisa: a si mesmo, isto é, não obstante serem objetos externos ao ego, estes representam o próprio indivíduo. Nesse sentido, poder-se-ia entender como uma forma de autoerotismo, num tipo de investimento que se dá de modo que a representação do objeto remete a si mesmo.

Ao contrário do que se tem na nota de rodapé dos Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade (FREUD, 1996a), o extrato de Leonardo Da Vinci e Uma Lembrança de Sua Infância (FREUD, 1996b) que contém a expressão narcisismo já traz mais indícios do que viria a ser e já estaria se constituindo como o conceito de narcisismo na obra de Freud.

O próximo texto que irá trazer a concepção de narcisismo é Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (FREUD, 1996c). Quanto a este texto, James Strachey (1996c) aponta a importância como precursor da série de artigos metapsicológicos publicados posteriormente:

A importância da análise de Schreber, contudo, de maneira alguma se restringe à luz que lança sobre o problema da paranóia. A terceira parte, especialmente, foi, sob muitos aspectos (...) precursora dos artigos metapsicológicos a que Freud se dedicou, três ou quatro anos mais tarde. Expuseram-se vários temas que posteriormente deveriam ser examinados mais detalhadamente. Assim, as observações sobre o narcisismo (...) antecederam o artigo dedicado a este tema (...). (p.17)

Ao contrário dos textos anteriores, na terceira parte do artigo sobre o caso Schreber, intitulada “Sobre o Mecanismo da Paranóia”, podemos encontrar um esclarecimento mais amadurecido a respeito da concepção de narcisismo para Freud. Como o título já diz, o autor estaria tentando elucidar o mecanismo da paranoia, através de inumeráveis estudos que havia realizado, entre eles, o de Daniel Paul Schreber, estudo este que, não obstante ter sido iniciado com Schreber ainda vivo, se daria a partir de sua autobiografia, escrita em 1903, nomeada “Memória de um Doente dos Nervos” (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Freud estaria buscando o que há de característico naquilo que é chamado de paranoia ou *dementia paranoides*, como também era conhecida. Segundo ele, a particularidade da doença não era encontrada nos sintomas, ao passo que

outros tipos de neuroses igualmente apresentavam a sintomatologia. Sendo assim, o que caracterizaria a paranoia seria o mecanismo de formação dos sintomas. Dito de outra forma, como se daria a repressão (FREUD, 1996c). Mais especificamente:

Tenderíamos a dizer que caracteristicamente paranóico na doença foi o fato de o paciente, para repelir uma fantasia de desejo homossexual, ter reagido precisamente com delírios de perseguição desta espécie (...) Estas considerações emprestam, portanto, peso adicional à circunstância de que somos, na realidade, levados pela experiência a atribuir às fantasias de desejo homossexuais uma relação íntima (talvez invariável) com essa forma específica de enfermidade (...) Ficamos estupefactos ao descobrir que, em todos esses casos, uma defesa contra o desejo homossexual era claramente identificável no próprio centro do conflito subjacente à moléstia, e que fora num[a] tentativa de dominar uma corrente inconscientemente reforçada de homossexualismo que todos eles haviam fracassado. (FREUD, 1996c, p.67)

Embora o fragmento acima não traga o narcisismo como tema, é possível perceber que um denominador comum aparece: a homossexualidade. Esta aparece na maioria dos excertos trabalhados até aqui em que se encontra a expressão narcisismo, já levantando indícios de que há algo na paranoia que envolva o conceito⁶.

De fato, reclamando os conhecimentos que a psicanálise desenvolveu até o momento, Freud se propõe no parágrafo seguinte a trazer a compreensão de sua disciplina a respeito da relação entre os desejos homossexuais e a paranoia à luz do narcisismo. Ou melhor, da relação entre o narcisismo e a paranoia (FREUD, 1996c).

Freud (1996c) elabora que o narcisismo seria um estágio entre o autoerotismo e o amor objetal. E explica:

O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até aqui haviam estado empenhados em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subseqüentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto. Essa fase eqüidistante entre

⁶ Cabe destacar que, no artigo sobre Schreber, é só após explicar o importante papel que o desejo homossexual tem na constituição da paranoia, que Freud voltará a atenção aos mecanismos através dos quais a repressão ocorre e os sintomas são formados nesta enfermidade (FREUD, 1996c), assuntos que não serão objetos deste estudo.

o auto-erotismo e o amor objetal pode, talvez, ser indispensável normalmente; mas parece que muitas pessoas se demoram por tempo inusitadamente longo nesse estado e que muitas de suas características são por elas transportadas para os estádios posteriores de seu desenvolvimento. (FREUD, 1996c, p.68-69)

O narcisismo passa a ser definido como um estágio intermediário entre autoerotismo e amor objetal, o qual seria indispensável ao desenvolvimento, e que poderia ser determinante para os estágios posteriores, a depender de como os indivíduos viveriam tal fase. Resta saber como ocorre esta reunião de instintos⁷ sexuais e a tomada de si próprio como objeto amoroso seguida do amor objetal. Ou mesmo por que isto ocorre ou precisaria ocorrer, algo que parece não ficar claro na passagem destacada.

Seguidamente, o pensamento do autor se desenrola até chegar às determinações da homossexualidade, trazendo novas ideias relacionadas à importância da genitália para a escolha homossexual, assim como das inúmeras relações que lhes são particulares ao longo da vida e em diversos contextos. Similarmente, aponta a passagem da fase homossexual à heterossexual, salientando que os homossexuais nunca teriam se emancipado “da condição obrigatória de que o objeto de sua escolha deve possuir órgãos genitais como os seus” (FREUD, 1996c, p.69). Entretanto, desenvolver estas passagens, as quais se dão em poucas páginas da seção em debate, não é intuito deste trabalho. O que interessa é entender como Freud passa dessas considerações à paranoia, tropeçando no narcisismo neste percurso.

Há um entendimento, por parte de Freud, “de que cada estágio no desenvolvimento da psicosexualidade fornece uma possibilidade de ‘fixação’, e, assim, de um ponto disposicional” (FREUD, 1996c, p.69). Não poderia ser diferente com o narcisismo, agora tendo sido definido como um estágio deste tipo, intermediário entre o autoerotismo e o amor objetal.

É importante compreender o que são instintos sexuais para compreender tanto a fixação no estágio de narcisismo como a paranoia. Segundo o autor:

⁷ Ao longo do trabalho, preferiu-se utilizar o termo *instinto*, ao invés de *pulsão*, a qual seria uma tradução mais apropriada da palavra *trieb*, em alemão (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Acredita-se que mantendo a escolha da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud para a tradução do termo, haveria menos confusão para o leitor, tendo em vista que as citações literais aparecem sempre com o termo *instinto*. Basta que o leitor troque por *pulsão*, sempre que ler *instinto*.

Após o estágio de escolha objetal heterossexual ter sido atingido, as tendências homossexuais não são, como se poderia supor, postas de lado ou interrompidas; são simplesmente desviadas de seu objetivo sexual e aplicadas a novas utilizações. Combinam-se agora com partes dos instintos do ego e, como componentes 'ligados', ajudam a constituir os instintos sociais, contribuindo assim como um fator erótico para a amizade e a camaradagem, para o *esprit de corps* e o amor à humanidade em geral. (FREUD, 1996c, p.69)⁸

Na passagem, não fica muito claro como os instintos sociais seriam constituídos, tendo em vista que ocorre uma combinação dos instintos do ego e as tendências homossexuais, os quais *ajudam* a constituir os instintos sociais. O verbo *ajudar* dá margem à compreensão de que isto não basta para constituir os instintos sociais, sendo necessário algo mais para que se constituam. Mesmo sem elucidar esta questão, no parágrafo seguinte, Freud (1996c) explicará o mecanismo da paranoia.

Ao que tudo indica, na próxima vez que a expressão narcisismo aparece no texto, Freud (1996c) propõe que quando há uma fixação no estágio de narcisismo, existe um risco de que uma libido excessivamente intensa encontre um alvo por meio da sexualização dos instintos sociais. Assim, entende-se que poderia haver uma quebra das sublimações que haviam permitido as relações de amizade, camaradagem, isto é, com os objetos dos instintos sociais, dando lugar a uma expectativa amorosa – não exclusivamente de amizade/camaradagem -, o que poderia ser produzido por “qualquer coisa que faça a libido fluir regressivamente” (FREUD, 1996c, p.70).

Freud (1996c) não é muito conclusivo em suas considerações finais neste parágrafo a respeito da paranoia: segundo ele, fica demonstrado que na paranoia há um esforço para impedir que os instintos sociais sejam sexualizados como descrito acima, levando o autor a supor que o ponto fraco no desenvolvimento dos paranoicos e sua disposição à enfermidade esteja justamente em algum dos estágios que se relacionam a este fato, isto é, no autoerotismo, narcisismo e homossexualismo. Pode-se perceber que Freud dá destaque à relação entre fixação no estágio do narcisismo e sexualização dos

⁸ *Esprit de corps* é uma expressão que significa sentimento de lealdade e orgulho compartilhado pelos membros de um grupo os quais se consideram diferentes de outro grupo por alguma característica especial.

instintos sociais, mas depois não traz nenhuma certeza quanto à paranoia e os estágios do autoerotismo, do narcisismo e do homossexualismo, situando o problema em algum lugar entre eles.

No mesmo texto, o narcisismo vai ser utilizado novamente quando Freud está explicando que as principais formas de paranoia conhecidas se resumem a contradições da frase “eu o amo”, seja por meio dos delírios de ciúme, que contradizem o sujeito da frase; seja por meio dos delírios de perseguição que contradizem o predicado; seja pela erotomania, que contradiz o objeto; ou mesmo pela megalomania, que contradiz a frase toda (FREUD, 1996c). Quando vai explicar os delírios de ciúme nas mulheres paranoicas, o narcisismo aparece como efeito disposicional para suas atitudes:

A mulher ciumenta suspeita do marido em relação a todas as mulheres por quem ela própria é atraída, devido ao seu homossexualismo e ao efeito disposicional de seu narcisismo excessivo. A influência da época da vida em que sua fixação ocorreu é claramente demonstrada pela seleção dos objetos amorosos que imputa ao marido; são amiúde velhas e inteiramente inapropriadas para uma relação amorosa real – revivescência das babás, criadas e meninas que foram suas amigas na infância, ou das irmãs, que foram suas rivais verdadeiras. (FREUD, 1996c, p.72)

O próximo fragmento em que aparece o narcisismo no artigo sobre Schreber, é, justamente, nos entremeios das hipóteses sobre os mecanismos de formação dos sintomas e da repressão na paranoia. No trecho, Freud (1996c) está levantando algumas considerações a partir do estudo destes mecanismos. Nestas considerações, trata da ideia de um desligamento de libido, que ocorreria não só na paranoia, mas também em outras doenças, e especialmente por não ocorrer somente na paranoia, afirma que não poderia ser fator patogênico do acometimento, exceto se houvesse algo nesse desligamento que fosse particular ao caso da paranoia. É aí que o narcisismo aparece novamente. A particularidade da paranoia é que, após este desligamento da libido, esta, agora liberada, vai retornar ao ego, engrandecendo-o:

Faz-se assim um retorno ao estágio do narcisismo (que reconhecemos como estágio do desenvolvimento da libido), no qual o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio ego. Com base nesta evidência clínica, podemos supor que os paranóicos trouxeram consigo uma fixação no estágio do narcisismo, e podemos asseverar que a extensão do retrocesso do homossexualismo sublimado para o narcisismo

constitui medida da quantidade de regressão característica da paranóia. (FREUD, 1996c, p.79-80)

Finalmente, neste trecho, Freud conclui a respeito de qual a relação entre a afecção da paranoia e o estágio do narcisismo, inclusive, atribuindo à severidade da regressão ao narcisismo a possibilidade da medida da quantidade de regressão peculiar à paranoia. Essencial destacar que o próprio Freud (1996c) vai colocar uma objeção à ideia de que o paranoico retire totalmente a libido do mundo externo, sendo “muito mais provável que a relação alterada do paranoico com o mundo deva ser explicada inteira ou principalmente pela perda de seu interesse libidinal” (FREUD, 1996c, p.82).

A última vez que o narcisismo vai aparecer no artigo do caso Schreber é na tentativa de diferenciação entre a paranoia e a demência precoce. Nesta última, a regressão se daria até o estágio de autoerotismo infantil, abandonando-se o amor objetal. Enquanto na paranoia ocorre uma regressão ao estágio do narcisismo, na demência precoce a regressão é até um estágio ainda anterior, o do autoerotismo. Quanto à fixação, novamente é situada sem muita precisão, em algum ponto entre o estágio do autoerotismo e do amor objetal (FREUD, 1996c).

A próxima referência ao termo vai aparecer apenas dois anos depois. Em *A Disposição à Neurose Obsessiva: Uma Contribuição ao Problema da Escolha da Neurose*, de 1913, encontra-se duas vezes a referência ao narcisismo, de forma bem mais tímida quando comparada aos escritos sobre Schreber.

Na primeira, aparece ao discutir o problema da escolha da neurose e das disposições que resultam nesta escolha, junto à conclusão de que a fixação disposicional das parafrenias – paranoia e demência precoce – deve ser procurada nos estágios libidinais do autoerotismo e do narcisismo (FREUD, 1996d).

A segunda remonta à inserção do narcisismo entre os estágios de autoerotismo e de amor objetal, ou fase genital, necessária diante dos estudos das parafrenias. Na passagem em questão, o autor estaria retomando os estágios de desenvolvimento libidinais antes de apresentar um novo estágio, cujos instintos componentes seriam o anal-erótico e o sádico. Não é trazido nada de novo quanto ao conceito de narcisismo, como podemos notar pela definição trazida: “estádio do narcisismo, durante o qual a escolha de um objeto já se

realizou, mas esse objeto coincide com o próprio ego do indivíduo” (FREUD, 1996d, p.342-343). É relevante apontar que no parágrafo em que se encontra este fragmento, surge pela primeira vez a expressão *organização pré-genital*, segundo James Strachey (1996d), ainda que Freud (1996d) considere incompleta a hipótese de uma organização sexual pré-genital.

A aparição ulterior do conceito de narcisismo surge naquele que seria considerado o primeiro texto “social” de Freud: Totem e Tabu, terminado em 1913. Não obstante o tema do livro girar em torno de outras questões, que não aquelas metapsicológicas, neste texto há algum avanço naquilo que se pode compreender do narcisismo como estágio do desenvolvimento libidinal.

A passagem em que fala sobre o narcisismo está na terceira parte do texto: Animismo, Magia e a Onipotência de Pensamentos. Nela, Freud (1996e) inicia afirmando a necessidade de se inserir uma terceira fase de desenvolvimento libidinal entre o autoerotismo e o amor objetal, mais especificamente, que a fase do autoerotismo seja dividida em duas, criando-se uma nova: o narcisismo. Segundo o autor, tal nome foi atribuído em função das fixações patológicas observadas nesta fase. O narcisismo é definido da mesma forma como vinha sendo definido até o momento, mas há uma novidade na frase após a última vírgula do fragmento a seguir:

Nessa fase intermediária (...) os instintos sexuais até então isolados já se reuniram num todo único e encontraram também um objeto. Este objeto, porém, não é um objeto externo, estranho ao sujeito, mas se trata de seu próprio ego, que se constituiu aproximadamente nessa mesma época (Freud, 1996e, p.101-102).

Pela primeira vez nos trechos em que encontramos o conceito de narcisismo, foi possível estabelecer uma correlação entre o momento em que se dá o estágio do narcisismo e a constituição do ego: Freud (1996e) parece apontar que o ego é constituído próximo à fase do narcisismo.

Logo em seguida, o autor ilustra: “O sujeito comporta-se como se estivesse amoroso de si próprio; seus instintos egoístas e seus desejos libidinais ainda não são separados por nossa análise” (FREUD, 1996e, p.102), em que parece haver uma indistinção entre instintos voltados para o ego e desejos libidinais.

A grande novidade, entretanto, aparenta ser o que está escrito no parágrafo seguinte. Freud (1996e) entende que mesmo depois de atingir o estágio em que há investimento de libido nos objetos, nunca se abandonaria o narcisismo por completo. Tal afirmação é explicada por meio do movimento que a libido faz quando é direcionada aos objetos. Segundo o autor, a libido, utilizada para catexizar os objetos, seria proveniente do ego, a qual poderia retornar novamente a ele, conforme podemos observar no fragmento citado:

Embora ainda não estejamos em posição de descrever com exatidão suficiente as características dessa fase narcisista, na qual os instintos sexuais até então dissociados se reúnem numa unidade isolada e catexizam o ego como objeto, já temos motivos para suspeitar que essa organização narcisista nunca é totalmente abandonada. Um ser humano permanece até certo ponto narcisista, mesmo depois de ter encontrado objetos externos para a sua libido. As catexias de objetos que efetua são, por assim dizer, emanações da libido que ainda permanece no ego e pode ser novamente arrastada para ele. (FREUD, 1996e, p.102)

Esta provavelmente é a maior contribuição a ideia de narcisismo que pode ser encontrada no texto em questão. Depois disso, Freud irá retomar o emprego da palavra mais algumas vezes (FREUD, 1996e), descritas mais rapidamente a seguir.

Numa delas, Freud (1996e) relaciona a alta valorização dos atos psíquicos com o narcisismo, tanto por parte dos povos primitivos, como por parte dos neuróticos. Tal valorização será retomada posteriormente no mesmo texto (FREUD, 1996e), entendendo-a como um componente do narcisismo. No caso dos povos primitivos, haveria um excesso de catexia libidinal do pensamento, isto é, ainda teriam os pensamentos como bastante sexualizados. Já os neuróticos, conservariam parte desta catexia libidinal dos pensamentos dos povos primitivos, mas também teriam seus processos de pensamento libidinizados como alternativa à repressão sexual pela qual passaram. Em ambos os casos o “resultado psicológico deve ser o mesmo (...): narcisismo intelectual e onipotência de pensamentos” (FREUD, 1996e, p.102).

Em outra, está fazendo uma comparação entre “as fases do desenvolvimento da visão humana do universo e as fases do desenvolvimento libidinal do indivíduo” (FREUD, 1996e, p.103). Nesta comparação ele associa a fase animista com a fase narcisista do desenvolvimento libidinal; a fase religiosa

à fase da escolha objetal; e a fase da ciência com a etapa em que o indivíduo alcança a maturidade, renunciando ao princípio do prazer, atendo-se ao princípio da realidade e podendo sair em busca de seus objetos de desejo (FREUD, 1996e). No texto de Freud, o parágrafo que fala sobre esta comparação é acompanhado, ao final, de uma nota de rodapé:

Farei aqui apenas uma breve alusão ao fato de que o narcisismo original das crianças tem uma influência decisiva sobre nossa visão do desenvolvimento de seu caráter e exclui a possibilidade de terem elas qualquer sensação primária de inferioridade. (FREUD, 1996e, p.103)

É a primeira vez que o autor fala sobre a ideia de narcisismo original. Ainda não é possível ter, claramente, uma perspectiva a respeito do que isso significa. Entende-se, por ora, que estaria usando *original* no sentido cronológico do termo, para qualificar o narcisismo quando aparece pela primeira vez, nas crianças. Entretanto, também é possível pensar numa ideia de algo inato, que tem caráter próprio, sem seguir algum modelo, apesar desta aceção ser menos provável. De toda a forma, pode-se retirar do trecho que há uma correlação entre o narcisismo original e o desenvolvimento do caráter da criança, além do fato de que este narcisismo original parece proteger a criança de sentimentos de inferioridade.

Um pouco à frente, Freud (1996e) adiciona uma nota de rodapé, numa passagem em que está retomando a ideia de que os espíritos e demônios são apenas projeções do ser humano no mundo externo, dizendo que nesta fase primitiva do narcisismo, ainda estariam indistinguíveis as catexias de fontes libidinais e de outras fontes de excitação.

A última menção ao narcisismo, por fim, é feita em oposição ao reconhecimento da necessidade, esta sendo entendida como um produto cultural resultado da atitude do homem primitivo de refletir e abrir mão de suas vontades e de sua onipotência a fim de atender aos espíritos (FREUD, 1996e).

Outra aparição tímida do narcisismo se dá no texto O Interesse Científico da Psicanálise, também de 1913, no tópico O Interesse Educacional da Psicanálise. O conceito aparece quando Freud está enumerando as descobertas sobre o tema da infância que a psicanálise proporcionou, causando espanto incrédulo. Entre elas se encontra o amor a si próprio, isto é, o narcisismo. O autor

assevera que as descobertas da psicanálise têm importância capital na educação de crianças (FREUD, 1996f).

A última obra que será estudada nesta primeira parte do presente trabalho é A História do Movimento Psicanalítico, de 1914⁹. No fragmento onde o vocábulo é encontrado (FREUD, 1996g), o autor está contrapondo as ideias de Adler, de que “o propósito de auto-afirmação do indivíduo, sua ‘vontade de poder’, é o que, sob a forma de um ‘protesto masculino’, desempenha papel dominante na sua conduta, na formação do caráter e na neurose” (FREUD, 1996g, p.62). Especificamente no parágrafo onde o narcisismo aparece, há uma oposição à ideia de Adler de *protesto masculino* como única força motivadora da vida mental. No excerto, Freud (1996g) aponta diversas contradições que enxerga na hipótese adleriana, as quais não cabem ser apresentadas aqui. O ponto chave para o este estudo é que, ao rebater as hipóteses de protesto masculino, Freud (1996g) utiliza-se do *narcisismo primário*, conceito que estaria sendo trabalhado paralelamente no texto de introdução ao narcisismo e que nunca tinha sido antes enunciado, para rebater a ideia de *protesto masculino* de Adler. Segundo Freud (1996g), “O que houve de protesto masculino pode-se facilmente remontar a uma perturbação do narcisismo primário devido a ameaças de castração ou às primeiras coerções das atividades sexuais” (p.63).

Evidentemente, para compreender a oposição a Adler formulada por Freud, é necessário o entendimento do que significa o *narcisismo primário* aqui colocado. Para isso, será necessário estudar o principal artigo utilizado como referência para este trabalho, Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, de 1914, o que será feito na próxima seção, dedicada exclusivamente a ele.

⁹ Cabe aqui uma ressalva ao leitor: a escolha por tratar deste texto numa parte que envolve aqueles escritos anteriores ao artigo introdutório do conceito de narcisismo tem por princípio manter um estudo cronológico da obra de Sigmund Freud, como tem sido feito até aqui, mesmo sabendo que ambas as obras foram escritas em períodos semelhantes. Para a decisão de colocar A História do Movimento Analítico antes do artigo sobre o narcisismo, ainda que estritamente falando não se possa dizer que é anterior ao texto - quando considerada a época de sua escrita -, tomou-se como parâmetro as datas de publicação e alguns comentários de James Strachey (1996e) a respeito destes artigos. Segundo ele, tanto o texto A História do Movimento Psicanalítico, como o artigo Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, foram publicados em 1914. O primeiro, teria levado em sua primeira publicação a data “fevereiro de 1914” (STRACHEY, 1996e, p.15). Já o segundo, teria sido concluído um mês após o fim de fevereiro de 2014, tendo sido publicado após o outro (STRACHEY, 1996e). Além disso, as versões dos textos utilizadas na Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud são de 1925, para o artigo do narcisismo (STRACHEY, 1996e), e de 1924, para o outro (STRACHEY, 1996e). Justificando, assim, a escolha por determinada sequência.

CAPÍTULO 2: (RE) INTRODUÇÃO AO NARCISISMO¹⁰

Neste capítulo será discutido o texto Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, de 1914. A análise será dividida em três seções, cada uma referente à respectiva parte do texto de Sigmund Freud.

Parte I

A primeira parte do texto sobre o narcisismo começa retomando uma contextualização histórica do termo narcisismo, trajeto realizado no capítulo anterior do presente trabalho.

Logo no primeiro parágrafo, Freud (1996h) refere-se a Paul Näcke como o primeiro a utilizar o vocábulo para descrever pessoas que tratam “seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado” (FREUD, 1996h, p.81), como resultado de observações clínicas. Nesta acepção do termo, Freud (1996h) entende que o narcisismo aponta para o significado de uma perversão.

Em seguida, traz o fato, já apontado, de que a observação clínica levou a identificar aspectos do comportamento dito narcisista em pessoas com diversas perturbações, levando-o à hipótese de que o narcisismo estaria presente como regra no desenvolvimento sexual humano, a qual seria reforçada pela atitude narcisista de determinados neuróticos em análise, os quais seriam menos suscetíveis à sugestão (FREUD, 1996h).

A primeira afirmação com peso de definição se dá já no final da primeira página do texto: “O narcisismo nesse sentido não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva” (FREUD,

¹⁰ Ao contrário do que foi realizado até o presente momento, além do capítulo ter a particularidade de explorar um único texto, será adotada uma metodologia diferente: ao invés de debater cada aparição do termo narcisismo e de seus derivados individualmente, conforme a sequência do texto, será feita uma análise do texto como um todo segundo os temas que forem surgindo, também na sequência, mas sem a preocupação de analisar cada uma das aparições da expressão separadamente. Cabe apontar que neste artigo o termo aparece quarenta e uma vezes no corpo do texto, além de vinte e cinco vezes de forma derivada, sendo que, em diversos momentos, aparece repetidamente num mesmo parágrafo, o que torna sem sentido continuar com a metodologia que vinha sendo adotada anteriormente.

1996h, p.81).

É bastante complexo entender o que Freud quer dizer com “complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação”. A complexidade desta afirmação fica ainda mais evidente ao longo do restante desta primeira parte do texto, na qual se estendem as discussões sobre a teoria da libido, inclusive, trazendo os pontos de cisão entre Freud e Jung (FREUD, 1996h).

Além disso, dentre os textos estudados até o momento, a *autopreservação* aparece principalmente em Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia (FREUD, 1996c) e em Totem e Tabu (FREUD, 1996e), e em nenhum deles aparece associada à ideia de narcisismo, como se pôde ver pela análise dos fragmentos em que o termo aparece no capítulo anterior.

Na frase, *complemento* parece significar algo que se integra a um todo, sendo este todo, no caso, o instinto de autopreservação. Não obstante, a utilização do vocábulo *complemento* permite certa ambiguidade, tendo em vista que o termo pode também trazer o sentido de oposição, contrariedade, que complementa pela oposição. Entende-se que este último caso não se aplica aqui.

Quanto a *libidinal*, seriam, tanto o narcisismo como o instinto de autopreservação, libidinais, ou somente o narcisismo o seria? Esta distinção não fica clara aqui. E ainda, por fim, *egoísmo* no sentido de proveniente do ego ou direcionado a ele? Estas respostas são capitais para o entendimento do narcisismo e talvez possam ser respondidas no decorrer deste estudo.

Subsequentemente, é defendida a dedicação que é dada ao estudo do narcisismo primário (FREUD, 1996h), sendo que o conceito, novamente, como em História do Movimento Psicanalítico (FREUD, 1996g), ainda não é explicitado. Segundo o autor, a importância de tal conceito, de narcisismo primário, se deu quando tentou-se incluir as chamadas parafrenias na hipótese da teoria da libido (FREUD, 1996h). Para explicar tal ponto, é retomada a discussão que se teve no texto do caso Schreber, em que se debate as características de megalomania e retirada do interesse pelo mundo externo nos parafrênicos: o autor diferencia este desvio de interesse dos parafrênicos daquele que é realizado pelos neuróticos, estes, que ao retirar seu investimento libidinal do mundo externo, acabam retendo-o em suas fantasias, as quais

representam direta ou indiretamente os objetos do mundo externo. Chega-se então à constatação final, segundo hipóteses a respeito da megalomania. Nesta, a libido afastada do mundo externo seria redirecionada para o ego, naquilo que é chamado de narcisismo (FREUD, 1996h).

Ainda sobre a megalomania, Freud (1996h) afirma:

Mas a própria megalomania não constitui uma criação nova; pelo contrário, é, como sabemos, ampliação e manifestação mais clara de uma condição que já existia previamente. Isso nos leva a considerar o narcisismo que surge através da indução de catexias objetais como sendo secundário, superposto a um narcisismo primário que é obscurecido por diversas influências diferentes. (p.82-83)

Surge, neste fragmento, a primeira diferenciação entre narcisismo primário e secundário. Contudo, ainda se pode afirmar pouca coisa a respeito de ambos. Tudo indica que uma primeira diferença diz respeito ao momento em que cada um deles ocorre: como o nome já diz, o primário teria ocorrido primeiro, e o secundário, “superposto a um narcisismo primário”, viria depois e surgiria após os objetos externos já terem sido catexizados.

Como o próprio autor ressalta (FREUD, 1996h), os próximos parágrafos se destinam a justificar a introdução do conceito de narcisismo. Segundo ele, a modificação realizada com o narcisismo na teoria da libido é legítima e é retomando os estudos sobre a sexualidade infantil e os povos primitivos que pode encontrar outros argumentos em seu favor. Quanto aos últimos, aponta para suas hipóteses apresentadas em Totem e Tabu a respeito da megalomania, as quais já foram objetos deste trabalho; em relação às crianças, destaca o fato de que elas agem analogamente aos povos primitivos em relação ao mundo externo.

Aparentemente, num trecho a seguir, o autor dá indícios da diferenciação entre narcisismo primário e secundário:

Assim, formamos a idéia de que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz. (FREUD, 1996h, p.83)

A ideia de *catexia libidinal original do ego*, entendida como um

investimento que se dá no ego – ego como alvo -, num momento inicial do desenvolvimento da libido, conforme o que foi visto até aqui, entre o autoerotismo e o amor objetal, seria equivalente ao *narcisismo primário*. Já o restante da passagem dá pistas de que este tipo de investimento libidinal, narcísico, ainda fica remanescente ao longo da vida, de certa forma relacionado com as catexias objetais, ideia a partir da qual se pode imaginar que será encontrado o conceito de *narcisismo secundário*.

De fato, algumas linhas depois do fragmento destacado, Freud (1996h) descreve suas conclusões a partir dos estudos com a neurose: as catexias objetais seriam emanções desta *catexia libidinal original do ego* – narcisismo primário – as quais poderiam ser transmitidas e retiradas novamente, dando elementos para uma nova forma de economia libidinal em que a libido do ego se balanceia com a libido do objeto, isto é, o aumento de uma implica na diminuição da outra, e vice-versa. Em outras palavras, quando uma catexia objetal é *transmitida*, fala-se em libido de objeto; quando ela é *retirada*, por conta desta nova hipótese econômica a respeito da libido, entende-se que é reinvestida no ego, chegando ao narcisismo secundário, que agora não é mais *original*, como no narcisismo primário.

Importante ressaltar que Freud (1996h) aponta para uma indistinção entre a energia sexual, chamada de libido, e a energia dos instintos do ego, na etapa do narcisismo:

Finalmente, no tocante à diferenciação das energias psíquicas, somos levados à conclusão de que, para começar, durante o estado de narcisismo, elas existem em conjunto, sendo nossa análise demasiadamente tosca para estabelecer uma distinção entre elas. Somente quando há catexia objetal é que é possível discriminar uma energia sexual - a libido - de uma energia dos instintos do ego. (p.83-84)

Novamente, aqui surge um dos pontos mais controversos deste estudo, relacionado às nomenclaturas utilizadas por Freud. Não é possível entender, neste ponto, quando uma energia do ego é libidinal ou não, ou melhor, se em algum momento ela o é ou não. Parece óbvia a distinção que Freud faz, se analisado somente o trecho em destaque, entre libido, ou energia sexual, e energia do ego. Mas perde-se a obviedade conforme vamos acompanhando os

diversos momentos em que essa terminologia aparece ao longo deste estudo. É evidente que, em grande parte, isto se dá pelo fato da teoria passar por reformulações importantes conforme vai sendo criada. Freud (1996h) parece clarear esta questão quando tenta responder duas questões que ele mesmo coloca:

Em primeiro lugar, qual a relação entre o narcisismo de que tratamos e o auto-erotismo, que descrevemos como um estado inicial da libido? Em segundo, se concedemos ao ego uma catexia primária da libido, por que há necessidade de distinguir ainda uma libido sexual de uma energia não-sexual dos instintos do ego? A postulação de uma única espécie de energia psíquica não nos pouparia de todas as dificuldades que residem em diferenciar uma energia dos instintos do ego da libido do ego, e a libido do ego da libido objetal? (p.84)

Para a primeira pergunta, a resposta é sucinta, porém, nada conclusiva. Freud (1996h) salienta que o ego, ao contrário dos instintos autoeróticos, não existe desde sempre no indivíduo, tendo que ser desenvolvido; para isso, sublinha a necessidade de que algo aconteça, psiquicamente, para que o narcisismo apareça, mas não chega a dar uma resposta sobre o que seria isso.

Quanto à segunda pergunta, ela já aparenta enfatizar que nem toda energia do ego é libidinal, mesmo que possa ser libidinal; e que, sendo assim, há uma diferença, entre *energia dos instintos do ego*, não-sexual, e *libido do ego*, sexual. Da mesma forma, é possível depreender que há diferença entre *libido do ego* e *libido objetal*, mas no que se refere a esta dicotomia não pareceu haver dúvida quanto ao posicionamento de Freud até o momento.

Contudo, o autor coloca tais questões porque, apesar de ter um posicionamento que vai ficando cada vez mais definido, nem por isso deixa de ser controverso, como ele mesmo afirma ao dizer que provocaria “uma inquietação perceptível em qualquer analista de quem se exija uma resposta definitiva à segunda questão” (FREUD, 1996h, p. 84).

Prova disso, ainda, seriam as dissidências de Adler e Jung, o primeiro deles defendendo o *protesto masculino*, como já vimos anteriormente, e o segundo defendendo, justamente, essa energia indistinta da energia sexual, postulando uma única forma de energia psíquica, como alternativas à hipótese freudiana. Toda esta querela entre Freud, Jung e Adler, teria sido, inclusive, um dos motivos pelo qual Freud teria decidido escrever o artigo de introdução ao

narcisismo (STRACHEY, 1996e).

Voltando às interrogações, Freud (1996h) recorre às diferenças entre uma ciência que se baseia em fatos observados, isto é, empírica, daquela que cria teorias a partir de especulação. Esta última pode até ser mais sutil, coesa, hermética, logicamente aceitável, mas, em contrapartida, seria justamente na possibilidade de revisar, substituir o que estivesse incorreto, remodelar, reconstruir, que estaria o grande trunfo da primeira, que teria como única premissa a observação. Em outras palavras, não seria o fato de os conceitos serem discutíveis, como o são aqueles que permeiam as questões colocadas por Freud, o que colocaria em xeque a metodologia utilizada. Pelo contrário, seria exatamente este o grande trunfo de uma metodologia empírica, porque poderia ser refeita sem perder nada em força de argumento, cujo único alicerce é a observação.

Tendo sido feita esta pequena consideração, Freud (1996h) sublinha a hipótese original que teria dado origem à distinção entre libido objetal e libido do ego: a distinção entre instintos sexuais e os instintos do ego, cujo substrato teria sido o trabalho com a histeria e a neurose obsessiva, ditas neuroses de *pura transferência*. Subsequentemente, discute o motivo pelo qual entende que não há necessidade de se conceber uma única forma de energia psíquica, da qual se originaria a energia sexual, rebatendo, assim, as proposições de Carl Gustav Jung (FREUD, 1996h).

A primeira parte do artigo termina, ainda, com as réplicas de Freud às críticas junguianas (FREUD, 1996h). Mais especificamente, debatendo o mecanismo da perda da realidade, em especial na demência precoce e concluindo com um repúdio às afirmações de Jung de que a teoria da libido estaria equivocada ao explicar a demência precoce e as outras neuroses:

Recordemos, além disso, que as pesquisas da escola suíça, por mais valiosas que sejam, elucidaram apenas duas facetas do quadro da demência precoce - a presença nele de complexos que conhecemos tanto em indivíduos saudáveis como em neuróticos e a similaridade das fantasias que nele ocorrem com mitos populares -, mas não puderam lançar mais luz alguma sobre o mecanismo da doença. Podemos, então, repudiar a asserção de Jung, segundo a qual a teoria da libido não só malogrou na tentativa de explicar a demência precoce, como também, portanto, é eliminada em relação às outras neuroses. (FREUD, 1996h, p.88)

As discordâncias entre Freud e seus discípulos, em especial Adler, voltam a aparecer no artigo, na terceira parte do mesmo; tais discordâncias serão debatidas no momento dedicado a essa parte.

Parte II

“Parece-me que certas dificuldades especiais perturbam o estudo direto do narcisismo” (FREUD, 1996h, p.89). É assim que Freud inicia a segunda parte do artigo sobre o narcisismo. Para melhor compreensão do narcisismo, serão estudados, nesta seção, três temas: a doença orgânica, a hipocondria e a vida erótica dos sexos. Ainda que ele mesmo afirme que as parafrenias sejam a melhor via de acesso ao narcisismo (FREUD, 1996h).

Sobre as doenças orgânicas, Freud (1996h) aponta que uma pessoa acometida deixa de se interessar pelo mundo, voltando-se para o seu próprio sofrimento e, inclusive, retirando sua libido de seus objetos amorosos.

Em termos de teoria de libido, a energia libidinal retirada dos objetos retorna ao ego, somente sendo liberada para reencontrar seu destino nos objetos externos quando a doença é curada e o sofrimento encerrado. O mesmo se daria com o sono, no qual também ocorreria tal forma de investimento narcísico da libido. De acordo com Freud (1996h), em ambas as situações o investimento libidinal e o interesse do ego pretendem o mesmo alvo e, além disso, tornar-se-iam indistinguíveis entre si neste momento de retração da libido.

De forma análoga, Freud avalia a hipocondria. Conforme elabora, a hipocondria teria o mesmo efeito de retração da libido a que se referiu no caso das doenças orgânicas (FREUD, 1996h). Não obstante levantar uma diferença entre os dois tipos de afecções, que se refere ao fato de que as doenças orgânicas têm uma manifestação física observável e a hipocondria não, Freud (1996h) propõe, através do conceito de erogenicidade, isto é, da atividade do corpo de enviar estímulos sexualmente excitantes à mente, que a hipocondria também teria manifestações orgânicas e que “para cada uma das modificações na erogenicidade dos órgãos poderia, então, verificar-se uma modificação paralela da catexia libidinal do ego” (FREUD, 1996h, p.91).

Até aqui, pouco se contribuiu para a questão do conceito de narcisismo.

Nos parágrafos seguintes, o autor vai debater alguns aspectos sobre a hipocondria e outras doenças que não interessam a este estudo, mas chegará a alguns pontos que podem interessar: a relação entre um represamento da libido do ego e os efeitos da hipocondria e da parafrenia; e duas perguntas decorrentes da elaboração desta ideia: a primeira, questionando se o represamento da libido é sempre ruim e a segunda, indagando o que torna absolutamente necessário que se supere a etapa do narcisismo e se passe a direcionar a libido aos objetos (FREUD, 1996h).

Para responder a ambas as perguntas, Freud parece recorrer a um argumento econômico: tanto no represamento da libido como na fase do narcisismo, a estagnação nesses estados pode ser patogênica ou, ao menos, desprazerosa, porque atingiria uma quantidade de energia libidinal investida no ego que geraria tensão e precisaria ser descarregada de alguma maneira, a fim de se evitar uma alternativa na doença (FREUD, 1996h).

Depois destas constatações, mais algumas linhas são utilizadas para explorar o mecanismo da parafrenia (FREUD, 1996h), lembrando que esta é considerada pelo autor o principal meio de acesso ao narcisismo. Os pontos que mais interessam a este estudo são a seguir resumidos: a retirada da libido para o ego, diante da frustração, na parafrenia, diferente do que ocorre com as neuroses de transferência, em que a libido é ligada à fantasia; a correspondência entre a megalomania e essa retirada de libido; o fato da parafrenia, com frequência, acarretar apenas um desligamento parcial da libido; e a apresentação de três grupos de fenômenos no quadro clínico da parafrenia (FREUD, 1996h).

A última perspectiva escolhida para se estudar o narcisismo nesta parte do texto é a vida erótica dos seres humanos. Freud (1996h) inicia explicando que as escolhas objetais nas crianças derivam de suas primeiras experiências de satisfação e que, num primeiro momento, há uma ligação entre os instintos sexuais e os instintos do ego, tendo em vista que autoerotismo e as funções de autopreservação têm uma relação importante, nesta fase do desenvolvimento (FREUD, 1996h).

Posteriormente, os instintos do ego e os instintos sexuais não de se tornar independentes entre si. É justamente através da observação da primeira escolha

de objeto sexual que se encontram indícios da vinculação entre os dois tipos de instintos num momento anterior: os primeiros objetos sexuais infantis costumam ser exatamente aqueles indivíduos que providenciaram um cuidado, atendendo às necessidades básicas da criança. Tal tipo de escolha objetal recebeu o nome de *anaclítica* ou *de ligação* (FREUD, 1996h).

Outrossim, a psicanálise teria descoberto um segundo tipo de escolha objetal, esta mais interessante ao corrente estudo porque é apontada como o “mais forte dos motivos que (...) levaram a adotar a hipótese do narcisismo” (FREUD, 1996h, p.94). Nesta outra escolha de objeto, nomeada de escolha *narcisista* ou *narcísica*, o indivíduo tomaria como modelo não seus cuidadores, mas a si mesmo, e isto se daria por algum distúrbio no desenvolvimento libidinal, dos quais os principais exemplos seriam os homossexuais e os pervertidos (FREUD, 1996h).

A respeito destes dois tipos de escolha, Freud (1996h) faz uma ressalva quanto à exclusividade da escolha do indivíduo por uma ou outra, dizendo que não haveria uma divisão em que um grupo faz a escolha do tipo anaclítica e outro do tipo narcisista, estando todo o ser humano aberto às duas, mesmo que apresente preferência por uma ou outra.

Seguidamente, aparece um fragmento importante para o estudo corrente, em que é trazida uma novidade importante a respeito do conceito de *narcisismo primário*. É nele que Freud (1996h) postula pela primeira vez a universalidade deste conceito:

Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais - ele próprio e a mulher que cuida dele - e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal. (p.95)

Freud (1996h) seguirá comparando os tipos de escolha objetal entre os sexos feminino e masculino. Segundo ele, no sexo masculino prevaleceria a escolha objetal de ligação, na qual se manifestaria uma “acentuada supervalorização sexual que se origina, sem dúvida, no narcisismo original da criança, correspondendo assim a uma transferência desse narcisismo para o

objeto sexual” (FREUD, 1996h, p.95)¹¹. O estado apaixonado, portanto, implicaria uma redução do investimento da libido no ego em favor de um investimento da libido nos objetos. Novamente, aqui, fica evidente a posição de Freud, neste momento de sua obra, quanto à dinâmica entre libido que se direciona ao ego e libido que se direciona ao objeto: quando há aumento de uma, necessariamente haverá diminuição da outra e vice-versa.

Nas mulheres, ocorreria algo diferente: com o amadurecimento dos órgãos genitais ocorrendo no final do período de latência, parece haver uma intensificação do narcisismo original, despertando um interesse nas mulheres por si mesmas, e assim, fazendo com que procurem indivíduos que satisfaçam a condição de amá-las (FREUD, 1996h).

No mesmo parágrafo o autor ressalta a importância dessa combinação de tipos de escolha objetual entre os sexos para a “vida erótica da humanidade” (FREUD, 1996h, p.95), dando ênfase ao fato de que o narcisismo dessas mulheres, descritas conforme o parágrafo acima, isto é, que se admiram e buscam serem amadas, causaria grande atração em homens que estariam em busca de um objeto sexual, objeto este que teria sido escolhido através da renúncia ao próprio narcisismo (FREUD, 1996h). Há, porém, uma questão paradoxal nesta escolha objetual das mulheres, pois ao mesmo tempo que é justamente este narcisismo o que atrai outros indivíduos, é também ele que torna complicada a vida daqueles que escolhem este tipo de mulher: segundo o autor, as dúvidas quanto ao amor da mulher por aquele que a escolhe, as queixas quanto aos seus mistérios e outras insatisfações teriam origem neste narcisismo intensificado (FREUD, 1996h).

Finalmente, ainda no parágrafo em questão, são trazidos três exemplos em que o movimento da libido no sentido do narcisismo, ou seja, direcionando-se ao ego, encantaria as pessoas: nas crianças, o encantamento que se têm por elas dever-se-ia ao fato de se auto contentarem, não se preocupando muito com os outros; o mesmo se daria com os humoristas e criminosos, cujo forte narcisismo impediria que fossem atingidos por quaisquer coisas que os diminuíssem, gerando inveja nos outros por remeterem a um estado inatacável

¹¹ Importante apontar que Freud parece usar indiscriminadamente os termos original e primário.

de narcisismo já abandonado por elas (FREUD, 1996h).

No parágrafo seguinte, Freud (1996h) reforça que seu posicionamento não pretende menosprezar as mulheres, recorrendo ao desenvolvimento biológico para justificar seu ponto e afirmando a existência de um sem número de mulheres que ama nos moldes masculinos.

Ainda sobre as mulheres que chama de *narcisistas*, aquelas cuja escolha objetal se deu do modo descrito como o mais comum para as mulheres, existiria um momento no qual seria possível o amor objetal completo: o nascimento de um filho, novamente remetendo ao próprio narcisismo (FREUD, 1996h). Logo em seguida, defende a possibilidade de certas mulheres não necessitarem de um filho para caminharem do “narcisismo (secundário) para o amor objetal” (FREUD, 1996h, p.96).

Freud (1996h) apresenta em seguida um sumário a respeito das escolhas de objeto, ou ainda, dos modos conforme uma pessoa pode *amar*, as quais já foram estudadas até aqui ou ainda o serão – como é o caso de (c) no tipo narcisista – ainda neste capítulo:

Uma pessoa pode amar:

(1) Em conformidade com o tipo narcisista:

- (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma),
- (b) o que ela própria foi,
- (c) o que ela própria gostaria de ser,
- (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma.

(2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação):

- (a) a mulher que a alimenta,
 - (b) o homem que a protege,
- e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar. (p.97)

Conforme já vimos a partir do estudo que precedeu este pequeno sumário, o entendimento do narcisismo é capital para a compreensão destes tipos de amor.

Nas duas últimas páginas da segunda parte do texto, ainda são encontradas algumas novidades relacionadas ao narcisismo, que poderiam facilmente ser sintetizadas na expressão “Sua Majestade o Bebê” (FREUD, 1996h, p.98). Nestas páginas, Freud (1996h) indica que o narcisismo primário

das crianças é mais difícil de ser apreendido através de observação do que por outros indícios, os quais ele não explicita. Ao invés disso, dá seguimento falando sobre o tratamento dos pais com relação aos seus filhos: os pais teriam uma atitude emocional de supervalorizar os filhos, atribuindo-lhes perfeições e rejeitando-lhes defeitos; suspendendo-lhes parte das imposições colocadas pela sociedade e das aquisições provenientes da cultura; permitindo-lhes maior diversão, privilégios, prazer, sem que fiquem restritos às necessidades; tornando-os novamente o centro das atenções. Todos exemplos do retorno do narcisismo dos pais e da transformação de seus filhos em pequenas majestades. Mais ainda:

A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram - o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior. (FREUD, 1996h, p.98)

Parte III

Antes de dar continuidade ao estudo do narcisismo, Freud (1996h) expõe aqueles pontos que não serão objetos de seu estudo: “os distúrbios aos quais o narcisismo original de uma criança se acha exposto, as reações com que ela procura proteger-se deles e os caminhos aos quais fica sujeita ao fazê-lo” (FREUD, 1996h, p.99). Quanto a estes temas, afirma ser o *complexo de castração* o que teriam de mais importante (FREUD, 1996h).

O autor aponta ser, justamente no estudo do complexo de castração, onde se torna possível inferir um momento em que os instintos libidinais – sexuais – e os instintos do ego estariam unidos e atuando no mesmo sentido, o de atender aos interesses narcisistas. Acrescentando que a pesquisa psicanalítica permite entender as influências sobre os instintos libidinais, quando estes encontram-se separados dos instintos do ego e em oposição a estes últimos (FREUD, 1996h).

O principal tema do parágrafo em questão, o primeiro desta terceira parte do texto, é a tentativa de Freud de refutar o conceito de Adler de *protesto masculino*. É no estudo deste trecho, principalmente, que ficará mais claro o

problema colocado no final do Capítulo 1 do presente trabalho. Freud (1996h) entende que Adler estaria, com a noção de protesto masculino, sendo contrário às suas ideias, as quais apontariam para os interesses narcisistas, no momento em que os instintos do ego e os instintos libidinais estariam indiferenciados. Adler estaria propondo um conceito que se basearia numa valorização social, e não teria como base uma energia libidinal, como Freud propunha.

Freud (1996h) conclui ressaltando que a psicanálise “reconheceu, desde o início, a existência e a importância do ‘protesto masculino’ mas o tem considerado, contrariamente a Adler, como sendo narcisista em sua natureza e oriundo do complexo de castração” (FREUD, 1996h, p.99). Além disso, rechaça a ideia de que o *protesto masculino* daria conta de explicar a questão da neurose, apesar de estar relacionado à formação do caráter, somando-se a outras influências diversas.

Apesar do debate entre Freud e Adler, referente ao conceito de *protesto masculino*, não ampliar diretamente o entendimento do conceito de narcisismo, tem sua importância porque é exatamente no conceito de narcisismo que se baseia a defesa de Freud, além de o entrave ter sido motivação importante para a introdução do conceito de narcisismo e para que o artigo sobre o narcisismo fosse escrito, conforme já foi apontado anteriormente.

Freud (1996h) prossegue questionando se a libido do ego em adultos normais, cujas características psíquicas que permitiam a inferência do narcisismo haviam desaparecido ou diminuído, teriam sido transformadas completamente em libido objetal. Esta hipótese seria contrária ao que havia sido proposto até então e, para responder à questão de forma coerente com as teorias formuladas previamente, faz uso dos conceitos de *repressão* e de *ideal do ego*, ou *ego ideal*¹².

Para efeito do presente estudo, basta entender que o indivíduo possui

¹² Freud não parece estabelecer uma distinção entre o *ideal de ego* e o *ego ideal* como alguns autores pós-freudianos parecem fazer (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Cabe apontar, entretanto, que Garcia-Roza (1995) é categórico ao afirmar que tal distinção já existe no texto freudiano e que não considerá-la é um erro (ver nota de rodapé seguinte). Considerando-se que o objeto deste estudo não é o debate sobre a existência ou não da distinção entre os dois conceitos na obra de Freud, preferiu-se manter a posição defendida por Laplanche e Pontalis (2001), a qual foi a mesma do autor durante o desenvolvimento deste trabalho. Por fim, interessa saber que diversos autores parecem concordar naquilo que se refere ao caráter narcísico da formação do ego ideal (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

um ideal para o seu ego, para si mesmo, para o qual Freud deu o nome de *ego ideal*. Cada indivíduo, à sua maneira, perseguiria este *ego ideal*, comportando-se de modo a cumprir as exigências deste, isto é, se determinada atitude, representada por uma ideia, não é compatível com o ego ideal concebido pelo indivíduo, este poderá entrar num conflito que pode ter como resultado a repressão da ideia conflitante com o ego ideal. A formação deste ego ideal seria determinante para a repressão (FREUD, 1996h). A relevância do conceito de ego ideal, e de sua relação com a repressão, para o estudo do narcisismo, se dá na medida em que é precisamente o narcisismo infantil que retorna no conceito de ideal de ego/ego ideal, sendo deslocado para este:

Esse ego ideal é agora o alvo do amor de si mesmo (*self-love*) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal¹³. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal. (FREUD, 1996h, p.100)

Podemos notar que o “investimento” no ego ideal não seria, assim como no narcisismo, um investimento no ego, e sim em algo que substitui o narcisismo, sendo projetado para fora, ainda que remeta a ele. Essa constatação é reforçada no parágrafo seguinte quando Freud (1996h) trata da sublimação e da idealização. A primeira é entendida como um direcionamento da libido objetual para algo diferente da satisfação sexual. Já a idealização consiste num enaltecimento do objeto, mesmo que este não tenha sofrido qualquer alteração concreta; o objeto só é enaltecido na mente do sujeito. Vale apontar, como o próprio autor ressalta, que a primeira diz respeito à libido objetual, enquanto a

¹³ Garcia-Roza (1995) defende que a Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud apresenta um erro de tradução neste trecho. Segundo ele, nesta frase deveria constar *ideal de ego* ao invés de *ego ideal*. Segundo ele, tal erro pode ter comprometido a compreensão do texto, levando os leitores a assumirem como sinônimos os conceitos de *ego ideal* e *ideal de ego*, os quais, para ele, constituem conceitos distintos.

segunda refere-se ao objeto (FREUD, 1996h).

Nos parágrafos seguintes Freud (1996h) vai apresentar uma série de hipóteses inéditas em sua metapsicologia, partindo da necessidade de distinção entre a sublimação e a formação de um ideal do ego. Dentre os conceitos que surgiriam nestes parágrafos, está um agente que posteriormente seria nomeado *superego* (STRACHEY, 1996e), o qual é sintetizado no fragmento a seguir:

Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal do ego, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal (...) Um poder dessa espécie, que vigia, que descobre e que critica todas as nossas intenções, existe realmente. Na realidade, existe em cada um de nós em nossa vida normal. (FREUD, 1996h, p.102).

Freud (1996h) vai considerar diversos fenômenos já estudados, até o momento, pela psicanálise, à luz deste novo agente que está deduzindo. Articulará esta instância controladora com os sonhos; com fenômenos encontrados na neurose e nos pacientes paranoicos; com a dinâmica e economia libidinal, isto é, com a teoria da libido; com atitudes autocríticas e de auto-observação; chegando finalmente à autoestima, a qual interessa ser avaliada mais detidamente, em função do objetivo deste estudo.

Em primeiro lugar, parece-nos que a auto-estima expressa o tamanho do ego; os vários elementos que irão determinar esse tamanho são aqui irrelevantes. Tudo o que uma pessoa possui ou realiza, todo remanescente do sentimento primitivo de onipotência que sua experiência tenha confirmado, ajuda-a a aumentar sua auto-estima. Aplicando nossa distinção entre os instintos sexuais e os do ego, devemos reconhecer que a auto-estima depende intimamente da libido narcisista. (FREUD, 1996h, p.104)

Pode-se perceber, pelo trecho acima destacado, que o narcisismo estaria intimamente ligado ao conceito de autoestima. Freud (1996h) apoia-se em dois pontos para chegar a esta conclusão. O primeiro ponto emerge da comparação entre parafrênicos e pacientes que sofrem da neurose de transferência: nos primeiros, em que há uma recondução da libido ao ego, no sentido do narcisismo, a autoestima aumentaria; já nos segundos, cuja libido é majoritariamente direcionada aos objetos, ela diminuiria. O segundo ponto surge da observação das relações amorosas, nas quais o aumento de autoestima está

associado ao fato de ser amado, enquanto sua diminuição se relaciona com o desamor.

Um pouco à frente, Freud (1996h) relacionará a autoestima com o erotismo a partir de dois casos: no primeiro, há um investimento erótico ego-sintônico, no qual amar alguém sem ser amado de volta incorre em diminuição da autoestima; e, em contrapartida, amar e ser amado implica um aumento da autoestima. No segundo, as catexias eróticas são reprimidas, isto é sentido como um esgotamento do ego e a solução para esse amor impossível é a retirada da libido dos objetos, retornando ao ego, numa nova condição de narcisismo:

A volta da libido objetal ao ego e sua transformação no narcisismo representa, por assim dizer, um novo amor feliz; e, por outro lado, também é verdade que um verdadeiro amor feliz corresponde à condição primeira na qual a libido objetal e a libido do ego não podem ser distinguidas". (FREUD, 1996h, p.106)

Finalmente, nas últimas três páginas do artigo, Freud (1996h) elabora algumas observações que considera importantes, as quais sintetizam boa parte do que foi abordado no artigo e captam elementos essenciais a este estudo. A primeira destas observações é a respeito do desenvolvimento do ego, o qual

(...) consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal. Ao mesmo tempo, o ego emite as catexias objetais libidinais. Torna-se empobrecido em benefício dessas catexias, do mesmo modo que o faz em benefício do ideal do ego, e se enriquece mais uma vez a partir de suas satisfações no tocante ao objeto, do mesmo modo que o faz, realizando seu ideal. Uma parte da auto-estima é primária - o resíduo do narcisismo infantil; outra parte decorre da onipotência que é corroborada pela experiência (a realização do ideal do ego), enquanto uma terceira parte provém da satisfação da libido-objetal. (FREUD, 1996h, p.106-107)

Subsequentemente a este fragmento esclarecedor e conciso, Freud (1996h) resume alguns aspectos da dinâmica libidinal à luz do conceito de ideal de ego e realiza uma síntese a respeito do estar apaixonado, citando as perversões e enaltecendo, nesses casos, a conversão de um objeto sexual num ideal sexual.

Logo depois, destaca o papel do ideal sexual como auxiliar do ideal do ego, podendo "ser empregado para satisfação substitutiva onde a satisfação

narcisista encontra reais entraves” (FREUD, 1996h, p.107), caso este em que se dá o tipo narcisista de escolha de objeto, na qual um indivíduo ama o que já foi e não é mais, ou ama aquele que tem qualidades que nunca pôde possuir. Este tipo de escolha corresponde ao item c, do sumário apresentado por Freud (1996h) e citado na *Parte II* do presente capítulo. Este tipo de escolha, no qual se busca nos objetos aquilo que falta para se atingir o ideal de ego, parece ser especialmente importante para o neurótico, cujas catexias libidinais são principalmente direcionadas para o objeto, empobrecendo seu ego. Diante disso, a busca por um objeto que contenha essas características faltantes ao ego seria como um retorno ao narcisismo, ou, “a cura pelo amor” (FREUD, 1996h, p.107), como o autor aponta.

Freud (1996h) termina o texto estabelecendo relações entre o ideal de ego e a compreensão da psicologia de grupo, ou das massas, da sociedade; dando indícios de futuros trabalhos sociais que iria realizar.

CAPÍTULO 3: TEXTOS POSTERIORES AO NARCISISMO

Após o artigo de introdução ao conceito de narcisismo, o primeiro texto em que o termo aparece é um artigo que teria sido publicado no ano seguinte à publicação daquele, em 1915, intitulado *Os Instintos e Suas Vicissitudes*.

Neste texto, o narcisismo aparece em meio a uma discussão sobre a escopofilia, após um longo debate sobre dois pares de instintos opostos: sadismo-masoquismo e escopofilia-exibicionismo (FREUD, 1996i). A discussão começa com o autor retomando o costume de denominar de narcisismo, a fase de desenvolvimento do ego em que os instintos sexuais estão direcionados ao próprio indivíduo, obtendo satisfação de modo autoerótico; propondo em seguida um debate sobre a relação entre o autoerotismo e o narcisismo, à luz dos temas discutidos até então no artigo (FREUD, 1996i).

Freud (1996i) aponta uma primeira fase para o instinto escopofílico que se daria no narcisismo, em que o próprio corpo do sujeito é objeto da escopofilia, considerada, assim, uma formação narcisista. Considerando este ponto de partida, o instinto escopofílico poderia assumir um caráter passivo ou ativo: no primeiro caso, fixar-se-ia ao objeto narcisista; enquanto no segundo, deixaria este objeto. O mesmo se daria com o par sadismo-masoquismo: para uma passagem do sadismo ao masoquismo, seria necessário um retorno ao narcisismo, um redirecionamento dos instintos ao ego. Tanto no caso do masoquismo como no da escopofilia passiva, “o sujeito *narcisista* é, através da identificação, substituído por outro ego, estranho” (FREUD, 1996i, p.137).

O autor termina esta passagem concluindo que o retorno dos instintos ao ego, passando da atividade para passividade, é dependente da fase do narcisismo e tem características dela, sendo entendido como um tipo de defesa que, provavelmente, se daria de outra forma, em fases posteriores do desenvolvimento (FREUD, 1996i). Uma novidade, aqui, é o entendimento de um redirecionamento dos instintos ao ego como uma forma de defesa.

Pode-se notar que o essencial a respeito do narcisismo – e de sua relação com o autoerotismo – não é alterado. O que se acrescenta é um entendimento de determinadas classes de instintos segundo a noção de narcisismo, mesmo que, com diferentes classes, a ideia de retorno ao ego como equivalente a uma

dinâmica narcisista, se mantenha. Isto é, a escopofilia quando se prende ao próprio ego, quando tem como objeto o ego, é narcisista – e passiva; quando se direciona a objetos externos, não o é. Sendo análogo o que ocorre com o sadismo e o masoquismo.

No próximo trecho em que o narcisismo aparece, ele está absorto em uma explanação a respeito dos três opostos que o amor admite: amor e ódio; amar e ser amado; e o amor e ódio em conjunto, em oposição à indiferença. É com relação à segunda dessas antíteses que o narcisismo é citado. O par amar e ser amado remeteria à situação de amar a si mesmo, remontando ao narcisismo. O mesmo se daria com a transformação de atividade para a passividade, em que esta remontaria ao narcisismo, inclusive, havendo uma correspondência entre amar e a atividade, assim como entre ser amado e a passividade (FREUD, 1996i).

O terceiro momento do texto em que a noção de narcisismo é encontrada, é num excerto onde Freud (1996i) está abordando as três polaridades que regem a vida mental: (1) sujeito (ego) e objeto (mundo externo); (2) prazer e desprazer; e (3) ativo e passivo. No trecho em questão, Freud (1996i) está afirmando que existe uma situação na vida de um sujeito em que duas dessas polaridades coincidem, esta fase é justamente a do narcisismo. Segundo o autor, ao catexizar o ego com os instintos, obtendo prazer desse mecanismo, o ego estaria ligado ao prazer, enquanto os objetos, isto é, o mundo externo, estaria ligado à indiferença ou desprazer; desse modo, coincidiriam os dois pólos: ego-objeto e prazer-desprazer (FREUD, 1996i).

O narcisismo surge sob o cunho de estado narcisista, numa nota de rodapé na mesma página em que foi encontrado no trecho anterior. A nota é mais facilmente compreendida com a leitura dos parágrafos posteriores do artigo em questão. A ideia que se deve ter para compreender a nota é que Freud (1996i) propõe um *ego da realidade original*, um *ego do prazer* e um *ego da realidade final*. O *ego da realidade original* não avança diretamente para o *ego da realidade final*, antes disso, é substituído por um *ego do prazer*. A nota vai tratar da passagem do *ego da realidade original* para o *ego do prazer*, apontando que os instintos sexuais que podem obter satisfação de modo autoerótico favoreceriam o *ego do prazer*, enquanto que os instintos sexuais que necessitam

de um objeto e os instintos do ego, ambos não se satisfazendo com o autoerotismo, favoreceriam a passagem ao *ego da realidade final*. O narcisismo aparece como um estado que pode existir no desenvolvimento, pois a criança, em sua primeira infância, tem suas necessidades satisfeitas pelo mundo externo, provavelmente pelos pais, o que supriria a demanda dos instintos que não se satisfazem com o autoerotismo e buscam o mundo externo. Ou seja, somente devido a esses cuidados a que a criança é submetida, suas necessidades são contidas, estendendo a fase do narcisismo e permitindo a existência de um *ego do prazer*.

Ainda sobre esse tema, agora no artigo e não na nota de rodapé, Freud (1996i), falando a respeito da fase em que o ego é um *ego do prazer*, retoma que o mundo externo é tido como desagradável e o eu como agradável. Em seguida, destaca que durante a fase do narcisismo primário, quando um objeto entra em cena, gera ódio no sujeito. À medida que o desenvolvimento avança, a equivalência ego-prazer e objeto-desprazer, ou ainda, ego-amor e objeto-ódio, vai se desfazendo. O sujeito passa a querer trazer para perto do ego aqueles objetos que são prazerosos, objetos de amor; e afastar do ego aqueles que são objetos de ódio, frutos de desprazer. Isto ocorre, em outras palavras, na passagem da fase narcisista para a fase objetal.

Finalmente, o narcisismo é trazido pelas últimas vezes no artigo quando Freud (1996i) vai discorrer sobre a gênese do amor e do ódio. O primeiro “deriva da capacidade do ego de satisfazer autoeroticamente alguns de seus impulsos instintuais pela obtenção do prazer do órgão. É originalmente narcisista” (FREUD, 1996i, p.143). O segundo, “enquanto relação com objetos, é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos” (FREUD, 1996i, p.143-144).

Em O Inconsciente, artigo metapsicológico de 1915, o narcisismo é citado discretamente logo no início do capítulo VII, A Avaliação do Inconsciente. Freud (1996j) traz a importância de se estudar as chamadas psiconeuroses narcisistas para a maior compreensão do inconsciente como sistema. O narcisismo aparece como condição de ausência de objeto presente na esquizofrenia, no qual a libido reprimida busca o ego ao invés de ir ao encontro de um novo objeto (FREUD, 1996j).

No final do mesmo capítulo surgem duas situações que remetem ao narcisismo, através de seu derivado *narcisista*: ao indagar se a repressão da esquizofrenia é equivalente à repressão das neuroses de transferência, Freud (1996j) propõe uma mudança na fórmula da repressão, de modo a incluir a demência precoce e outras afecções narcisistas. Também aponta a hipótese de que a tentativa de fuga do ego, a qual ocorre nas neuroses narcisistas, seria mais radical e profunda que em outros distúrbios (FREUD, 1996j).

Uma menção dispensável ao nosso estudo, é aquela que se dá na primeira parte do texto *Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico*, de 1916, nomeada *As Exceções*. No trecho, Freud (1996l) está discutindo o monólogo Ricardo III, de Shakespeare, e afirma que “Todos nós pensamos que temos motivo para repreender a Natureza e o nosso destino por desvantagens congênitas e infantis; todos exigimos reparação por antigos ferimentos ao nosso narcisismo, ao nosso amor-próprio”. (FREUD, 1996l, p.329).

Analisada a supérflua referência ao narcisismo trazida pelo artigo *Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico*, o próximo texto a ser estudado é *Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos*, escrito em 1915, mas só publicado em 1917 (STRACHEY, 1996e).

Num primeiro momento, o narcisismo é retomado como resultado do estado de sono, no sentido que nesse estado haveria uma regressão da libido, de tipo *temporal*, levando ao que Freud (1996m) entende como uma restauração do narcisismo primitivo. Logo em seguida, retomando o estudo dos sonhos como forma de uma compreensão mais abrangente do estado de sono, o narcisismo é evidenciado na medida em que é um conceito que facilita o entendimento destes dois fenômenos – o sonho e o sono. Freud (1996m) ressalta que o sonho é egoísta, o que pode ser melhor compreendido com a introdução do narcisismo. Inclusive, o autor entende que os conceitos de egoísmo e narcisismo seriam equivalentes, sendo o segundo apenas uma maneira de evidenciar o fato de o egoísmo ser também libidinal. É a partir deste raciocínio que o narcisismo pode ser aceito como um complemento libidinal do egoísmo. Importante notar este acréscimo à definição do narcisismo, agora colocado de modo complementar ao egoísmo. Além disso, parece haver uma restrição imposta à definição do conceito: o narcisismo parece estar sendo definido apenas em termos libidinais,

sem considerar outros instintos não-sexuais.

O narcisismo emerge novamente na contenda a respeito de situações onde o sono é interrompido. A princípio, Freud (1996m) separa as causas desta interrupção em dois grupos: aquelas que têm raiz numa excitação interna e as que têm origem nos estímulos externos. É quanto à segunda que há envolvimento da noção de narcisismo: os restos diurnos, importantes elementos na formação do sonho, seriam resultado de catexias libidinais que não recuaram totalmente, mantendo-se retidas de forma a aparecerem disfarçadas no sonho. Nesse caso, o narcisismo do sono teria aberto uma brecha, na qual não retira o investimento libidinal dos objetos para redirecioná-los ao ego, sejam essas catexias provenientes do sistema inconsciente ou do sistema pré-consciente (FREUD, 1996m).

Segue-se uma discussão bastante controversa a respeito de como seria possível que a catexia retida, aquela proveniente de alguma experiência na vigília, poderia ter mais força durante o sono, interrompendo-o. As controvérsias se agravam tendo em vista que Freud (1996m), nestas passagens, faz alusões que não são claras a textos posteriores, talvez referentes aos supostos artigos metapsicológicos escritos por ele, os quais nunca teriam sido publicados, segundo Ernest Jones (*apud* STRACHEY, 1996g).

A conclusão a este debate é resumida no trecho abaixo:

O desejo de dormir esforça-se por absorver todas as catexias transmitidas pelo ego e por estabelecer um narcisismo absoluto. Isso só pode ter um sucesso parcial, pois o que é reprimido no sistema lcs. não obedece ao desejo de dormir. Portanto, uma parte das anticatexias tem de ser mantida, e a censura entre o lcs. e o pcs. deve permanecer, mesmo que não seja com toda a sua força. Até onde se estende o domínio do ego, todos os sistemas ficam esvaziados de catexias. Quanto mais fortes forem as catexias instintuais do lcs., mais instável será o sono. Estamos familiarizados também com o caso extremo em que o ego desiste do desejo de dormir, porque se sente incapaz de inibir os impulsos reprimidos liberados durante o sono - em outras palavras, em que renuncia ao sono por temer seus sonhos. (FREUD, 1996m, p.232)

Em resumo, o narcisismo aparece nestes extratos como o que torna possível o sono, retirando a libido dos objetos para redirecioná-la ao ego; mas, ao mesmo tempo, é nas suas brechas que vai permitir a formação do sonho, ou até mesmo impedir que o sujeito continue dormindo e sonhando: a primeira das

brechas seria quando alguma ideia retém alguma catexia proveniente de uma experiência de vigília, o resto diurno; e a segunda das brechas seria a rebeldia dos impulsos reprimidos, que impediriam o narcisismo do sono e o dormir.

Freud deixa isso claro algumas páginas à frente, na última referência ao tema do narcisismo do sono presente no artigo, ao dizer que “os sonhos são um resíduo da atividade mental, tornado possível pelo fato de que o estado narcisista de sono não pôde ser completamente estabelecido” (FREUD, 1996m, p.241).

No início do próximo texto a ser trabalhado, Luto e Melancolia, escrito em 1915 e publicado em 1917, Freud (1996n) retoma a questão do narcisismo do sono referindo-se ao tema ao dizer que os sonhos são exemplos de perturbações narcisistas na vida normal. Sobre este artigo, James Strachey (1996e) o considera uma extensão do artigo Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, especialmente porque é somente com o advento dos conceitos de narcisismo e ideal do ego que se permitiu a teorização formulada no artigo sobre o luto e a melancolia. Além disso, o artigo teria implicações importantes para a noção de *agente crítico*, que viria posteriormente a tornar-se o *superego*, as quais fogem ao escopo deste estudo.

O primeiro tema a que o narcisismo vem associado neste texto, é quando Freud (1996n) busca reconstruir o processo de estabelecimento da melancolia. Conforme sua hipótese, diante de uma frustração em relação à pessoa na qual libido objetual estava depositada, esta libido é retirada para o ego. Ao contrário do que se espera de uma dinâmica saudável, na qual a libido buscaria outro objeto, neste caso não é isso que acontece. Mais do que isso, há uma peculiaridade associada a este movimento da libido: é estabelecida uma identificação do ego com o objeto antes alvo da libido (FREUD, 1996n).

Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetual se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação. (FREUD, 1996n, p.255)

O narcisismo aparece para justificar uma contradição formulada a partir deste ponto. Freud (1996n) imagina que deve ter havido uma forte fixação no objeto para que tudo ocorra como descrito acima; além disso,

contraditoriamente, a catexia objetal deveria ter tido fraca resistência. Segundo ele, isto só poderia ocorrer tendo como base o fato de que a escolha de objeto foi pautada no narcisismo e, diante da frustração, teria retornado a ele, de forma que a identificação do ego com o objeto, narcisista, seria um substituto do investimento libidinal. Agindo de acordo com este mecanismo de retorno ao narcisismo, que é responsável por diversos distúrbios de ordem narcisista, através da identificação com o objeto, o sujeito não abdica do objeto (FREUD, 1996n).

Tal mecanismo é entendido como uma forma de regressão: da escolha objetal narcisista ao narcisismo. Conseqüentemente, a predisposição à melancolia estaria vinculada à ideia de uma escolha objetal narcisista, o que ainda não teria sido confirmado pela observação (FREUD, 1996n). Sobretudo, é importante apontar que o autor realiza todo este raciocínio utilizando-se da concepção de fase oral, em que a identificação com o objeto relaciona-se com a intenção de incorporar a si mesmo o objeto de desejo, remetendo à fase oral narcisista da infância (FREUD, 1996n).

Logo a seguir, Freud (1996n) faz uma distinção entre a identificação narcisista e a histérica:

(...) ao passo que na primeira a catexia objetal é abandonada, na segunda persiste e manifesta sua influência, embora isso em geral esteja confinado a certas ações e inervações isoladas. Seja como for, também nas neuroses de transferência a identificação é a expressão da existência de algo em comum, que pode significar amor. A identificação narcisista é a mais antiga das duas e prepara o caminho para uma compreensão da identificação histérica, que tem sido estudada menos profundamente. (FREUD, 1996n, p.156)

Nesta altura, já é possível perceber que as contribuições ao conceito de narcisismo tornam-se cada vez mais escassas. Ao contrário, é o conceito de narcisismo que traz contribuições ao entendimento de lacunas na teoria, que só se tornaram passíveis de entendimento com sua introdução. Talvez isto ocorra porque o conceito já esteja consolidado de forma quase final, talvez porque se trata de um momento muito próximo de sua descoberta. É impossível não notar, porém, que pouco foi acrescentado à noção de narcisismo após o texto que o introduz, ao menos até agora.

Outra articulação que renova o entendimento de determinados

fenômenos, sem, entretanto, acrescentar ao conceito de narcisismo, é a que Freud (1996n) elabora ao estudar o suicídio e o ódio a si mesmo, na melancolia. Em ambos os casos, por conta da identificação narcisista que ocorre, o ódio e a vontade de tirar a vida se realiza contra um objeto substituto do próprio ego, isto é, o indivíduo que se autotortura, se odeia, ou se mata, estaria tentando atingir o objeto que passou a substituir seu ego, passando a tratar a si mesmo como um objeto. O sujeito livra-se do objeto, mas este revela-se mais forte que o próprio ego, dominando-o (FREUD,1996n).

Nas próximas páginas do artigo, Freud (1996n) se detém em compreender a mania, mais especificamente, em entender o surgimento da mania depois de se ter instalada a melancolia. A discussão se estende a um horizonte que não é objeto deste estudo, incluindo novos questionamentos, cujas respostas não são elaboradas no texto. Como exemplo, temos uma passagem em que Freud (1996n) indaga se “uma perda no ego, independentemente do objeto – um golpe puramente narcisista contra o ego -, não bastará para produzir a melancolia” (FREUD, 1996n, p.258-259) ou “se um empobrecimento da libido do ego, diretamente por causa de toxinas, não será capaz de produzir certas formas de doença” (FREUD, 1996n, p.259), indagações às quais não fornece resposta.

A última menção ao narcisismo neste artigo é em sua última página. Ainda tentando entender o mecanismo de instauração da mania, após ter buscado a explicação na economia libidinal, Freud (1996n) vai concluir que é na regressão da libido ao ego, uma das precondições citadas por ele à melancolia¹⁴, que encontrará a resposta. Segundo ele,

O acúmulo de catexia que, de início, fica vinculado e, terminado o trabalho da melancolia, se torna livre, fazendo com que a mania seja possível, deve ser ligado à regressão da libido ao narcisismo. O conflito dentro do ego, que a melancolia substitui pela luta pelo objeto, deve atuar como uma ferida dolorosa que exige uma anticatexia extraordinariamente elevada. (FREUD, 1996n, p.263)

Contudo, o autor prefere não se estender no debate até ter esclarecido

¹⁴ As três pré-condições da melancolia, citadas por Freud (1996m) são a perda do objeto, a ambivalência e a regressão da libido ao ego.

outros pontos mal compreendidos até então (FREUD, 1996n).

Um pouco à frente, nas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, proferidas entre 1915 e 1917 e publicadas em 1916 e 1917, pode-se encontrar uma conferência que tem como tema principal aquilo que dá nome a ela: A Teoria da Libido e o Narcisismo, na qual são encontradas contribuições mais úteis ao presente estudo, quase constituindo-se num resumo do que já foi visto até o momento.

Primeiramente, cabe destacar que o início da conferência traz de forma didática um imbróglio crucial a este estudo, que diz respeito à distinção entre os diferentes instintos. Fica claro, nas primeiras páginas do artigo, que Freud (1996o) propõe a existência de instintos sexuais que emanam do ego em direção aos objetos, chamando-os de *libido*. Em contrapartida, explica que o termo *interesse* vai servir para denominar todas as outras catexias, provenientes dos instintos de autopreservação. Sinteticamente, instintos sexuais seriam chamados de *libido* e não-sexuais de *interesse* ou variações do termo. Com o avanço dos estudos para além das neuroses de transferência, foi possível conceber que a libido, ou seja, os instintos sexuais, também poderiam se direcionar ao próprio ego, levando à distinção já bastante utilizada neste trabalho: entre libido do ego e libido objetal. É exatamente ao tratar deste aspecto que o narcisismo aparece pela primeira vez no artigo: é o nome que se deu a este investimento libidinal no ego (FREUD, 1996o).

No parágrafo ulterior, o narcisismo será apontado como uma fase universal a todos os indivíduos e que precede o amor objetal, na qual a satisfação sexual é obtida de modo autoerótico, sendo esta a atividade sexual do estágio do narcisismo. Importante destacar, entretanto, que atingir o amor objetal não implica no desaparecimento do narcisismo (FREUD, 1996o).

Logo em seguida, o próprio Freud (1996o) atesta o caráter de resumo de seu texto, ao explicar o movimento da libido em direção aos objetos e de retorno ao ego, utilizando-se de uma ameba e seus pseudópodes como analogia; e, depois, ao levantar as diversas situações em que há uma retração da libido em direção ao ego, já observadas em seus escritos, assim como já estudadas no presente trabalho. Entre elas se encontram situações em que o indivíduo é acometido por doenças orgânicas, o estar apaixonado, o estado de sono e os

sonhos. Freud (1996o) dá especial atenção a estas duas últimas, citando o dormir como um exemplo de situação em que há um redirecionamento dos instintos, que catexizavam os objetos, para o ego, atingindo-se um estado de narcisismo total, assemelhando-se à vida intrauterina.

Ainda revisando tópicos já explorados, tanto na obra freudiana como neste texto, Freud (1996o) retoma a distinção apresentada anteriormente na análise do texto Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos, entre narcisismo e egoísmo, agora de forma mais completa:

(...) o narcisismo, segundo penso, é o complemento libidinal do egoísmo. Quando falamos em egoísmo, temos em vista apenas a vantagem do indivíduo; quando falamos em narcisismo, também estamos levando em consideração sua satisfação libidinal. (...) É possível ser absolutamente egoísta e, mesmo assim, manter poderosas catexias de objeto, na medida em que a satisfação libidinal em relação ao objeto faz parte das necessidades do ego. Nesse caso, o egoísmo procurará fazer com que o esforço por obter um objeto não envolva prejuízo para o ego. É possível ser egoísta e, ao mesmo tempo, ser desmesuradamente narcisista (...). Em todas essas correlações, o egoísmo é aquilo que é evidente por si mesmo e constante, ao passo que o narcisismo é o elemento variável. (FREUD, 1996o, p.418)

Ainda no parágrafo que trata desta distinção, Freud (1996o) diferencia altruísmo de catexia objetual libidinal, levando em conta que aquela é desprovida de elementos sexuais. O narcisismo volta a aparecer para explicar que no estado apaixonado, o altruísmo se sobressai em relação ao investimento de libido no objeto e isto ocorre devido ao fato de que, no estado apaixonado, “o objeto sexual atrai para si uma parte do narcisismo do ego” (FREUD, 1996o, p.418), o que ficaria evidente pela idealização do objeto que se tem neste estado.

Posteriormente, Freud (1996o) irá utilizar-se de uma citação do *West-östliche Diwan* de Goethe, para dar um exemplo poético da diferença entre altruísmo e narcisismo, no que se refere à economia libidinal, a qual não será trabalhada aqui.

Nas próximas páginas, novamente, Freud (1996o) faz considerações importantes a respeito da teoria da libido, que poderiam não ser incluídas neste texto, mas que só ajudariam a entender o narcisismo se fossem estudadas. É ao segundo caminho que preferiu-se aderir.

Diante de duas possíveis objeções à ideia da retirada da libido objetual

para o ego, Freud (1996o) resume e esclarece pontos importantes da teoria da libido, que explicam aquilo que seriam impasses lógicos, à primeira vista.

A primeira dessas questões envolve a diferenciação entre instintos do ego e instintos sexuais, ou entre interesse e libido. O problema que surge é se haveria necessidade de distinguir os instintos, isto é, se não bastaria utilizar-se de uma energia única. Esta questão já teria sido debatida anteriormente, inclusive em parte dos textos aqui trabalhados, mas o acréscimo que se encontra no artigo atual é que Freud (1996o) relembra que a necessidade da diferenciação entre a libido e o interesse provém da descoberta do conflito nas neuroses de transferência, e que assim se manteve diferente. Outro ponto levantado é que o entendimento de que a libido pode se direcionar aos objetos e também ao ego, deu conta de explicar o problema das neuroses narcísicas. Por fim, quanto a esta questão, Freud (1996o) admite que a única tese que não consegue sustentar com base nas observações clínicas é a de que a libido se mantenha sempre libido, sem poder se transformar em interesse, e vice-versa; mas defende que essa tese é coerente com a separação dos instintos em instintos do ego e instintos sexuais e, portanto, a manterá enquanto fizer sentido.

A segunda questão refere-se ao fato de que Freud (1996o) teria atribuído ao desligamento da libido um caráter patológico, enquanto propõe que um redirecionamento da libido objetal em direção ao ego, seria componente da vida normal. Do que se depreende da resposta de Freud (1996o) a esta objeção, no caso em que a retirada da libido dos objetos tem resultado patológico, há alguma força importante que obrigaria tal retirada. Mais do que isso, nesses casos a libido não conseguiria retornar ao objeto e é exatamente esta paralisação da libido que daria surgimento à patologia, como se certo limite de contenção da libido fosse atingido nesses casos. Freud (1996o) vai além: segundo ele, poderia ter sido, justamente, a fim de evitar que houvesse uma quantidade de libido no ego acima de determinado limiar, que a libido tenha se propagado para os objetos.

Ainda se referindo à objeção relativa ao segundo questionamento, Freud (1996o) indica que esses processos de desligamento da libido estariam intimamente ligados à repressão. Destaca-se a problemática ao considerar que em outras patologias, como a histeria, o conflito e a repressão também existem,

apesar de seus fins serem bastante diferentes. Segundo o autor, o resultado é tão distante porque no caso das neuroses narcísicas haveria uma disposição diferente: tais pacientes teriam uma fixação na fase do narcisismo primitivo, o que seria substrato para a formação dos seus sintomas particulares. Quanto à comparação entre neuroses narcísicas e neuroses de transferência, Freud (1996o) rejeita diferenças no campo dos fenômenos, afirmando que a diferença só se dá nos pontos de fixação do desenvolvimento, sendo as neuroses narcísicas mais graves e fixadas em fases muito anteriores do desenvolvimento.

Um pouco à frente, Freud (1996o) levanta algumas de suas pretensões para os próximos progressos da psicanálise. O autor espera, a partir das análises das rupturas e distúrbios do ego, compreender melhor a dinâmica das neuroses narcísicas, as quais tornaram-se mais compreensíveis a partir dos estudos da libido do ego. Segundo o autor, o trabalho é dificultado porque, ao contrário do que ocorre com as neuroses de transferência, a técnica fornecida pela psicanálise não parece surtir muitos efeitos nas neuroses narcísicas, além do fato de que as resistências, nestas últimas, seriam intransponíveis. Por fim, assume sua esperança de que a psiquiatria se alie à psicanálise para que os avanços terapêuticos possam se suceder, assim como os teóricos (FREUD, 1996o).

Voltando ao objeto deste estudo, o narcisismo será enunciado outra vez, quando é feita uma breve explanação da paranoia, mais especificamente de um sintoma que costuma ser encontrado nesta afecção: a megalomania. Retoma-se a ideia de que a megalomania seria resultado de uma expansão do ego, causada por uma retração libidinal dos objetos ao ego, em outras palavras, uma forma de retorno ao narcisismo primário, nomeada narcisismo secundário. O autor continua retomando elementos importantes à compreensão da paranoia e traz dois exemplos de casos clínicos em que se manifestava o distúrbio (FREUD, 1996o).

Numa próxima discussão, o autor explica que

A escolha objetal homossexual situa-se originalmente mais próxima do narcisismo, do que ocorre com a escolha heterossexual. Quando se trata, pois, de repelir um impulso homossexual indesejavelmente forte, torna-se sobremodo fácil o caminho do regresso ao narcisismo. (FREUD, 1996o, p.427)

Freud (1996o), parece desculpar-se, logo na próxima passagem, por ter falado pouco a respeito dos fundamentos da vida erótica. Sem ter a intenção de “reparar essa omissão” (FREUD, 1996o, p.427), faz um breve resumo de como se daria a escolha objetal após a superação do estágio de narcisismo. São retomadas aqui as duas possibilidades de escolha objetal: a escolha de tipo *narcísico* e a escolha do tipo de *ligação* ou *anaclítica*. Quanto à escolha do tipo anaclítica, não há novidades: é escolha de objeto que se dá tendo como modelo aqueles que satisfizeram as necessidades vitais na primeira infância. O curioso aparece com a escolha do tipo narcísica: Freud (1996o) a define como uma escolha na qual “o próprio ego da pessoa é substituído por um outro, que lhe é tão semelhante quanto possível” (FREUD, 1996o, p.427). Esta definição parece diferente da proposta anteriormente (FREUD, 1996a; FREUD, 1996h), na qual a escolha de objeto se daria tomando a si mesmo como modelo, através de uma identificação prévia com o cuidador, em geral a mãe, dando substrato para escolher o objeto que se assemelhe ao próprio ego. Não é possível identificar, nas definições anteriores, uma asserção tão explícita a respeito da *substituição* do ego por um outro. Fica difícil entender o que Freud (1996o) quis dizer na definição aqui proposta: é o próprio ego da pessoa que é substituído por um outro, semelhante ao seu; ou o objeto que é escolhido por ser semelhante ao próprio ego? Não parece haver uma elucidação neste sentido, no artigo em questão. O autor termina afirmando que nos homossexuais há uma fixação na escolha de objeto de tipo narcísica (FREUD, 1996o).

Mais à frente, Freud (1996o) vai trazer à tona aquilo que pôde descobrir a respeito da melancolia e que já foi tratado ao analisar o texto Luto e Melancolia: explanará o mecanismo de identificação narcísica por meio do qual o ego se identifica com o objeto perdido, tornando-o alvo de sentimentos ambivalentes, como o amor e o ódio e, inclusive, formulando uma explicação para as diversas agressões que o melancólico infringe em si mesmo, chegando, às vezes, ao ponto de levá-lo ao suicídio. O autor também faz uma breve menção às identificações históricas e ao mecanismo cíclico da melancolia, que a intercala com a mania (FREUD, 1996o).

Finalmente, depois deste longo artigo em tom de revisão, Freud (1996o) retoma a formulação do *ideal do ego*, cuja concepção só teria sido possível pelo

estudo dos distúrbios narcísicos, especialmente através dos delírios de observação. O autor sintetiza as principais ideias a respeito desta instância observadora e controladora, que tenta regular o ego real. Traz, assim, a última referência ao termo narcisismo deste texto, ao dizer que a criação do ego ideal “foi feita com a intenção de restabelecer a autossatisfação que estava vinculada ao narcisismo primário infantil, mas que, desde então, sofreu assim tantas perturbações e mortificações” (FREUD, 1996o, p.429).

O artigo termina com Freud (1996o) sintetizando as descobertas a que teve acesso a partir do estudo dos distúrbios narcísicos, assumindo que todas estas descobertas têm como base os usos dos conceitos de libido do ego e libido narcísica, através do que foi possível entender as neuroses narcísicas sem abandonar as descobertas referentes às neuroses de transferência, ao contrário, encontrando uma teoria que fosse coerente com ambas, ainda que esteja longe de se esgotar.

Outras duas, das Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise, que enunciam a noção de narcisismo são a conferência XXVII, nomeada Transferência, e a conferência XXVIII, com o título Terapia Analítica. Em ambas, o narcisismo aparece principalmente relacionado ao conceito de transferência, objeto de estudo da primeira destas conferências e importante conceito à segunda delas (FREUD, 1996p; FREUD, 1996q).

Na primeira destas conferências, o narcisismo aparece num trecho em que o autor está discutindo a importância da relação com o psicanalista¹⁵, conceituada como transferência, para que o paciente dê crédito às colocações do mesmo. O narcisismo aparece como um possível impedimento a que isso ocorra:

Portanto, em geral um homem só é acessível, também a partir do aspecto intelectual, desde que seja capaz de uma catexia libidinal de objetos; e temos boas razões para reconhecer e temer no montante de seu narcisismo uma barreira contra a possibilidade de ser influenciado até mesmo pela melhor técnica analítica. (FREUD, 1996p, p.447)

Nesse sentido, uma alta dose de narcisismo pode impedir que seja

¹⁵ Freud utiliza o termo *médico*, ao invés de psicanalista.

investida determinada catexia libidinal na figura do psicanalista, ou seja, pode inviabilizar que a transferência de sentimentos à pessoa do médico ocorra, comprometendo a capacidade deste de ter influência sobre o paciente.

Continuando nesta linha de raciocínio, Freud (1996p) justifica por que a psicanálise não teve, ainda, sucesso com as neuroses narcísicas:

A observação mostra que aqueles que sofrem de neuroses narcísicas não têm capacidade para a transferência ou apenas possuem traços insuficientes da mesma. Eles rejeitam o médico, não com hostilidade, mas com indiferença. Por esse motivo, tampouco podem ser influenciados pelo médico (...). (p.447-448)

Na conferência seguinte, Terapia Analítica, é com este mesmo propósito que Freud (1996q) faz uso do termo narcisismo, ao apontar que o sucesso da terapia vai depender tanto da mobilidade da libido, que pode ou não deixar seus objetos, como da “rigidez do narcisismo” (FREUD, 1996q, p.456), a qual determinará se será possível estabelecer a transferência de modo que a terapia possa surtir efeito.

O trabalho a ser estudado posteriormente às Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise é considerado “o mais elaborado e sem dúvida o mais importante de todos os casos clínicos de Freud”, por James Strachey (1996h, p.13). É o mais longo dos casos de análise dentre os publicados por Freud, segundo Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998), conhecido como o caso do Homem dos Lobos, cujo nome real é Serguei Constantinovitch Pankejeff. Trata-se do artigo História de Uma Neurose Infantil, escrito entre outubro e novembro de 1914 e publicado somente em 1918 (STRACHEY, 1996h; ROUDINESCO; PLON, 1998). Apesar de ser um texto cuja publicação é ulterior, considerando-se a cronologia das publicações, optou-se por colocá-lo aqui tendo em vista suas influências sobre textos seguintes.

Na primeira das aparições do narcisismo no artigo sobre o Homem dos Lobos, Freud (1996r) está explicando como Pankejeff teria deslocado sua libido de sua babá, a qual o havia rejeitado, para o seu pai, assim, permitindo-se “renovar a sua primeira e mais primitiva escolha objetal, que, em conformidade com o narcisismo de uma criança, havia ocorrido ao longo do caminho de identificação” (FREUD, 1996r, p.36). Nada mais é acrescentado que possa ser

interessante ao estudo do narcisismo neste momento.

Uma nova menção ao narcisismo é feita quando Freud (1996r) conclui que o Homem dos Lobos teria reprimido seu desejo de copular com o pai, gerando sua ansiedade, a qual era representada pelo medo de ser devorado por um lobo, que por sua vez representava o pai. O narcisismo surge quando Freud (1996r) vai discorrer a respeito daquilo que teria impulsionado tal repressão. Segundo ele, haveria um conflito que por um lado envolvia a libido genital narcísica de Pankejeff, representada pelo interesse por seu próprio pênis; e por outro lado abarcava seu desejo sexual, que para ser concretizado exigiria uma renúncia à sua genitália. Esta ameaça ao narcisismo é o que Freud (1996r) entende como a raiz da “masculinidade com a qual se defendia contra a atitude passiva em relação ao pai” (FREUD, 1996r, p.55), isto é, se defendia do desejo pelo pai. Este mesmo sentido volta a aparecer algumas páginas à frente, quando Freud (1996r) reafirma o conflito entre a masculinidade narcísica do Homem dos Lobos e o desejo de ser possuído pelo pai.

As próximas quatro referências ao narcisismo são bastante singelas, sendo que em apenas uma delas há menção ao termo em si. Numa delas, Freud (1996r) aponta o aspecto narcísico que existe na admiração de uma pessoa pelo próprio pênis; na outra, explica a compaixão do paciente por pessoas doentes, remetendo à cena primária, na qual sentiu pena de seu pai ao ver o pênis dele desaparecendo, e exalta o caráter narcísico de tal compaixão; logo após, aponta um episódio em que o paciente teve gonorreia, o que teria sido um golpe em seu narcisismo levando-o a ter uma recaída; e por fim, quando retoma a identificação do paciente com o pai, dizendo que até então enxergava-a como narcísica, mas que naquele momento já podia vê-la como tendo atingido a organização genital (FREUD, 1996r).

Num próximo momento da análise do caso, também há alusões ao narcisismo, novamente de forma bastante discreta e pouco contributiva para este escrito. O autor discute a repressão da “atitude homossexual compreendida no sentido genital” (FREUD, 1996r, p.114) que teria ocorrido com o Homem dos Lobos. A masculinidade narcísica teria sido motivo para tal repressão, à medida que entrou em conflito com a passividade de seu objetivo homossexual em relação ao pai. A primeira, a masculinidade narcísica, atendia aos interesses do

ego e a segunda, ia contra esses interesses, e por isso foi reprimida. Novamente, tratar-se-ia de um conflito entre interesses do ego e libido (FREUD, 1996r).

Contudo, o próprio Freud (1996r) refuta a tese de que a masculinidade narcísica teria sido o único motivo para a repressão. Segundo ele, a tendência homossexual do menino, que se manifestou através de um sonho, era tão intensa que a única saída do ego foi reprimi-la. A masculinidade narcísica, por sua vez, contribuiu com o ego neste processo de repressão. O curioso é que nesta passagem, parece que Freud (1996r) considera três instintos atuantes: um deles, responsável pela masculinidade narcísica; outro, em parceria com o primeiro, proveniente do ego e contrário à atitude homossexual do sonho; o terceiro, um instinto sexual que busca o objeto homossexual. Ao que tudo indica, os dois primeiros parecem ser instintos não sexuais e provenientes do ego, enquanto o terceiro, sexual, mas isto fica confuso na passagem. O trecho a seguir parece revelar a sensibilidade de Freud a este fato: “Simplesmente para evitar mal-entendidos, acrescentarei que todos os impulsos narcísicos operam a partir do ego e têm sede permanente no ego, e que as repressões são dirigidas contra as catexias de objeto libidinais” (FREUD, 1996r, p115).

Alguns parágrafos à frente, Freud é mais categórico: “A verdade é que o ego não tem correntes sexuais, mas apenas um interesse em sua própria autoproteção e na preservação de seu narcisismo” (FREUD, 1996r, p.116). Quando escreve esta frase, o autor está discutindo as possíveis confusões que possam ter surgido em função da distinção que faz entre *ativo* e *masculino*, e de forma análoga, entre *passivo* e *feminino*. É confuso entender o que Freud quis dizer com a preservação do narcisismo pelo ego. A partir do conceito de narcisismo que vem sendo trabalhado, pode-se entender a frase de, pelo menos, duas maneiras.

Na primeira, narcisismo estaria sendo utilizado como o retorno da libido ao ego, mas essa interpretação fica confusa quando se considera o começo da frase, pela qual afirma-se que o ego não tem correntes sexuais: Freud (1996r) pode estar se referindo a correntes sexuais no sentido de masculino e feminino, o que pareceria lógico e condizente com a ideia de retorno da libido ao ego; ou no sentido de instinto sexual, libidinal, se opondo ao instinto não-sexual, o que também parece fazer sentido, tendo em vista que o instinto sexual, a libido, não

provém do ego, mas tem seu objeto nele, quando se fala em narcisismo.

A segunda maneira de entender a frase, seria algo no sentido da fixação na fase do narcisismo, isto é, o ego buscando tal fixação, o que não parece ser coerente com o que já foi estudado sobre o desenvolvimento da libido, parecendo lógico descartar esta possibilidade de interpretação.

A frase fica ainda mais confusa quando é utilizado o pronome *seu* para se referir ao narcisismo: o narcisismo não é sempre do ego, tendo em vista que sempre que se fala em narcisismo, estar-se-ia falando de um retorno da libido ao ego? Ou, no caso do narcisismo primário, de uma indistinção entre libido e interesse, na qual a primeira estaria direcionada ao ego e “aguardando” para ser direcionada aos objetos?

Parece mais aceitável a interpretação em que preservar o narcisismo do ego é equivalente a manter libido colocada nele, assim como o entendimento de que *correntes sexuais* refere-se ao fato do ego não ter correntes sexuais *femininas* ou *masculinas* - mesmo considerando que a interpretação na qual *correntes sexuais* é equivalente a libido também faça sentido.

As derradeiras referências ao narcisismo no texto se dão quando Freud (1996r) está realizando um compilado de informações a respeito do caso. Neste resumo, retoma a gonorreia que acometeu o Homem dos Lobos como algo que recordou seu medo de castração e teria abalado intensamente seu narcisismo, fazendo-o adoecer por uma frustração narcísica. Logo após, marca que a força deste narcisismo seria condizente com seu desenvolvimento sexual, cuja atitude homossexual inconsciente e intensa, manifestava também a intensidade de seu narcisismo.

O título subsequente, *As Transformações do Instinto Exemplificadas no Erotismo Anal*, foi publicado antes de *História de Uma Neurose Infantil*, em 1917. Não obstante, optou-se por colocá-lo após este último artigo, levando em conta que “várias das conclusões a que Freud chega neste escrito parecem originar-se da análise do ‘Homem dos Lobos’” (STRACHEY, 1996h, p.131), o qual teria sido escrito antes do artigo que agora será analisado (STRACHEY, 1996h).

Neste texto, quando Freud (1996s) está avaliando qual a consequência do desejo infantil por um pênis, em mulheres sem aparente risco de uma neurose futura, encontra como resposta o desejo por um homem, como suplemento do

pênis. Deste modo, fica possível a existência da masculinidade para a escolha objetal, em paralelo com a feminilidade, derivada do narcisismo. Aqui, parece ser retomada a concepção proposta em *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*, para a escolha objetal nos sexos masculino e feminino (FREUD, 1996h). A feminilidade como derivada do narcisismo, provavelmente, está sendo empregada referindo-se a uma forma de escolha objetal, das mulheres, em que se busca um objeto capaz de amá-las. Este mecanismo seria fruto de uma intensificação do narcisismo original, como já foi estudado, no qual as mulheres se interessam por si mesmas (FREUD, 1996h).

No final do mesmo parágrafo, Freud (1996s) faz menção ao texto de introdução ao narcisismo, dizendo que em certos casos é somente o bebê que permite a transição do amor narcísico para o amor objetal.

Ainda sobre este tema, Freud (1996s) exalta a relevância de o desejo por um bebê se vincular ao desejo infantil da mulher pelo pênis, este último funcionando como um complemento libidinal inconsciente e transformando uma parte da masculinidade narcísica da mulher, representada pelo desejo do pênis, em feminilidade, constituída pelo desejo pelo bebê e pelo homem.

Os próximos comentários envolvendo o narcisismo são relativos ao modo como o bebê relaciona-se com suas fezes. Freud (1996s) aponta que entregar as fezes a outra pessoa, através da defecação, é um primeiro gesto que representa uma atitude de amor objetal. Ao mesmo tempo, é a primeira vez que a criança deve decidir entre o amor objetal e o narcisismo, que seria correlato a não defecar, sendo que a decisão no sentido desta última poderia significar uma obstinação, fruto de um apego narcísico ao erotismo anal. O mesmo vai ser retomado na penúltima página do texto, quando Freud (1996s) está explicando um diagrama presente no artigo, onde se dá a última referência ao narcisismo no texto.

Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise, publicado em 1917, é o próximo artigo que será analisado sob a perspectiva do narcisismo. Este artigo tem algo de especial para o presente trabalho, porque, segundo James Strachey (1996h), sua primeira parte seria um sumário do texto de introdução ao narcisismo. De fato, é o que parece se observar ao estudá-lo.

Neste texto bastante didático, as menções ao narcisismo aparecem em

dois momentos: no primeiro, Freud (1996t) está fazendo uma reconstituição do que se tem até o momento a respeito da teoria da libido e das consequências de sua distribuição, tanto para a vida normal como para os distúrbios da mente. No segundo, o autor trata das três feridas narcísicas a que o homem foi submetido. A maneira como o narcisismo é referido neste texto é encontrada, com mais detalhes, a seguir.

Quanto à teoria da libido, Freud (1996t) indica que é nela que a psicanálise busca esclarecimentos e soluções para os distúrbios nervosos. Apresenta, subsequentemente, a distinção entre os *instintos não-sexuais*, também chamados de *instintos de autopreservação* ou de *instintos do ego*, de um lado; e os *instintos sexuais*, ou *libido*, do outro lado. Atribui, então, a estes últimos, o principal fator relacionado à causação dos distúrbios neuróticos. Completando com as diversas interações, conflituosas ou não, entre os dois tipos de instintos, que vão encontrar soluções nos sintomas, nas repressões, nas fixações, conforme já foi debatido anteriormente.

A psicanálise, por sua vez, enfrentaria os distúrbios com que se depara através da busca por melhores soluções para os conflitos aos quais os indivíduos estão sujeitos. Considera, para isso, a distribuição da libido na vida de cada sujeito e, através das observações dos fenômenos relacionados a ela, pôde chegar às hipóteses para a distribuição da libido ao longo do desenvolvimento dos seres humanos (FREUD, 1996t). Não é surpresa que para discorrer sobre o assunto, Freud (1996t) refira-se ao narcisismo.

Inicialmente, define o narcisismo como a “condição em que o ego retém a libido” (FREUD, 1996t, p.147), apontando para o caminho do desenvolvimento da libido que vai do autoerotismo, passando pelo narcisismo e chegando ao amor objetal. Em seguida, explica que mesmo um indivíduo que possui um amor objetal bem desenvolvido, retém parte da libido no ego, isto é, mantém, em partes seu narcisismo. É destacada a mobilidade de libido, que pode retirar-se do ego e dirigir-se aos objetos, ou vice-versa, mecanismo que torna possível que um indivíduo se mantenha saudável (FREUD, 1996t).

No parágrafo seguinte, Freud (1996t) indica a presença do narcisismo na infância, provavelmente fazendo uma referência àquilo que foi introduzido com os Três Ensaio Sobre a Sexualidade, isto é, a sexualidade infantil. De maneira

semelhante, aponta para conteúdos do texto Totem e Tabu, no qual o narcisismo emerge, entre outras formas, através da onipotência de pensamentos e das causalidades mágicas que os povos primitivos atribuem a eventos do mundo externo. Ambos os textos já aqui trabalhados no que se refere ao narcisismo.

O autor passa então a expor aquilo que considera as três feridas narcísicas da humanidade.

A primeira delas foi a descoberta de que a Terra não é o centro do universo e que os outros astros, como o sol, não giram ao redor da mesma, sendo a Terra o astro que orbita o sol. Foi um golpe sofrido pelo narcisismo da humanidade a partir da cosmologia (FREUD, 1996t).

A segunda das feridas teria sido a descoberta, feita por Charles Darwin, de que o homem não se diferencia tanto das outras espécies, como o ser humano imaginava até então. Com a formulação da hipótese evolucionista, o homem torna-se nada mais que uma espécie como qualquer outra, submetida às mesmas leis e sem que exista um salto qualitativo entre a espécie humana e seus ascendentes. Foi o golpe ao narcisismo que proveio da biologia (FREUD, 1996t).

O terceiro e último golpe, seria resultado das descobertas freudianas que deram origem à psicanálise, ainda que o pai desta disciplina atribua a outros autores, como Arthur Schopenhauer, os primeiros passos na direção deste golpe (FREUD, 1996t). Seria o golpe psicológico no narcisismo da humanidade:

É assim que a psicanálise tem procurado educar o ego. Essas duas descobertas - a de que a vida dos nossos instintos sexuais não pode ser inteiramente domada, e a de que os processos mentais são, em si, inconscientes, e só atingem o ego e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas e de pouca confiança -, essas duas descobertas equivalem, contudo, à afirmação de que o ego não é o senhor da sua própria casa. Juntas, representam o terceiro golpe no amor próprio do homem, o que posso chamar de golpe psicológico. Não é de espantar, então, que o ego não veja com bons olhos a psicanálise e se recuse obstinadamente a acreditar nela. (FREUD, 1996t, p.151)

O texto seguinte a ser utilizado, segundo James Strachey (1996b) é um artigo que foi escrito em setembro de 1917 e publicado em 1918. É o último de um conjunto de três artigos reunidos naquilo que Freud chamou de Contribuições a Psicologia do Amor. O primeiro desses artigos foi publicado em 1910 e o

segundo em 1912. Trata-se do Tabu da Virgindade.

Neste ensaio, a primeira contribuição surge na frase “narcisismo das pequenas diferenças” (FREUD, 1996u, p.208) quando Freud está explicando a noção de *tabu de isolamento pessoal*, criada por Crawley (*apud* Freud, 1996u), o qual seria responsável pela separação entre as pessoas. Ele postula que os sentimentos hostis e de estranhamento entre os indivíduos se daria por conta de uma semelhança muito grande entre eles. Tais indivíduos só se diferenciariam por pequenas diferenças e é justamente aí que o narcisismo aparece, como uma forma de apreciar em si exatamente aquela pequena parte que difere dos semelhantes. Freud (1996u) renega a ideia de atribuir a este tabu a hostilidade presente nas relações humanas. No fim do mesmo parágrafo, completa relacionando a rejeição narcísica das mulheres pelos homens com o complexo de castração, no sentido que os homens relembram as mulheres deste complexo (FREUD, 1996u).

Nova referência ao narcisismo é feita ao explorar o tema da perda da virgindade pelas mulheres, através do que, sentiriam dor e seriam submetidas a uma *injúria narcísica* entendida como a destruição de um órgão – rompimento do hímen – somada à ideia de que o seu valor sexual teria sido diminuído, por não serem mais virgens (FREUD, 1996u).

A derradeira menção ao narcisismo ocorre num excerto em que Freud (1996u) trata da *inveja do pênis* que ocorre na infância das mulheres, atribuindo a localização desta fase a um momento anterior à escolha de objeto, completando:

“Não deveria me surpreender se, em outros casos, a ordem em que esses impulsos ocorreram fosse invertida e essa parte do complexo de castração só se tornasse efetiva depois que a escolha de objeto se houvesse realizado com êxito. Mas a fase masculina na menina, na qual ela inveja o menino por seu pênis é, em qualquer caso, desenvolvimentalmente a anterior e está mais próxima do narcisismo original do que o objeto de amor” (FREUD, 1996u, p. 214).

Neste fragmento, narcisismo está sendo utilizado como referência para localização da fase de inveja do pênis, no decorrer do desenvolvimento libidinal das meninas.

Em O Estranho, texto publicado em 1919, Freud (1996v) retoma o

narcisismo quando vai abordar o tema do *duplo*. No texto, o duplo surge ao discorrer sobre a novela *Die Elixire des Teufels*¹⁶ de Ernst Theodor Amadeus Hoffmann, um autor prussiano, mais especificamente ao tratar do estranho em sua obra. Nela, o duplo aparece como o estranhamento gerado pela semelhança entre os personagens, ou ainda, por uma confluência de conhecimento, ideias e experiências que se dá entre personagens diferentes, em que os próprios personagens se confundem ao tentar entender aquilo que é deles ou dos outros. Nas palavras de Freud (1996u, p.250): “há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu”.

Continuando no tema do duplo, Freud (1996u) traz as contribuições de Otto Rank para o tema:

Ele penetrou nas ligações que o ‘duplo’ tem com reflexos em espelhos, com sombras, com os espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte; mas lança também um raio de luz sobre a surpreendente evolução da idéia. Originalmente, o ‘duplo’ era uma segurança contra a destruição do ego, uma ‘enérgica negação do poder da morte’, como afirma Rank; e, provavelmente, a alma ‘imortal’ foi o primeiro ‘duplo’ do corpo. Essa invenção do duplicar como defesa contra a extinção tem sua contraparte na linguagem dos sonhos, que gosta de representar a castração pela duplicação ou multiplicação de um símbolo genital. (FREUD, 1996u, p.250)

Depois de enunciá-las, finaliza com uma referência ao narcisismo, em que afirma que essas referências ao duplo têm origem na ideia do narcisismo primário. Passada esta fase, o duplo assumiria o sentido inverso: ao invés de ser entendido como uma proteção contra a morte, uma defesa, ao ultrapassar o narcisismo primário passa a ser um “estranho anunciador da morte” (FREUD, 1996u, p.250).

Freud (1996u) explica que, logo após o narcisismo ter sido superado, o duplo é tido como um agente psíquico que controla, censura, critica e observa o ego, conhecido pelo senso comum como *consciência*, remetendo aos trechos

¹⁶ Cabem aqui alguns comentários. Quando Freud (1996x) realiza a retrospectiva citada no parágrafo acima, já havia levantado, nas quase cinquenta páginas anteriores, inúmeras hipóteses e ideias, que resultariam nas novidades trazidas pelo texto. O livro, como já foi dito, é um marco no desenvolvimento da psicanálise e rico em conteúdo. O narcisismo, entretanto, foi encontrado apenas nos trechos já analisados, a partir da metodologia adotada. Entende-se que as páginas finais do livro, em especial a sexta e sétima partes dele, são aquelas em que Freud traz as conclusões para o seu estudo. Para finalizar a análise da obra, pretende-se abarcar as conclusões que se acredita serem as mais importantes ao estudo do narcisismo. Neste sentido, acredita-se que aquelas novidades referentes à teoria da libido sejam cruciais, em especial a nova dualidade instintual proposta.

estudados no texto sobre o narcisismo, quando este agente e o ideal de ego são enunciados (FREUD, 1996h). Dentre as características deste duplo, muitas remeteriam ao narcisismo primário já ultrapassado (FREUD, 1996u), tema que foi abordado sem referência ao duplo no texto de introdução ao narcisismo (1996h).

Outra referência a textos anteriores se dá na última menção ao narcisismo no escrito, quando Freud (1996u) associa o estranho à onipotência de pensamentos, à magia, ao animismo do Homem, já trabalhados principalmente através de Totem e Tabu, onde se dá uma valorização excessiva da capacidade dos pensamentos humanos sobre a realidade e o mundo externo, tida como um resultado de um narcisismo elevado.

Chega-se então ao livro Além do Princípio do Prazer, publicado em 1920, do qual se afirma que “inaugurou o que se denominou de ‘grande reformulação’ ou ‘grande virada’ dos anos vinte, uma reorganização teórica fundamental” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.484). Ainda sobre o texto:

(...) Jean Laplanche disse ser “o texto mais fascinante e mais desnorteante da obra freudiana”, tamanha a ousadia e liberdade nele evidenciadas por seu autor, foi rejeitado por numerosos psicanalistas, inclinados a considerar a ousadia como falta de rigor e a liberdade de tom como uma deriva especulativa (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.485)

A grande repercussão que teve o livro se deve em grande parte à novidade introduzida por Freud relativa à dualidade dos instintos: se antes ele propunha uma divisão entre *instintos de autopreservação*, também chamados de *instintos do ego* ou *instintos não-sexuais*, e os *instintos sexuais* ou *libido*; agora Freud (1996x) vai propor que todos esses instintos fossem agrupados sob a denominação de *instintos de vida*, em contraposição aos *instintos de morte*, igualmente chamados de *instintos de destruição* ou de *instintos de agressão*, quando são direcionados para o mundo externo (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Ainda que os estudos sobre o narcisismo tenham influenciado em grande parte os novos conteúdos trazidos no livro (STRACHEY, 1996i; ROUDINESCO; PLON, 1998) e mesmo que seja cativante estudar como isto se deu, foge ao intuito do presente estudo entender as novas concepções freudianas e a referida reformulação da teoria, exceto naquilo que contribui para o objetivo deste

trabalho, sendo alvo do mesmo compreender se, e como, a obra influenciou o conceito de narcisismo. Apesar dessas duas tarefas parecerem intrínsecas uma à outra, é com foco na segunda das tarefas, a de entender a influência para o conceito de narcisismo, que se pretende trabalhar com este icônico texto da obra de Sigmund Freud, em conformidade com o modo como se vem trabalhando até o momento. Não obstante, é inevitável que os novos conceitos sejam abrangidos e que se busque entendê-los em certa medida.

Uma primeira referência indireta ao narcisismo aparece quando Freud (1996x) utiliza-se da expressão *cicatriz narcisista* para falar da perda do amor e do fracasso na infância, as quais contribuiriam para o “‘sentimento de inferioridade’, tão comum nos neuróticos (FREUD, 1996x, p.30). Nada muito relevante para a ideia do narcisismo é tirado deste trecho.

Outra menção à libido narcísica é apresentada quando Freud (1996x) está discutindo um aspecto das neuroses de guerra. Na passagem, o autor teoriza a respeito das razões pelas quais um trauma, ao ser acompanhado por um grande dano físico, tem menos chances de resultar numa neurose. Segundo ele, a violência mecânica do trauma pode promover quantidades elevadas de excitação sexual, mas estas seriam “compensadas” pelo investimento narcísico que se daria no órgão prejudicado, diminuindo as chances de ocorrência da neurose.

Um pouco à frente, na sexta parte do livro, Freud (1996x) debate a interdependência entre as células dos organismos, cujo resultado pode significar um prolongamento da vida das células envolvidas nessas relações, ou, pelo menos, um prolongamento da vida do agrupamento, mesmo que uma ou outra célula se perca no processo.

O autor propõe uma aplicação da teoria da libido proposta pela psicanálise a estas relações entre células (FREUD, 1996x). Ao descrever suas ideias, refere-se às células germinais como narcisistas, “para empregar a expressão que estamos acostumados a utilizar na teoria das neuroses para descrever um indivíduo total que retém sua libido em seu ego e nada desembolsa dela em catexias de objeto” (FREUD, 1996x, p.59). Utilizando-se da mesma analogia, aponta que também as células dos neoplasmas malignos que destroem o organismo deveriam ser chamadas de narcisistas (FREUD, 1996x). É no final

deste trecho que traz pela primeira vez no livro a ideia de que a libido dos instintos sexuais “coincidiria com o Eros dos poetas e dos filósofos, o qual mantém unidas todas as coisas vivas” (FREUD, 1996x, p.59), o que vai constituir um fato importante para o entendimento do texto.

Em seguida, é realizada por Freud (1996x) uma retrospectiva da teoria da libido: num primeiro momento, a descoberta dos instintos sexuais e dos instintos do ego, os primeiros, dirigidos ao objeto, em oposição aos últimos, pouco conhecidos; depois, a proposição dos instintos de autoconservação como instintos do ego; a ampliação do conceito de sexualidade e de instintos sexuais para além de um propósito de reprodução; a descoberta de que a libido teria também como objeto o ego, além dos objetos do mundo externo, situação na qual a libido recebeu o nome de *narcisista*; a redefinição do ego como o “verdadeiro e original reservatório da libido, sendo apenas desse reservatório que ela se estende para os objetos” (FREUD, 1996x, p.60), o que viria a ser chamado de *narcisismo primário*. Depois deste ponto, o autor parece começar suas conclusões a respeito de diversas ideias trabalhadas no livro, formulando diversas alterações naquilo que vinha sendo proposto ao longo de sua obra, considerando-se o recorte a que se teve acesso pelos textos selecionados para o atual trabalho.

Algumas mudanças, já em tom conclusivo, parecem estar contidas no fragmento a seguir:

Essa libido narcisista era também, naturalmente, uma manifestação da força do instinto sexual, no sentido analítico dessas palavras, e necessariamente tinha de ser identificada com os instintos de autoconservação, cuja existência fora reconhecida desde o início. Assim, a oposição original entre os instintos do ego e os instintos sexuais mostrou-se inapropriada. Viu-se que uma parte dos instintos do ego era libidinal e que instintos sexuais (provavelmente ao lado de outros) operavam no ego. Não obstante, temos justificação para dizer que a antiga fórmula que estabeleceu que as psicose neuroses se baseiam num conflito entre os instintos do ego e os instintos sexuais não contém nada que precisemos rejeitar atualmente. Acontece simplesmente que a distinção entre os dois tipos de instintos, que era originalmente considerada, de certa maneira, como qualitativa deve ser hoje diferentemente caracterizada, ou seja, como topográfica. E, em particular, é ainda verdade que as neuroses de transferência, o tema essencial do estudo psicanalítico, são o resultado de um conflito entre o ego e a catexia libidinal dos objetos. (FREUD, 1996x, p.60-61)

O excerto começa com a afirmação da necessidade de identificar a libido

narcisista aos instintos de autoconservação, propondo um caráter libidinal para estes instintos e rompendo-se com a antiga oposição entre instintos sexuais e instintos de autopreservação, como pode ser confirmado ao longo do texto (FREUD, 1996x).

A frase seguinte, que parece decorrer da afirmação anterior, complementa-a com uma explicação. Freud (1996x) está propondo que a oposição entre instintos do ego e instintos sexuais tornou-se incoerente, tendo em vista a existência de instintos do ego que são sexuais – libidinais – e também propõe que, como já era sabido, os instintos sexuais operam inclusive no ego.

É interessante notar que Freud (1996x) encontra uma maneira de reformular a teoria sem abandonar aquilo que havia proposto quanto ao conflito de base das psiconeuroses, entre os instintos do ego e os instintos sexuais. Não obstante, outra imprecisão parece surgir quando o autor aponta que os dois grupos de instintos deixam de ser caracterizados quanto à qualidade, passando a serem definidos por sua topografia.

Apenas pela leitura do parágrafo em questão, é impossível entender o que ele está propondo com a nova dualidade baseada na topografia, mas é possível entender, pela leitura do texto e, muito didaticamente, por uma nota de rodapé algumas páginas à frente, que o autor estaria propondo uma oposição entre instintos do ego, sexuais ou não, e instintos de objeto, sexuais ou não. Oposição que também seria abandonada pela oposição entre *instintos de morte* e *instintos de vida*, no mesmo livro (FREUD, 1996x).

Logo no parágrafo subsequente, o autor inicia da seguinte maneira:

Mas ainda nos é mais necessário enfatizar o caráter libidinal dos instintos de autoconservação, agora que nos estamos aventurando ao novo passo de reconhecer o instinto sexual como Eros, o conservador de todas as coisas, e de derivar a libido narcisista do ego dos estoques de libido por meio da qual as células do soma estão ligadas umas às outras (FREUD, 1996x, p.61)

Novamente, retoma a ideia de identificar o instinto sexual com Eros e de atribuir libido aos instintos de autopreservação. Além disso, faz referência à sua tese de que as reservas de libido teriam origem na ligação das células soma, derivando daí a libido narcisista do ego.

O autor prossegue levantando algumas possíveis objeções monistas às

suas novas ideias, defendendo-se delas com a nova concepção dualista a que estaria chegando – a dos *instintos de morte* e *instintos de vida*, estes representados por Eros (FREUD, 1996x). Ao longo da construção de sua defesa, o narcisismo é enunciado como um ponto de referência, ao afirmar que a psicanálise já suspeitava que os instintos do ego eram libidinais, mesmo antes do narcisismo (1996x). O restante da argumentação não será debatido.

Quase no final de *Além do Princípio do Prazer*, Freud (1996x) se mostra hesitante em relação às novas propostas elaboradas por ele no livro. Aponta que elas não são tão confiáveis como o conceito de sexualidade expandido e o narcisismo, ambos frutos diretos da observação clínica.

A última alusão ao narcisismo surge numa nota de rodapé adicionada ao texto algumas páginas adiante, que foi estendida em 1921, complementando-a. Nela, Freud (1996x) parece sintetizar as principais novidades propostas em seu livro, de maneira muito didática e sucinta, depois de fazer uma breve retrospectiva sobre a teoria da libido ao longo de sua obra. Considera-se que a nota em questão é um interessante meio para se ter um panorama da teoria da libido, com a vantagem de incluir as novas concepções trazidas em *Além do Princípio do Prazer*, contribuindo para o leitor do presente estudo. A fim de se aproveitar desde didatismo presente na nota de rodapé, e tendo em vista que trabalhar com ela seria praticamente reescrevê-la com outras palavras, certamente incorrendo em um escrito menos didático e claro, segue a nota de rodapé na íntegra:

Acrescentarei algumas palavras para esclarecer nossa terminologia, que experimentou certo desenvolvimento no curso da presente obra. Vimos a saber o que eram os instintos sexuais pela sua relação com os sexos e com a função reprodutora. Mantivemos esse nome após termos sido obrigados, através das descobertas da psicanálise, a vinculá-los menos estreitamente à reprodução. Com a hipótese da libido narcisista e com a extensão do conceito de libido às células individuais, o instinto sexual foi por nós transformado em Eros, que procura reunir e manter juntas as partes da substância viva. Aqueles que são normalmente chamados de instintos sexuais são por nós encarados como a parte de Eros voltada para os objetos. Nossas especulações sugeriram que Eros opera desde o princípio de vida e aparece como um 'instinto de vida', em oposição ao 'instinto de morte', criado pela animação da substância inorgânica. Essas especulações procuram resolver o enigma da vida pela suposição de que esses dois instintos se acham lutando um com o outro desde o início. (FREUD, 1996x, p.69)

E segue com o que foi adicionado em 1921:

Não é tão fácil, talvez, acompanhar as transformações pelas quais o conceito de 'instintos do ego' passou. Inicialmente, aplicamos esse nome a todas as tendências instintuais (de que não tínhamos conhecimento mais preciso) que podiam ser distinguidas dos instintos sexuais dirigidos no sentido de um objeto, e opusemos os instintos do ego aos instintos sexuais, dos quais a libido é a manifestação. Subseqüentemente, dedicamo-nos mais de perto à análise do ego e reconhecemos que uma parte dos 'instintos do ego' também é de caráter libidinal e tomou o próprio ego do sujeito como seu objeto. Daí por diante, esses instintos narcisistas e autoconservadores tiveram de ser incluídos entre os instintos sexuais libidinais. A oposição entre os instintos do ego e os instintos sexuais transformou-se numa oposição entre os instintos do ego e os instintos de objeto, ambos de natureza libidinal. Em seu lugar, porém, surgiu uma nova oposição entre os instintos libidinais (do ego e do objeto) e outros instintos, quanto aos quais há que supor que se achem presentes no ego e que talvez possam ser realmente observados nos instintos destrutivos. Nossas especulações transformaram essa oposição numa oposição entre os instintos de vida (Eros) e os instintos de morte (FREUD, 1996x, p.69)

Como se poderá ver, apesar desta passagem não trazer contribuições ao conceito de narcisismo, ela tem sua importância para a continuidade do presente trabalho, cujo próximo texto a ser analisado será *A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo Numa Mulher*, publicado em 1920.

Neste texto as referências ao narcisismo são poucas, apenas duas. Encontramos a primeira delas quando Freud (1996z), novamente, está tecendo comentários sobre a homossexualidade, desta vez relacionado à mulher analisada no artigo. Ele afirma que esta paciente assumiu um comportamento masculino em relação ao objeto de amor, no sentido que o supervalorizava e preferia amá-lo a ser amada por ele, renunciando a seu narcisismo. Por outro lado, na segunda aparição, Freud (1996z) está falando da aversão da moça à ideia de gravidez e parto, cuja interpretação é de que seria um retorno de seu narcisismo da juventude, que expressava, de maneira disfarçada, o orgulho que tinha por sua aparência quando era moça, mas agora recorrendo a uma forma de defesa através da aversão pela gravidez e pelo parto.

Com mais expressões do narcisismo, o livro *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, publicado em 1921, é o trabalho ulterior a ser analisado.

Segundo Strachey (1996i, p.75), *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* tem uma importante contribuição do artigo *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*; além de avançar na direção da segunda tópica, a qual seria concretizada em O

Ego e o Id, um dos próximos trabalhos a ser estudado.

Numa primeira alusão ao narcisismo no texto, Freud (1996aa) estaria opondo os fenômenos sociais, recém classificados como tal, aos fenômenos ditos narcisistas. Os primeiros, envolveriam as relações entre os indivíduos, a intersubjetividade; enquanto os segundos, seriam parcial ou totalmente voltados para si mesmo, sem ou com pouca influência dos outros. A oposição surge num momento em que o autor rebate o contraste entre a psicologia individual e a psicologia social, entendendo que aquela está intimamente relacionada com esta, acrescentando que o embate entre atos mentais sociais e narcisistas é objeto de estudo de uma psicologia individual, não bastando para diferenciá-la de uma psicologia social, ou de grupo.

O narcisismo vai aparecer novamente na sexta parte do texto. A primeira menção é numa nota de rodapé, adicionada a um trecho em que Freud (1996aa, p.106) afirma “que quase toda relação emocional íntima entre duas pessoas que perdura por certo tempo (...) contém um sedimento de sentimentos de aversão e hostilidade”. A nota de rodapé vai apresentar uma exceção a esta afirmação, que se daria no amor das mães por seus filhos, a qual é baseada no narcisismo, como já foi visto anteriormente. Ainda no mesmo parágrafo, um pouco à frente, Freud (1996aa) parece fazer uma referência ao narcisismo das pequenas diferenças, analisada no artigo O Tabu da Virgindade.

Um pouco à frente, ainda discorrendo sobre esses sentimentos ambivalentes, Freud (1996aa) identifica no narcisismo a causa para a hostilidade para com os estranhos, encontrada na vida cotidiana. O narcisismo trabalharia no sentido de preservar o indivíduo, numa espécie de combate a qualquer diferença que pudesse soar como uma crítica ao seu modo de ser.

Freud (1996aa) formula que, diante da formação de um grupo, considerando-se que para isso há necessidade de se estabelecer laços, os sentimentos de intolerância entre os seus membros são dissolvidos. Mais do que isso, “os indivíduos do grupo comportam-se como se fossem uniformes, toleram as peculiaridades de seus outros membros, igualam-se a eles e não sentem aversão por eles” (FREUD, 1996aa, p.107). O autor atribui aos laços formados entre os indivíduos do grupo a causa para uma limitação no narcisismo que é aparente nessa mudança de atitude.

No mesmo parágrafo, Freud (1996aa) debate a possibilidade de que um grupo pudesse chegar à tolerância entre seus indivíduos sem a adição da libido. Segundo ele, não existe uma limitação duradoura do narcisismo que não passe pelo laço libidinal com outra pessoa. Neste caso, o narcisismo só persistiria limitado se houvesse algum ganho com a relação. Aplica, inclusive, a máxima: “O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros” (FREUD, 1996aa, p.107), relativizando o problema prático que isto poderia ter para as comunidades, tendo em vista que em geral são criados laços nos grupos, os quais superam os lucros que se obtêm com as relações dentro deles.

O autor conclui o parágrafo afirmando que a essência dos grupos são os novos tipos de laços libidinais entre os indivíduos pertencentes ao grupo, utilizando como prova, o argumento de que é apenas quando estão dentro de grupos que os indivíduos estão sujeitos a tal limitação do narcisismo (FREUD, 1996aa).

Uma nova menção ao narcisismo se dará na parte seguinte do texto, intitulada Identificação. No trecho, Freud (1996aa) está discutindo a melancolia e o surgimento de um agente que vocifera contra o megalômano, criticando-o e julgando-o. Trata-se do *ideal do ego*, também chamado por Freud de *ego ideal*, discutido principalmente no texto sobre o narcisismo e em Luto e Melancolia. Na passagem, o ideal do ego é trazido como uma instância que se separa do ego e tem raiz na influência dos pais e na fase do narcisismo original, fase em que o ego era autossuficiente.

Na oitava parte do texto, Estar Amando e Hipnose, quando Freud (1996aa) está ponderando sobre os diversos modos de amar, elenca um modo específico de amor que se dá quando o objeto é idealizado. Na identificação, a libido narcisista seria direcionada ao objeto, que passa a ser tratado como o ego. O objeto é amado porque complementa o ego em algo que falta a ele, como se amar o objeto aproximasse o ego de seu ideal. A libido faz um caminho no sentido do objeto, mas que também satisfaz ao ego indiretamente, isto é, satisfazendo também o narcisismo.

Um efeito contrário parece surgir quando há um excesso na supervalorização e no amor, levando a uma limitação do narcisismo, que é manifestada através de atitudes de humildade, modéstia, auto sacrifício. “O

objeto, por assim dizer, consumiu o ego” (FREUD, 1996aa, p.117).

Na nona parte do texto, Freud (1996aa) estabelece uma relação entre suas contribuições propostas no livro e a ideia da horda primitiva, principalmente exposta em Totem e Tabu. Ao falar do pai da horda, caracterizando-o como totalmente narcisista, justamente por estar sempre buscando satisfazer o próprio ego, sem se preocupar com os outros membros do grupo e sem a necessidade de amar, o autor aponta a importância do amor como fator de civilização, ao considerar sua capacidade de frear o narcisismo.

Enquanto levanta uma hipótese sobre como ocorreria a substituição do pai da horda primitiva, por um de seus filhos, membros da horda, Freud (1996aa) utiliza-se do termo narcisismo ao descrever o processo pelo qual o filho que toma o poder deixa de ter seus impulsos sexuais reprimidos, podendo satisfazê-los sem espera e do modo como quiser, elevando seu narcisismo até, de fato, substituir o pai. O filho substituiria o pai, neste caso, não só naquilo que se refere às atitudes, como também ao modo como se dá a distribuição da libido, isto é, passando a preocupar-se somente consigo e dando nenhuma importância aos que eram antes seus irmãos, exceto quando lhe convém. Em outras palavras, tornando-se, como o pai, absolutamente narcisista.

Na penúltima parte do texto, antes do pós-escrito, Freud (1996aa) está discutindo o desaparecimento das aquisições individuais em determinadas formações grupais, caracterizadas por ele como efêmeras, transitórias, superpostas umas às outras e rapidamente formadas. Nestes casos, certos indivíduos estariam sujeitos ao fenômeno da substituição do ideal do ego pelo ideal do grupo, cujo modelo se encontra no líder. Mas ressalva que este fenômeno não se dá da mesma maneira com todos os indivíduos. É no meio deste tema que coloca: “Em muitos indivíduos, a separação entre o ego e o ideal do ego não se acha muito avançada e os dois ainda coincidem facilmente; o ego amiúde preservou sua primitiva auto complacência narcisista” (FREUD, 1996aa, p.132). Caso este em que a escolha do líder seria facilitada.

Ainda nesta parte do livro, outras duas referências ao narcisismo têm lugar. Numa delas, Freud (1996aa) cita o artigo do narcisismo, no qual teria divulgado todo o material patológico de que dispunha para dar suporte à ideia de ego e ideal de ego, assim como do vínculo que se torna possível pela

identificação e tomada do objeto como ideal de ego. Na outra, temos o nascimento como um primeiro passo de “um narcisismo absolutamente auto-suficiente para a percepção de um mundo externo cambiante e para os primórdios da descoberta do objeto” (FREUD, 1996aa, p.133), em que o narcisismo é enunciado como uma fase do desenvolvimento libidinal, o narcisismo primário ou original.

É no Pós-Escrito, a última parte do texto, que surge a última alusão ao narcisismo, quando o autor reflete sobre o *estar amando*:

Estar amando baseia-se na presença simultânea de impulsos diretamente sexuais e impulsos sexuais inibidos em seus objetivos, enquanto o objeto arrasta uma parte da libido do ego narcisista do sujeito para si próprio. Trata-se de uma condição em que há lugar apenas para o ego e o objeto. (FREUD, 1996aa, p.145)

Depois disso, o narcisismo volta a aparecer mais rapidamente no artigo Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo, publicado em 1922.

Uma primeira referência é à ferida narcísica que seria causada na pessoa que perde o objeto de amor para outro indivíduo, sem muito além disso, no que se refere ao narcisismo (FREUD, 1996ab).

A próxima referência se dá num trecho que retoma o tema da homossexualidade, já discutido neste trabalho. Freud (1996ab) ressalta a importância do fator psíquico para a homossexualidade, além do fator orgânico que afirma já ser conhecido. Ao discorrer sobre os processos psíquicos, o autor aponta os fatores que contribuem para a homossexualidade. São eles¹⁷: a fixação na mãe; a identificação com ela; a escolha de um objeto narcísico, do mesmo sexo; a dificuldade de tolerar a ausência do órgão masculino num objeto, tendo em vista o alto valor atribuído a tal órgão; o medo ou a consideração pelo pai, que faz com que o sujeito se afaste do mesmo, a fim de não rivalizar por sua mãe. Freud (1996ab) ainda aponta que os dois últimos fatores enumerados têm raiz no complexo de castração. E resume, naquilo que é a menção ao narcisismo desta passagem: “A ligação à mãe, o narcisismo, o medo da castração são os

¹⁷ Neste trecho, Freud (1996ab) parece referir-se apenas à homossexualidade masculina.

fatores (...) que até o presente encontramos na etiologia psíquica do homossexualismo” (FREUD, 1996ab, p.139).

Finalmente, a última associação ao narcisismo encontrada no artigo, se dá quando Freud (1996ab) apresenta um novo mecanismo para o estabelecimento da homossexualidade, pelo qual, um rival do mesmo sexo, na primeira infância, alvo de ciúmes intensos, se torna depois um objeto de amor, levando à escolha de objeto homossexual. É ressaltada a frequência com que se profere um elogio a este rival, levando o sujeito a tomá-lo como modelo, donde se favoreceria a escolha narcísica de objeto.

O próximo texto, Dois Verbetes de Enciclopédia, foi publicado em 1923. Ele é dividido em duas partes, uma referente ao verbete “Psicanálise” e outra com a expressão “A Teoria da Libido”. Ambas as partes são constituídas de itens que resumem alguns tópicos importantes para os verbetes, os quais dão nome às partes em que estes tópicos são encontrados. Tanto para o verbete “Psicanálise”, como para “A Teoria da Libido”, é dedicado um tópico de título narcisismo. É nestes dois tópicos e num outro chamado “Abordagem Aparente às Opiniões de Jung” que se encontram as contribuições relacionadas ao narcisismo.

No tópico “narcisismo”, encontrado dentro da parte “Psicanálise”, Freud (1996ac) anuncia que a mais importante contribuição recente à teoria se deu a partir do estudo do ego repressor, utilizando-se da teoria da libido. Foi possível chegar ao narcisismo, entendendo-se o ego como um reservatório de libido narcísica. O conceito de libido também teria sido atualizado com esta descoberta, podendo sair do ego, em direção aos objetos, ou fazer o caminho inverso, retornando ao ego. Foi baseado nesta descoberta que se permitiu a distinção entre as neuroses de transferência, em que “o sujeito tem à sua disposição uma quantidade de libido que se esforça por ser transferida para objetos externos, fazendo-se uso disso para levar a cabo o tratamento analítico” (FREUD, 1996ac, p.260), e os distúrbios narcísicos, em que há uma retenção da libido no ego, com pouco ou nenhum investimento objetal, tornando-os pouco acessíveis à análise.

Quanto à parte “A Teoria da Libido”, o tópico narcisismo traz contribuições semelhantes. Novamente o progresso decorrente dos estudos do ego, agora

associados também às observações da demência precoce e dos outros distúrbios psicóticos, são exaltados. A demência precoce seria decorrente da retirada da libido dos objetos e seu investimento no ego; já os sintomas se dariam em função da tentativa de redirecionar a libido aos objetos. À libido foi atribuída uma economia: a libido pode ficar tanto no ego como no objeto, ou em ambos, sendo que um aumento da libido num deles, implica na redução no outro deles, e vice-versa (FREUD, 1996ac).

Neste tópico, entretanto, o narcisismo é lembrado em seu caráter de perversão, quando as pessoas se apaixonam por si mesmas, como no mito de Narciso, sendo depois considerado fase do desenvolvimento normal. É interessante notar que Freud (1996ac) já assume a nova conflitiva estabelecida em Além do Princípio do Prazer, entre catexias de objeto e catexias do ego, abandonando a antiga distinção de natureza entre libido e instintos do ego. A libido dos instintos de autopreservação é identificada, com essa nova dicotomia, à libido narcísica.

Por último, tem-se o tópico em que Freud (1996ac) reafirma sua discordância em relação a Jung quanto a uma energia primitiva. Segundo ele, a descoberta do narcisismo, isto é, a possibilidade de que a libido do objeto se transformasse em libido do ego, levaria as pessoas a pensarem que a psicanálise estava seguindo o caminho formulado pelo psiquiatra suíço. Tal posição é rebatida com um argumento frágil: ainda que se afirme que os instintos de autopreservação são libidinais, isto não prova a inexistência de outros instintos funcionando no ego.

A próxima obra a ser trabalhada é o livro O Ego e o Id, publicado em 1923. Neste livro, Freud (1996ad) estaria trazendo mais contribuições à reformulação iniciada com Além do Princípio do Prazer, com a diferença de que, agora, não recorre mais à biologia para justificá-las, preferindo a aproximação à psicanálise. O próprio autor entende o caráter ambicioso do texto que escreveu, ao mesmo tempo que alerta o leitor para a sua característica de esboço de novas hipóteses. Não obstante, é considerado por James Strachey (1996j, p.16) “o último dos grandes trabalhos teóricos de Freud”. Ainda segundo o editor:

Ele oferece uma descrição da mente e de seu funcionamento que, à primeira vista, parece nova e até mesmo revolucionária, e, em verdade,

todos os escritos psicanalíticos que datam após a sua publicação portam a marca inequívoca de seus efeitos, pelo menos com relação à terminologia (STRACHEY, 1996j, p.16)

Dentre os precursores deste trabalho, estaria o artigo Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. O conceito de narcisismo, por sua vez, teria conduzido a um estudo mais aprofundado do ego, desde que foi enunciado pela primeira vez em 1909. Foi, também, a partir do estudo deste conceito que Freud teria proposto a noção de ideal de ego, que seria substrato para a criação da instância psíquica conhecida como superego no presente livro (STRACHEY, 1996j).

É importante destacar que é neste estudo que Freud (1996ad) formaliza as três instâncias psíquicas, cujo estudo aprofundado foge ao interesse do presente trabalho. Mas a fim de uma melhor compreensão dos próximos parágrafos, cabe retomar as definições destas instâncias, conforme Laplanche e Pontalis (2001). O Id seria a instância que responde pelas pulsões da personalidade, sendo os seus conteúdos a expressão psíquica destas pulsões, de origem inconsciente; parte dos conteúdos são hereditários e inatos, e outra parte é fruto da repressão, adquiridos ao longo da vida. O superego é a instância que tem funções de crítica, de observação e julgamento, além disso; é responsável pelos ideais, pelo caráter, sendo introjetados via figuras parentais, por isso é considerado um herdeiro do complexo de Édipo; funciona como um censor do ego; em alguns momentos é exposto como equivalente ao ideal de ego, já estudado no presente trabalho. Já o Ego, única instância já estudada até aqui, tem um papel de mediador entre o id e o superego, visando responder aos interesses da pessoa como um todo, mesmo que tenha força limitada para dominar as outras instâncias psíquicas.

Voltando ao narcisismo, ainda que sua importância seja capital para o livro, as referências a ele passam a ficar evidentes somente após a terceira parte do texto: O Ego e o Superego (Ideal do Ego).

Numa primeira referência ao narcisismo, Freud (1996ad) está discutindo a identificação que ocorre depois que um sujeito tem que abandonar um objeto sexual, isto é, quando as catexias de objeto são trocadas por uma identificação do ego com o objeto. São apresentadas algumas hipóteses para os casos em que isto ocorre: seria uma forma de o ego tornar mais aceitável a perda do objeto;

ou a única maneira para que o id possa abandonar seus objetos; pode se tratar de um mecanismo pelo qual o ego obtém controle sobre o id, estreitando sua relação com ele, deste modo, quase que fazendo um apelo ao id: oferecendo-se como objeto de amor substituto para o id (FREUD, 1996ad). Seja qual for a hipótese mais apropriada, o autor também propõe um efeito que isto causaria no indivíduo: ao identificar-se com os objetos perdidos, isto deixaria traços de caráter no ego, que o indivíduo levaria para sua vida, tornando possível supor que o “caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto” (FREUD, 1996ad, p.44).

É associada à sublimação que a ideia de narcisismo surge: Freud (1996ad) propõe que esta retirada da libido dos objetos através da identificação, isto é, transformando-a em libido narcísica e igualmente conhecida como narcisismo secundário, seria uma forma de sublimação, tendo em vista o abandono dos objetos sexuais e a obtenção de uma satisfação substituta, via ego. Ampliando a questão, Freud (1996ad) indaga se este não seria o “caminho universal à sublimação, se toda a sublimação não se efetua através da mediação do ego, que começa por transformar a libido objetual sexual em narcísica e, depois, talvez, passa a fornecer-lhe outro objetivo” (FREUD, 1996ad, p.45).

Logo após a frase citada literalmente, Freud (1996ad) inclui uma nota de rodapé identificando o id como o reservatório de libido. Nos textos que precederam *O Ego e o Id*, o ego era tido como o grande reservatório de libido, noção que parece ter sido alterada com a distinção entre ego e id, gerando controvérsias ao longo da obra de Freud (STRACHEY, 1996j).

O narcisismo voltará a aparecer quando Freud (1996ad) coloca em questão as duas classes de instintos que propôs em *Além do Princípio do Prazer*: os instintos de morte e os instintos de vida. Dentre os fatos clínicos que poderiam colocar em xeque as categorias de instintos propostas pelo autor, estaria a polaridade amor e ódio. Ao considerar-se que o amor pode transformar-se, de fato, em ódio, e vice-versa, o argumento principal que sustenta os instintos de morte e de vida viria abaixo: Freud (1996ad) concebe esta distinção a partir de processos fisiológicos opostos, o que torna incoerente a transformação de um em outro. Nos parágrafos subsequentes, o autor avalia alguns casos que exemplificariam esta transformação, questionando se deveria atestar neles a

existência de uma transformação direta de amor em ódio, ou de ódio em amor.

A solução que Freud (1996ad) encontra para não cair na incoerência é supor a existência de um determinado tipo de energia neutra, a qual poderia somar-se aos instintos de vida ou de morte. Com a proposição desta energia, surge outra questão: de onde ela viria? A resposta que dá, como hipótese, é que está energia teria origem no estoque narcísico de libido, que o autor também chama de Eros dessexualizado e de energia sublimada.

Logo à frente, os processos de pensamento são colocados como possíveis meios de sublimar a libido, a partir do qual se avança para a possibilidade do ego como mediador da sublimação. É retomada a posição do ego como mediador no fenômeno da identificação, quando o ego retira a libido das primeiras catexias objetais do id, trazendo-as para si. Neste caso, o ego estaria indo de encontro ao trabalho de Eros, ao dessexualizar os objetos (FREUD, 1996ad).

É a partir destas ideias de retirada da libido das catexias objetais do id que Freud (1996ad) traz o que será, talvez, a maior contribuição ao conceito de narcisismo trazida neste texto:

Isto pareceria implicar uma importante amplificação da teoria do narcisismo. Bem no início, toda a libido está acumulada no id, enquanto que o ego ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O id envia parte dessa libido para catexias objetais eróticas; em consequência, o ego, agora tornado forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao id como objeto amoroso. O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos. (FREUD, 1996ad, p.60-61)

O trecho é claro quanto ao narcisismo secundário, mas fica a dúvida sobre o que ocorre com o conceito de narcisismo primário. Ao que tudo indica, como Freud (1996ad) é categórico no que se refere ao narcisismo do ego, classificando-o como secundário, é possível deduzir que o narcisismo primário não se refere ao ego, ou pelo menos, não somente a ele. Como o único momento precedente à formação do ego é aquele em que a libido está concentrada no id, com o ego fraco e pouco dissociado do id, poder-se-ia pensar que esta formação mista seria o alvo da libido no narcisismo primário. Ou ainda, é possível considerar que com esta nova aceção de id, de ego e de narcisismo secundário, perde-se o sentido de postular o narcisismo primário. Mas isto são apenas

hipóteses do autor deste trabalho. James Strachey (1996l) discute o tema mais a fundo no Apêndice B: O Grande Reservatório da Libido, adicionado ao texto O Ego e o Id. A questão parece se manter controversa nos textos posteriores de Freud, mas seguindo o caminho proposto neste trabalho, pretende-se transitar por tais controvérsias quando se chegar a elas.

Nova alusão ao narcisismo se dá pela expressão *inacessibilidade narcísica*, utilizada como um obstáculo ao tratamento analítico por parte dos distúrbios narcísicos. Esta inacessibilidade juntar-se-ia à transferência negativa com o médico e ao benefício secundário obtido pela doença, também obstáculos à análise, como fatores menos relevantes para a resistência do que um outro, que o autor propõe como um “fator ‘moral’, um sentimento de culpa, que está encontrando sua satisfação na doença e se recusa a abandonar a punição do sofrimento” (FREUD, 1996ad, p.64).

A última referência encontrada no livro, aparece na tentativa de justificar o medo da morte, apresentado por Freud (1996ad) algumas páginas à frente. Segundo ele, tal mecanismo seria resultado de um desinvestimento libidinal narcísico por parte do ego, abandonando-se, da mesma forma que faz com objetos externos diante de um sentimento intenso de ansiedade.

O texto Algumas Notas Adicionais Sobre a Interpretação de Sonhos Como Um Todo, publicado em 1925, traz uma única referência ao narcisismo em sua última página, que não parece influenciar o conceito de narcisismo:

O narcisismo ético da humanidade deveria contentar-se em conhecer que o fato da deformação nos sonhos, assim como a existência de sonhos de ansiedade e sonhos de punição, fornece uma prova tão clara de sua natureza moral quanto a interpretação de sonhos proporciona da existência e força de sua natureza má. Se alguém ficar insatisfeito com isso e gostar de ser ‘melhor’ do que foi criado, deixem-no ver se pode atingir na vida algo mais que hipocrisia ou inibição. (FREUD, 1996ae, p.150).

O mesmo parece se dar com o artigo As Resistências à Psicanálise, de 1925, no qual Freud (1996af) utiliza-se do termo narcisismo apenas para retomar os três golpes narcísicos a que a humanidade foi sujeita, já apresentada em Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise, a saber: o golpe psicológico, com a introdução do inconsciente freudiano; o golpe biológico, com a contribuição de Charles Darwin e sua teoria da evolução, retirando os humanos de uma posição

especial na descendência das espécies; e o golpe cosmológico, desferido por Copérnico, ao retirar a Terra do centro do sistema solar e do universo.

Freud (1996ag) inicia *Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos*, o próximo artigo a ser estudado, em tom que dá indícios de que seu ritmo havia diminuído, ainda que fosse publicar e se dedicar à psicanálise ainda por vários anos, até o fim de sua vida.

Logo no início do texto, o autor refere-se ao interesse narcísico pelos órgãos genitais quando aborda o medo da castração, sentido pelos meninos e inculcado pelo pai, o qual é responsável pela eliminação de suas atitudes edípicas para com sua mãe (FREUD, 1996ag).

A primeira e única menção ao narcisismo propriamente dito, no artigo, se dá numa passagem em que Freud (1996ag) está discutindo os efeitos da inveja do pênis, pelas mulheres, quando esta não é absorvida. O reconhecimento de que não possui um pênis é entendido como uma ferida no seu narcisismo, que pode desembocar num sentimento de inferioridade. Este sentido do narcisismo se repete quando o autor cita o sentimento narcísico de humilhação ligado à inveja do pênis, sentido pelas meninas, que justificaria a revolta delas contra a masturbação fálica, tendo em vista que neste quesito não conseguiriam competir com os meninos, acabando por abandonar esta ideia.

Por fim, Freud (1996ag) atribui à importância para a propagação da espécie o motivo pelo qual o pênis recebe um investimento narcísico tão grande, considerando os efeitos do complexo de Édipo uma vitória para a humanidade, em detrimento dos interesses individuais.

Na obra *Um Estudo Autobiográfico*, publicado em 1925, Freud (1996ah) traz um breve histórico do desenvolvimento da psicanálise, considerando principalmente suas contribuições a esta disciplina. Evidentemente, é possível encontrar breves citações do narcisismo neste texto.

Na primeira delas, Freud (1996ah) estaria rebatendo uma objeção que passaram a lhe fazer afirmando a ausência de fatores sexuais na etiologia das neuroses de guerra. O autor se contrapõe à objeção retomando o conceito ampliado de sexualidade que propôs e ironizando a conveniência com que é usado por seus adversários: quando havia proposto o conceito ampliado, foi hostilizado e rechaçado; mas quando lhes é conveniente, esses opositores

esquecem-se de sua existência e retornam ao conceito restrito de sexualidade. A esta defesa adiciona-se o fato da descoberta do narcisismo e das neuroses narcísicas, nas quais são encontrados pacientes cuja libido não está mais nos objetos e sim no próprio ego, o que tornaria ainda mais prematuras e sem sentido as objeções feitas, tendo em vista o conflito no ego que predomina nas neuroses de guerra¹⁸.

Logo a seguir, Freud (1996ah) separa a história da psicanálise em duas fases: uma que vai de 1895-1896 até 1906-1907; e outra que começa a partir daí e se estende até o momento em que escreve o artigo. Considera que os esforços da primeira fase foram quase exclusivamente dele, assim como as descobertas, ao passo que, na segunda fase, teve contribuições inúmeras, destacando-se a dificuldade de falar com precisão dos avanços da psicanálise na segunda fase, tendo em vista que não se restringia mais às suas atividades. Ainda assim, dá destaque a alguns temas para os quais acredita ter desempenhado um papel importante: o narcisismo, a teoria dos instintos e a aplicação da psicanálise às psicoses.

Falando sobre estes temas, o psicanalista descreve o narcisismo como “um estado no qual a libido do indivíduo preenchia seu próprio ego e tinha este por seu objeto” (FREUD, 1996ah, p.59). Em seguida, aponta que este estado se mantém pela vida, sendo o ego o grande reservatório de libido do qual as catexias libidinais partem para os objetos e para o qual podem sempre retornar novamente, propondo que a libido narcísica sempre pode transformar-se em libido objetal e vice-versa. Neste ponto, entretanto, encontra-se uma enorme controvérsia relativa à teoria da libido, conforme visto ao final do texto O Ego e o Id.

Outra vez, Freud (1996ah) anuncia o ego como o grande reservatório de libido, parecendo contradizer o que havia proposto com a distinção entre ego e id, no texto O Ego e o Id, em que atribuía ao id o posto de grande reservatório da libido. Também se faz confusão com respeito ao conceito de narcisismo, cujo desenrolar interessa ainda mais a este trabalho. Ao postular o narcisismo como

¹⁸ Para mais detalhes sobre este tema, conferir Introdução ao texto A Psicanálise e as Neuroses de Guerra, publicado em 1919, escrita por Sigmund Freud.

um estado em que a libido se encontra no ego, e considerando-se a proposição de que o narcisismo do ego é sempre um narcisismo secundário, inevitável e obviamente encontra-se um paradoxo. Alguns questionamentos ainda ficam em voga: o grande reservatório da libido seria o ego, o id, ou ambos? Sendo ambos, isto valeria apenas para o momento em que o ego ainda é fraco e pouco estabelecido, ou se estenderia, além disso, para toda a vida, passando a considerar, então, dois reservatórios libidinais, um no ego e outro no id? Como fica o narcisismo primário, tendo em vista que Freud define o narcisismo como a libido no ego, praticamente em todo o estudo aqui realizado, e depois afirma que o narcisismo do ego é um narcisismo secundário? Estaria ele afirmando que o narcisismo primário deixou de existir? Ou que o narcisismo primário passa a ser a fase em que o ego ainda é indistinguível totalmente do id, na qual esta conjunção ego-id estaria investida de libido?

Conforme pode-se ler no Apêndice B: O Grande Reservatório da Libido, de James Strachey (1996l), muitas destas perguntas, senão todas, não serão claramente respondidas.

Arriscando-se numa tentativa de refletir a respeito destas questões, parece aceitável, pelo estudo até aqui realizado, que Freud tivesse ampliado o conceito de reservatório da libido estendendo-o também ao id, principalmente se for considerado que id e ego são indistinguíveis no início. Sendo assim, o id e o ego seriam um único reservatório de libido no início, até que passariam a ser dois reservatórios, na medida em que o ego se tornasse forte e distinguível do id. Também parece lógico que, ao afirmar de forma contundente que o narcisismo do ego é sempre um narcisismo secundário, dever-se-ia entender o narcisismo primário como algo diferente. Acredita-se que Freud pretendeu com isso fazer uma distinção entre dois momentos. No primeiro, a libido ainda não teria sido transformada em libido objetal, mas também não estaria completamente no ego, porque este ainda estaria indissociado do id, logo a libido estaria no ego e no id, ou ainda, exclusivamente no id, situação que seria entendida como o narcisismo primário. No segundo momento, o ego já estaria dissociado, distinguível; isto coincidiria com uma fase posterior à transmissão da libido aos objetos – a qual teria acontecido num momento indefinido, mas em que o ego ainda estaria indissociado do id - e, sendo assim, ao retornar ao ego,

tratar-se-ia de narcisismo secundário.

Um impasse importante que parece surgir destas ideias é que seria necessário supor uma sincronia entre a formação do ego, distinguível do id, e as emissões de libido. Ou mais simples, supor que apesar de todo narcisismo do ego ser um narcisismo secundário, nem todo narcisismo secundário deva ser um narcisismo exclusivo do ego, podendo tratar-se também de um retorno da libido ao ego-id indistinguíveis. Isto porque, ao supormos que todo o narcisismo secundário é um narcisismo do ego, teríamos que imaginar a libido saindo do id e do ego indissociado para os objetos, em seguida imaginar a separação do ego e do id, e só depois aceitar que a libido pudesse voltar ao ego. Da outra forma, assumindo que nem todo narcisismo secundário é um narcisismo do ego, podendo ser também do id, não precisamos pressupor passos tão sincronizados: a libido pode sair do ego e id indistinguíveis para os objetos, retornar a este ego e id indissociado num narcisismo secundário, sair e voltar de novo quantas vezes fossem necessárias e, em algum momento nesta dinâmica, o ego estaria forte e separado do id; a partir daí, a libido retornaria ao ego, permitindo manter a afirmação de que todo narcisismo do ego é um narcisismo secundário e também resolvendo a questão do narcisismo primário.

A questão relativa à origem da libido que se dirige aos objetos ainda parece ficar obscura, entendendo-se a solução de Strachey (1996l), em que poderia passar tanto pelos objetos para chegar ao ego, ou pelo ego para chegar aos objetos, como uma boa solução, mas só a primeira validaria a afirmação de que todo o narcisismo do ego é secundário. O problema parece não ter solução apenas pela leitura de Freud, como o próprio Strachey (1996l, p.82) afirma: “Os dois processos não parecem incompatíveis e é possível que ambos possam ocorrer; sobre esta questão, contudo, Freud silencia”.

Voltando ao texto, a próxima alusão ao narcisismo se dá quando Freud (1996ah) retoma o caminho que levou da oposição entre instintos não sexuais, ou de autopreservação, e instintos sexuais, ou libido, à oposição entre instintos de vida e instintos de morte. Os instintos de autopreservação teriam sido reconhecidos como de natureza libidinal, uma libido narcísica, em oposição à libido de objeto. Tal oposição também daria lugar àquela já analisada, entre instintos de morte e instintos de vida.

O narcisismo volta a ser enunciado quando Freud (1996ah) está apontando o avanço da psicanálise no sentido de entender os distúrbios psicóticos, apesar de haver uma ressalva quanto a estes avanços pertencerem principalmente ao campo teórico, tendo havido pouco avanço nos tratamentos destes distúrbios.

Finalmente, o autor refere-se aos produtos narcísicos do sonhar, quando compara estes às obras de arte, no sentido em que ambos são realizações imaginárias de desejos inconscientes, com a diferença que nas obras de arte há uma preocupação em evocar interesse dos outros, além de despertar impulsos inconscientes e desejos neles (FREUD, 1996ah).

O próximo texto a ser estudado, Inibições, Sintomas e Ansiedade, divulgado em 1926, traz várias referências ao narcisismo, mas nenhuma contribuição inovadora.

Na primeira delas, Freud (1996ai) refere-se ao orgulho narcísico do qual não pode abrir mão, ao criticar certas posições dos filósofos, especialmente ao clamarem por uma visão de mundo universal. À frente, cita a satisfação narcísica que é obtida pelos sintomas das neuroses obsessivas e da paranoia (FREUD, 1996ai). Novamente, quando o autor lamenta a ausência de uma análise de valor de uma neurose traumática, relacionando com sua teoria da libido e com o narcisismo:

E é de lamentar-se, não porque tal análise fosse contradizer a importância etiológica da sexualidade - pois qualquer contradição dessa natureza de há muito foi eliminada pela introdução do conceito de narcisismo, que põe a catexia libidinal do ego em harmonia com as catexias objetais e ressalta o caráter libidinal do instinto de autopreservação -, mas porque, na ausência de quaisquer análises dessa espécie, perdemos uma oportunidade preciosíssima de tirar conclusões decisivas sobre as relações entre a ansiedade e a formação de sintomas. (FREUD, 1996ai, p.130)

Na página seguinte, o feto é caracterizado como uma “criatura completamente narcísica” (FREUD, 1996ai, p.131). Ainda sobre o feto, e agora sobre sua relação com o perigo do nascimento e o medo, o autor aponta o desconhecimento do feto a respeito da possibilidade de morrer, apontando que só é possível admitir, como perceptível, algum abalo na economia da libido narcísica do feto.

Freud (1996ai) retorna a falar do alto valor narcísico que tem o pênis para o indivíduo, desta vez atribuindo sua valorização à garantia que o órgão dá ao sujeito de aproximar-se novamente de sua mãe, obviamente de forma indireta, através da relação sexual com outras mulheres.

Por fim, as duas últimas alusões ao termo se dão quando o autor está discorrendo sobre a dor. Entende-se que há uma intensa catexia narcísica do ponto doloroso, diante da dor física, que pode chegar a esvaziar o ego ao elevar-se muito. É colocado que quando há uma transição da dor física para a dor mental, o que ocorre é uma catexização mental da representação da parte do corpo que é fonte de dor, ao invés de catexizar aquela parte do corpo, isto é, transforma-se catexia narcísica em catexia de objeto (FREUD, 1996ai).

Subsequentemente, é no texto social *O Futuro de Uma Ilusão*, de 1927, que o termo narcisismo volta a aparecer. Segundo Strachey (1996m, p.13), “foi com o *Futuro de Uma Ilusão* que ingressou na série de estudos que vieram a construir seu interesse principal pelo resto da vida”. Entendendo-se que o interesse principal a que se refere são os problemas culturais (STRACHEY, 1996m).

Numa primeira referência, Freud (1996aj) estabelece a hipótese de que os ideais, isto é, aquilo que se tem como realizações de maior valor para uma cultura, que se almeja alcançar, seriam, na verdade, resultado daquelas realizações que tiveram êxito na história da humanidade. Considerando-se esta hipótese como correta, os ideais da cultura teriam uma natureza narcísica, levando em conta que são escolhidos como ideais justamente aquelas reações que recompensaram o ego por terem obtido sucesso.

Ainda a respeito do raciocínio sobre os ideais de uma cultura, seria necessário comparar tais ideais com os ideais de outras culturas para se obter uma satisfação narcísica completa. É exatamente aí que surgem as hostilidades com outras culturas e depreciações das mesmas. Segundo Freud (1996aj) a questão não para por aí: é a satisfação narcísica que permite minimizar os atritos dentro de uma cultura, entre indivíduos pertencentes a grupos diferentes, porque a hostilidade para com as outras culturas compensaria as injustiças a que determinados grupos são submetidos dentro de sua própria cultura. O autor também postula uma identificação entre os diferentes grupos, em geral dos

grupos dominados para com os dominadores, ou em outras palavras, dos oprimidos para com os opressores. Acrescenta-se a isto a contribuição da arte para esta satisfação narcísica, quando retratam os ideais e as realizações de uma cultura, promovendo forte identificação por parte dos seus membros (FREUD, 1996aj).

Mais à frente, Freud (1996aj) fala sobre as dificuldades do indivíduo ao seguir uma vida em sociedade, dentro da civilização e sujeito a uma cultura, privado de uma série de coisas e contrário a certos ideais, acrescentando-se a isso o furor da natureza, que inflige danos irreparáveis e impossíveis de prevenir, como a morte ou desastres naturais. Segundo ele, poder-se-ia supor que estes fatores resultariam num permanente estado de ansiedade e de ataque ao narcisismo natural do homem. O texto segue apontando de que forma a cultura conseguiu proteger a humanidade deste estado e da onipotência da natureza, além de minimizar as privações impostas pela civilização, criando ilusões de superar tais limites, da natureza e das privações, através da religião e das crenças religiosas.

É interessante notar que Freud (1996aj) utiliza-se do termo narcisismo *natural*, o que leva a pensar na qualidade do narcisismo humano como algo intrínseco à espécie humana e comum ao desenvolvimento de todos os homens e mulheres.

Finalmente, encontramos no texto uma referência ao tipo anaclítico de escolha objetal, na qual Freud (1996aj) utiliza-se do termo narcísico para descrever as necessidades que o bebê tem, de forma que se liga futuramente aos objetos na medida em que estes satisfaçam tais necessidades narcísicas. A passagem encontra-se em meio a um trecho, no qual Freud aproxima a ilusão fornecida pelas religiões da defesa contra o desamparo infantil.

Os próximos três textos a serem trabalhados apresentam uma única referência ao narcisismo. O primeiro deles é *O Fetichismo*, publicado em 1927; o segundo é *O Humor*, também de 1927; e o terceiro é *Dostoiévski e o Parricídio*, escrito no mesmo ano, mas publicado somente em 1928.

Em *O Fetichismo*, o narcisismo aparece vinculado ao pênis: ao saber que as mulheres não o tinham, os meninos passam a conviver com o perigo de perder seus órgãos e contra isso se rebelam, utilizando-se da parte do

narcisismo que foi vinculada ao órgão (FREUD, 1996a).

Já em O Humor, o narcisismo aparece como conceito chave para a atitude humorística, no sentido que assevera a força do ego:

(...) o humor tem algo de liberador a seu respeito, mas possui também qualquer coisa de grandeza e elevação (...) Essa grandeza reside claramente no triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer. Esse último aspecto constitui um elemento inteiramente essencial do humor (FREUD, 1996a, p.170)

É através do narcisismo que o humor tem seu trunfo. Conforme já visto em Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, é através do narcisismo, isto é, do movimento da libido em direção ao ego, numa atitude irreverente em relação à realidade, que o humor satisfaz as pessoas (FREUD, 1996h). Da mesma forma, é através dele que o sujeito protege seu ego do sofrimento e obtém satisfação de uma realidade que seria penosa para ele.

Enfim, no terceiro texto da sequência, Dostoievski e o Parricídio, Freud (1996a) está discorrendo sobre a possibilidade de um criminoso ser visto como Redentor pelos outros, na medida em que acaba assumindo uma culpa que deveria ter sido de todos, por exemplo, ao matar alguém. É apontado que existe algo que vai além da complacência com relação ao suposto criminoso, que seria da ordem de uma identificação com os impulsos assassinos deste, o que Freud (1996a, p.199) afirma ser, “na realidade, um narcisismo ligeiramente deslocado”.

Dando sequência ao estudo, o Mal-Estar na Civilização é o próximo texto a ser trabalhado. O livro, publicado em 1929, é mais uma de suas obras sociológicas. Foi escrito numa época em que Freud estava doente e produzia menos do que o usual. Entretanto, traz temas que remontam aos seus textos mais antigos e vai além da sociologia. O principal tema discutido é a oposição entre os instintos do ser humano e as exigências da civilização que os restringem, dando origem ao mal-estar de que Freud fala (STRACHEY, 1996m).

A primeira menção ao narcisismo se dá após Freud (1996a) debater brevemente a noção de *sentimento oceânico*, proposta por seu amigo Romain

Rolland, e concluir reconhecendo a presença de tal sentimento em muitas pessoas, remontando sua origem a uma fase primitiva do ego. O narcisismo aparece dentro de uma nova questão: se este sentimento poderia ser considerado como a raiz das necessidades religiosas. Ao discorrer sobre o assunto, Freud imagina que o sentimento oceânico poderia ser uma forma de resgatar algo do narcisismo ilimitado e que seria o sentimento de desamparo infantil o verdadeiro responsável pela atitude religiosa.

Subsequentemente, o narcisismo é indicado quando Freud (1996ao) discute a meta de ser feliz. Segundo o autor, tal meta é inatingível, mas é possível aproximar-se dela, por meio da combinação de dois caminhos: a redução do desprazer ou o aumento do prazer. Isto é, a felicidade está correlacionada à economia libidinal e cada sujeito teria a sua maneira de ir ao encontro de seu objetivo. Ele resume a problemática:

É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. Nisso, sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas. (FREUD, 1996ao, p.91)

Dentre as constituições psíquicas que destaca estão o *erótico*, o *narcisista* e o *homem de ação*, ressaltando-se o fato de que há uma predominância destas constituições em cada um. Respectivamente, esses tipos privilegiam os relacionamentos afetivos, os processos mentais internos e o mundo externo. Quanto ao tipo narcisista, Freud (1996ao) acrescenta que a natureza de seus talentos e a capacidade de sublimar determinaram que caminhos deve seguir. Logo após, o narcisismo será retomado numa nota de rodapé, depois de um debate sobre como a escolha das técnicas de viver, em relação com a economia libidinal, influenciam na felicidade dos indivíduos, isto é, na obtenção de prazer e fuga do desprazer. A nota aparece ao lado do termo *psicose*, citado como o resultado de um dos caminhos que se pode trilhar, caso a felicidade não seja “alcançada” por outras vias:

(...) Nenhum exame das possibilidades de felicidade humana deveria deixar de levar em consideração a relação entre narcisismo e libido objetual. Precisamos saber o que significa para a economia da libido, ser essencialmente autodependente. (FREUD, 1996ao, p.92)

Mais à frente, o narcisismo vai ser enunciado por Freud (1996a) ao se retomar o conceito de *narcisismo das pequenas diferenças*, proposto pelo autor anteriormente e já estudado aqui quando foram trabalhados os textos *O Tabu da Virgindade* e *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*.

A mais longa e talvez mais importante alusão ao narcisismo é feita quando Freud (1996a) faz uma síntese do caminho trilhado pela teoria da libido ao longo de sua obra. Retoma-se, outra vez, a oposição entre instintos do ego e libido, chegando-se a descoberta do narcisismo, a qual segundo o autor, constituiu em avanço capital para a teoria da libido, possibilitando avanços na compreensão das neuroses traumáticas, das psicoses e de distúrbios afins. Com o narcisismo o ego passa a ser, assim como os objetos, alvo da libido. Esta, por sua vez, passa a funcionar podendo ser transmitida aos objetos, a partir do ego, ou ser retirada dos mesmos, retornando a ele e nestes casos em que está localizada no ego, sendo chamada de libido narcísica, conforme repetidamente foi visto no presente estudo.

É, porém, ainda nesta passagem que Freud (1996a, p.124) afirma ser o ego o “reduto original” da libido e que ele “continua a ser, até certo ponto, seu quartel-general”, mais uma vez retomando a questão controversa sobre qual instância psíquica é de fato o reservatório da libido, a qual se estenderá pelo resto de sua obra, segundo Strachey (1996). Neste sentido, o artigo não parece contribuir para uma solução do problema, simplesmente retoma aquilo que fora exposto ao longo de toda a obra, anteriormente ao advento do id, e mesmo posteriormente, como é possível notar.

Subsequentemente, Freud (1996a), ao utilizar-se do sadismo para compreender a natureza do instinto de morte e de sua relação com Eros, faz novamente menção ao narcisismo. Segundo ele, no sadismo o instinto de morte atua ao lado de Eros, deformando-o em sua finalidade erótica. Mais do que isso, o autor aponta que mesmo quando não há qualquer aspecto erótico no instinto de destruição, de morte, este estaria satisfazendo-se imensamente, de forma narcísica, ao realizar desejos antigos de onipotência que satisfazem o ego.

Enfim, quando Freud (1996a) está discutindo as exigências éticas do superego cultural, as quais considera impossíveis de serem completamente atendidas, o autor afirma que a ética ‘natural’, entendida como um tipo específico

dessas exigências superegóicas da civilização que não está atrelada à religião, só pode oferecer ao indivíduo uma satisfação narcísica, representada pela possibilidade de poder se imaginar melhor que os outros, em face da obediência de seus preceitos.

Um breve artigo publicado em 1931, que busca caracterizar e categorizar os diversos tipos libidinais, por isso intitulado Tipos Libidinais, é o próximo texto a ser trabalhado.

Neste artigo, Freud (1996ap) distingue três tipos libidinais principais: o *erótico*, o *obsessivo* e o *narcísico*, os quais considera tipos puramente psicológicos. Para ele, ainda não seria possível apresentar uma tipologia mais completa dos seres humanos, tendo em vista que há uma infinidade de variáveis a serem consideradas, por exemplo, as características físicas. Sua classificação tem por base a situação libidinal e, segundo ele, não é suportada apenas por hipóteses teóricas, sendo fruto de observações e experiência.

Os tipos são caracterizados segundo o que apresentam de destaque, no que diz respeito às escolhas e ao modo de funcionamento, especialmente na esfera libidinal, ainda que se encontrem mesclados nas pessoas (FREUD, 1996ap).

A cada tipo está associada uma instância psíquica predominante: no *erótico* predomina o id; no *obsessivo* predomina o superego; e no *narcísico*, parece que o domínio é do ego, ainda que isto não seja declarado de maneira explícita por Freud (1996ap).

O tipo *erótico* é aquele em que o principal interesse é o amor. Amar e ser amado, com forte dependência externa. O tipo *obsessivo* tem como característica importante um temor à consciência, isto é, um superego rígido, donde se depara com uma dependência interna maior que a externa. Já o tipo *narcísico* não apresenta tensões entre ego e superego, mostrando menos necessidades eróticas; prefere a autopreservação; é independente e não é fácil de intimidar; prefere amar a ser amado e possui grande quantidade de agressividade no ego (FREUD, 1996ap). Estes seriam os tipos puros, mas o autor também apresenta suas variações, as quais chama de tipos mistos, mais frequentes.

São três os tipos possíveis com a combinação de dois tipos puros: o

erótico-obsessivo, o *erótico-narcísico* e o *narcísico-obsessivo*. No primeiro, há predominância do erotismo, o qual é constantemente tolhido pelo superego; mostra-se uma dependência às figuras de autoridade e a objetos humanos contemporâneos. No segundo, considerado o mais comum, existe uma clara oposição e relação de complementaridade entre agressividade e atividade, por um lado, e o narcisismo, por outro. No terceiro, encontra-se certa independência em relação ao mundo externo, ao lado de um superego atuante, ao mesmo tempo que o ego é fortalecido no conflito com o superego, através de um comportamento ativo (FREUD, 1996ap).

Resta ainda o que seria o tipo *erótico-obsessivo-narcísico*, que é tratado por Freud (1996ap) como um tipo hipotético, no qual haveria um equilíbrio entre os três tipos puros, completamente equilibrado. Ao abordar este tipo, o autor conclui que sempre se tratará de uma combinação de um ou dois tipos predominantes, isto é, sempre será maior a influência de um tipo de atitude quanto à libido.

A última referência pertinente ao trabalho surge quando Freud (1996ap) divaga sobre a possibilidade de atribuir uma correlação entre o tipo libidinal e as patologias a que poderiam dar origem. Apesar de afirmar que “a fixação desses tipos libidinais não lança luz nova sobre a gênese das neuroses” (FREUD, 1996ap, p.233), levanta a hipótese de que os tipos mistos teriam maior chance de levar à neurose, afirmando que a ideia precisa ser melhor avaliada. Enfim, aponta as incertezas que envolvem certas inferências, como associar os tipos libidinais com doenças a que levariam, isto é, o tipo erótico com a histeria, o tipo obsessivo com a neurose obsessiva e o tipo narcísico com as psicoses.

Aproximando-se o final deste percurso ao longo da obra de Freud, restam apenas mais quatro artigos a serem analisados.

Os dois primeiros destes quatro textos, compõem o que foi chamado de As Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, as quais, segundo Ernest Jones (*apud* STRACHEY, 1996n), teriam sido publicadas em 1932, não obstante levarem a data de 1933 na capa, à época da publicação. A primeira conferência estudada é a de número XXXII, intitulada Ansiedade e Vida Instintual; a segunda conferência analisada é a seguinte, número XXXIII, levando o título Feminilidade.

Em *Ansiedade e Vida Instintual*, o narcisismo aparece apenas duas vezes, quando Freud (1996aq) apresenta, novamente, uma retrospectiva a respeito de sua teoria da libido, ou mais genericamente, da vida instintual. Começa trazendo a oposição entre instintos do ego e instintos sexuais, considerada como correta até a chegada do conceito de narcisismo, com o qual passa a não fazer mais sentido. Quando cita o narcisismo, o define a partir do que chama de um “exagero extremo de uma situação normal” ao citar os casos incomuns em que “o ego se tomou a si mesmo como objeto e se comporta como se estivesse apaixonado por si próprio” (FREUD, 1996aq, p.112). Entendendo-se que o narcisismo é uma fase normal do desenvolvimento libidinal.

Ainda no parágrafo em que o narcisismo é citado, o autor traz à tona a controvérsia a respeito do ego como reservatório da libido:

Chegamos a compreender que o ego é sempre o principal reservatório de libido, do qual emanam catexias libidinais de objeto e ao qual elas retornam, enquanto a maior parte dessa libido mantém-se permanentemente no ego. Assim, a libido do ego está sendo constantemente transformada em libido objetal, e a libido objetal, em libido do ego. (FREUD, 1996aq, p.112)

Aqui, pode-se notar que Freud aponta o ego como o *principal* reservatório da libido. A utilização do termo principal sugere que há outro reservatório da libido, o qual é possível supor que seja o id, a partir dos estudos já apresentados neste trabalho. O restante do trecho não parece trazer novidades em relação ao que já foi visto. Cabe apontar que depois dessas passagens, Freud (1996aq) ainda avança até a oposição entre os instintos de vida e os instintos de morte, articulando sua teoria da libido com outros assuntos.

No artigo *Feminilidade*, é possível encontrar o narcisismo vinculado à ideia de feminilidade: “atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetal da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar” (FREUD, 1996ar, p.140), noção já trabalhada no estudo do texto sobre o narcisismo. Cabe destacar que o autor faz ressalvas quanto à capacidade da psicanálise de distinguir aquilo que diz respeito à educação social e, por outro lado, aquilo que se refere à função sexual.

Logo no parágrafo seguinte, Freud (1996ar) aponta a possibilidade de um tipo de escolha objetal da mulher baseado no ideal narcisista de homem que

tomou para si, destacando que os fatores de tal escolha são obscurecidos em função de condições sociais, naquilo que é a última menção ao narcisismo do texto.

Depois deste, *Moisés e o Monoteísmo: Três Ensaio*s é o penúltimo texto a ser explorado neste escrito. Entre 1934 até a data de publicação na Holanda, em 1938, depois traduzida e publicada em inglês em 1939, Freud apresentou e editou a obra de diversas maneiras, até chegar ao livro final (STRACHEY, 1996o). Trata-se de mais um dos textos sociais de Freud e parece ser uma “continuação dos primeiros estudos de Freud sobre as origens da organização social humana” (STRACHEY, 1996o, p.17) encontrados em *Totem e Tabu* e no artigo *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*.

São apenas três as referências ao narcisismo encontradas no livro. Na primeira referência, Freud (1996as, p.87) utiliza-se da expressão “mortificações narcísicas” de forma sinônima a “danos precoces ao ego”.

Já na segunda referência, Freud (1996as) está discutindo a relação entre o ego, o id, o superego e o mundo externo, quando há necessidade de uma renúncia do instinto. Entende-se que apesar do desprazer ao renunciar a um instinto, também haveria um prazer fruto do reconhecimento do ego pelo superego: o ego sentir-se-ia elevado e orgulhoso da renúncia, aceitando as objeções superegoicas. Entretanto, o autor aponta que este orgulho narcísico só poderia existir depois que a autoridade das figuras paternas fosse tornada parte do ego, através do superego.

A última aparição do narcisismo no livro se dá quando Freud (1996as) levanta a possibilidade de os homens atribuírem às coisas que apresentam maiores dificuldades de realização um caráter de superioridade, de forma que o orgulho seria somente um efeito de vencer tais dificuldades, implicando num aumento do narcisismo.

Por fim, chega-se àquele que seria um dos últimos textos de Freud, nomeado *Esboço de Psicanálise*. Considerado um texto de caráter único, por exibir uma forma de apresentação diferente dos outros textos freudianos, nos quais o autor preocupa-se em redigir um texto que seja acessível ao público em geral, sejam os já apropriados da teoria psicanalítica, sejam os mais ignorantes a respeito dela. Neste texto, de outro modo, Freud parece escrever direcionado

àqueles que já tivessem certo domínio da disciplina. Mais do que isso o texto parece trazer uma nova perspectiva a respeito de todos os pontos abordados, além de fornecer indícios de conteúdos novos (STRACHEY, 1996o).

Inacabado e intrigante, este texto do mestre da Psicanálise, do inventor desta matéria, parece ser perfeito para finalizar um trabalho que tentou percorrer diversos momentos de sua obra, procurando um entendimento do narcisismo, à luz deste. Publicado em 1940 e escrito numa época em que Freud já estaria bastante doente, limitado em vários aspectos, ainda assim deixa clara toda a sua avidez por conhecimento e pelo entendimento do funcionamento psíquico, além de uma afiada inteligência, a qual é possível encontrar em quase todos os seus escritos (ROUDINESCO; PLON, 1998; STRACHEY, 1996o).

São apenas quatro as referências ao narcisismo neste texto, sendo a primeira delas apresentada quando Freud está falando da teoria da libido associado à segunda tópica:

É difícil dizer algo do comportamento da libido no id e no superego. Tudo o que sabemos sobre ela relaciona-se com o ego, no qual, a princípio, toda a cota disponível de libido é armazenada. Chamamos a este estado absoluto de narcisismo primário. Ele perdura até o ego começar a catexizar as idéias dos objetos com a libido, a transformar a libido narcísica em libido objetal. Durante toda a vida, o ego permanece sendo o grande reservatório, do qual as catexias libidinais são enviadas aos objetos e para o qual elas são também mais uma vez recolhidas (FREUD, 1996at, p.161)

Novamente é possível ver que Freud (1996at) retoma suas concepções a respeito da teoria da libido, já discutidas inúmeras vezes em sua obra e neste trabalho. Inclusive, trazendo à tona um debate anterior, a respeito de que instância seria o verdadeiro reservatório da libido. Destaca-se o fato de que o autor continua admitindo a dificuldade de confirmar suas teorias e de obter clareza a respeito do funcionamento da libido, neste trecho principalmente em suas relações com o superego e o id, o que mostra sua sinceridade intelectual e científica, mesmo em seus últimos escritos.

É então que se encontram as duas últimas referências ao narcisismo deste trabalho. A primeira delas vem surgir quando Freud (1996at) conta sobre a presença de catexias originais narcísicas no seio materno, quando este tem de ser separado do corpo da criança, colocado no exterior e gradualmente

passando a ser visto como um objeto. A segunda e última delas, aparece num fragmento em que o autor trabalha com o complexo de Édipo, associando o perigo da castração a uma ameaça ao narcisismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se o que foi desenvolvido ao longo deste trabalho de revisão bibliográfica, é possível entender que os objetivos propostos foram atingidos.

Sobre a criação do conceito de narcisismo, foi possível compreender o contexto em que se deu, assim como a necessidade de sua criação, especialmente diante das discordâncias de Jung e de Adler, além da sua importância ao expandir a teoria psicanalítica para além das neuroses de transferência. O modo como o conceito foi tomando espaço na teoria ficou muito evidente, tendo em vista que depois de sua criação o narcisismo passou a aparecer em diversos textos, articulando-se com um sem número de temas e conceitos.

Com relação a estas articulações, pode-se dizer que o narcisismo teve influência cabal em toda a produção freudiana. Foi encontrado na raiz do estudo da homossexualidade, em suas primeiras aparições; foi peça fundamental para a compreensão dos fenômenos psicóticos, da paranoia, da demência precoce, da megalomania, da hipocondria, da melancolia; apareceu relacionado aos povos primitivos, quando estudados o animismo e a onipotência de pensamentos; encontrou-se seu papel nos sonhos, no sono, na doença orgânica, no humor, nos criminosos, na auto estima, na constituição dos grupos e nos instintos sociais, na amizade; fez parte de diversas revoluções teóricas, como aquelas relacionadas ao desenvolvimento do conceito de ego ideal e à segunda tópica, à constituição do ego, à sexualidade infantil e seu desenvolvimento, à repressão, ao complexo de castração, ao complexo de Édipo, à teoria da libido, especialmente esta; enfim, foram muitas as articulações e influências encontradas entre o narcisismo e outros tópicos trabalhados por Sigmund Freud.

Quanto às reformulações por quais passou o conceito, depois de sua introdução oficial, em 1914, foi possível entender que dois momentos se destacaram: a virada do século vinte, com a segunda teoria dos instintos e a criação da segunda tópica, que trouxe novos elementos ao conceito de narcisismo. Fora isso, conclui-se que o narcisismo se manteve bastante fiel ao

modo como foi definido à época de seu texto introdutório, inclusive, acreditando-se que mesmo com as novidades trazidas nos dois momentos destacados, pouco foi alterado no conceito inicialmente proposto, mas muito foi alterado nos conceitos circundantes.

Mas afinal, o que é o conceito de narcisismo tão falado neste trabalho? Entende-se que não é viável uma resposta em definitivo, que seja breve, para esta questão, depois de realizado este estudo, tendo em vista suas inúmeras articulações e as várias modificações no campo teórico. A resposta a esta pergunta foi sendo dada ao longo de todo o trabalho.

Em caráter de resumo, primeiramente, temos o narcisismo definido de forma bastante direta: como um estágio do desenvolvimento, intermediário entre o autoerotismo e a escolha objetal, na qual a libido estaria direcionada ao ego, antes de poder direcionar-se para os objetos externos.

Mais à frente, acrescenta-se a isso a distinção entre narcisismo primário e secundário, sendo o primeiro entendido como este estágio inicial, em que a libido ainda não pôde ser transferida para os objetos, no qual o papel dos pais e de seu narcisismo têm enorme influência, e do qual a saída tem relação com o complexo de castração e com o confronto com o ideal de ego; e o segundo, de forma mais ampla, como aquele em que há um retorno da libido ao ego, depois de já ter catexizado os objetos, como um movimento indispensável à economia libidinal, contrabalanceando-se com a libido dos objetos.

Entretanto, já é possível encontrar um primeiro problema: conforme a teoria foi modificada, principalmente após a criação da segunda tópica, fica a dúvida se existiria necessidade do conceito de narcisismo primário ou mesmo se seria possível localizá-lo. Enquanto antes da segunda tópica haveria um investimento no ego, com o advento da segunda tópica, o narcisismo primário estaria localizado antes mesmo da concepção do ego. Com isso, todas as definições anteriores tornam-se paradoxais. Coube entender que o narcisismo primário, se existe, é impossível de localizar no desenvolvimento, mas que esta localização é próxima à fase de formação do ego, o que parece novamente paradoxal, levando à hipótese em que o narcisismo e o amor auto erótico coincidem.

Parece que o narcisismo fica mais bem definido quando entendido em

termos de narcisismo secundário, isto é, em termos de distribuição de libido, evidenciando uma contraposição entre investimentos no ego e no objeto, ainda que algumas controvérsias tenham sido levantadas, também em relação a este conceito, principalmente quando o livro *O Ego e o Id* foi estudado. A ideia de identificação narcísica, trazida originalmente em *Luto e Melancolia*, retomada em *Além do Princípio do Prazer*, parece reforçar esta definição, ao estabelecer os investimentos no ego como secundários e que têm como alvo um ego que é resultado de identificações narcísicas.

Verificou-se que boa parte das contradições e indagações a respeito da concepção de narcisismo tem raízes nas modificações pelas quais passou a teoria da libido, conforme pôde-se ver ao longo do escrito. Num primeiro momento, o narcisismo dizia respeito a um retorno libidinal ao ego, ou no caso do narcisismo primário, quando a libido ainda não havia se transferido para os objetos. Mas à medida que a segunda teoria dos instintos foi criada, nem mesmo a distinção entre libido e instintos do ego fazia sentido, tendo efeitos para a concepção de narcisismo, conforme pôde-se ver ao longo do trabalho.

Saindo um pouco da definição de narcisismo, fica evidente que as maiores dificuldades deste trabalho envolveram as questões referentes à teoria da libido. A passagem da primeira teoria dos instintos para a segunda pareceu bastante confusa e algumas questões não puderam ser respondidas neste estudo. A invenção da segunda tópica também trouxe dúvidas importantes envolvendo a relação entre as instâncias psíquicas e a libido, por exemplo, qual seria o grande reservatório da libido. Muitas outras foram formuladas ao longo do trabalho, e para algumas não foi possível conseguir uma resposta definitiva.

De toda a forma, o trabalho teve relevância enorme para a compreensão da obra de Sigmund Freud como um todo, inclusive, permitindo formular tais perguntas e buscar parte das respostas, o que fez cumprir outra parcela dos objetivos propostos. Foi possível situar-se na obra do autor de maneira mais abrangente, ultrapassando uma localização superficial de sua teoria.

É importante destacar que algumas dificuldades práticas estiveram presentes ao longo do trabalho. Certos textos possuíam trechos acrescentados após a sua publicação. Dado que o trabalho foi organizado cronologicamente, em ordem de publicação dos textos, isto complicava o desenvolvimento dos

argumentos, na medida em que não parecia fazer sentido separar os trechos de cada texto de modo a obter uma cronologia perfeita. Como exemplo, tem-se o caso dos Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, que possui trechos de 1905, 1910, 1915, 1920 e 1924.

Outrossim, a busca e a organização dos trechos que faziam menção ao narcisismo e seus derivados também foi bastante trabalhosa e exigiu cuidado redobrado. As variações ao descrever a localização e a direção da libido e dos instintos igualmente se mostraram como objeto de confusão.

Finalmente, alguns apontamentos são necessários no que se refere à metodologia adotada. Entende-se que, ao tomar a decisão de utilizar os textos nos quais o termo narcisismo é encontrado, não foi possível abarcar aqueles textos que apresentam referências ao narcisismo sem que este vocábulo seja mencionado, nos quais é substituído por suas características ou descrições. Para um estudo mais completo, seria importante considerar tais textos.

Também é notável a pertinência do estudo da teoria da libido para o entendimento do narcisismo. Sendo assim, ainda que a teoria da libido tenha sido um ponto focal, um estudo aprofundado desta agregaria bastante para este trabalho.

Por último, o presente trabalho teve como foco a leitura das obras de Sigmund Freud, mas é do conhecimento de todos que os autores pós-freudianos trouxeram incontáveis contribuições à psicanálise. Logo, fica evidente a necessidade de se trabalhar com outros autores, tanto para uma compreensão mais aprofundada do narcisismo em Freud, como para ir além, revendo tal conceito à luz daquilo que foi produzido após a morte do criador da psicanálise, ou mesmo por seus contemporâneos, o que certamente abriria novos horizontes para o narcisismo, para a psicanálise e para a compreensão do mundo às avessas em que vivemos.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio**: O dicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2008. 895 p.

FREUD, Sigmund (1905) Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a.

FREUD, Sigmund (1910). Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b.

FREUD, Sigmund (1911). Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c.

FREUD, Sigmund (1913). A Disposição à Neurose Obsessiva: Uma Contribuição ao Problema da Escolha da Neurose. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996d.

FREUD, Sigmund (1913). Totem e Tabu. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996e.

FREUD, Sigmund (1913). O Interesse Científico da Psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996f.

FREUD, Sigmund (1914) A História do Movimento Psicanalítico. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996g.

FREUD, Sigmund (1914) Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996h.

FREUD, Sigmund (1915) Os Instintos e Suas Vicissitudes. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996i.

FREUD, Sigmund (1915) O Inconsciente. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996j.

FREUD, Sigmund (1916). Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho

Psicanalítico. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996l.

FREUD, Sigmund (1917 [1915]) Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996m.

FREUD, Sigmund (1917). Luto e Melancolia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996n.

FREUD, Sigmund (1916-17 [1915-17]). Conferência XXVI: A Teoria da Libido e o Narcisismo. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996o.

FREUD, Sigmund (1916-17 [1915-17]). Conferência XXVII: Transferência. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996p.

FREUD, Sigmund (1916-17 [1915-17]). Conferência XXVIII: Terapia Analítica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996q.

FREUD, Sigmund (1918 [1914]). História de Uma Neurose Infantil. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996r.

FREUD, Sigmund (1917). As Transformações Do Instinto Exemplificadas No Erotismo Anal. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996s.

FREUD, Sigmund (1917). Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996t.

FREUD, Sigmund (1918 [1917]). O Tabu da Virgindade (Contribuições à Psicologia do Amor III). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996u.

FREUD, Sigmund (1919). O Estranho. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996v.

FREUD, Sigmund (1920). Além do Princípio do Prazer. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996x.

FREUD, Sigmund (1920). A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo

Numa Mulher. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996z.

FREUD, Sigmund (1921). Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996aa.

FREUD, Sigmund (1922). Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996ab.

FREUD, Sigmund (1923 [1922]). Dois Verbetes de Psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996ac.

FREUD, Sigmund (1923 [1922]). O Ego e o Id. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996ad.

FREUD, Sigmund (1925). Algumas Notas Adicionais Sobre a Interpretação de Sonhos Como Um Todo. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996ae.

FREUD, Sigmund (1925 [1924]). As Resistências à Psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996af.

FREUD, Sigmund (1925). Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996ag.

FREUD, Sigmund (1925 [1924]). Um Estudo Autobiográfico. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996ah.

FREUD, Sigmund (1926 [1925]). Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996ai.

FREUD, Sigmund (1927). O Futuro de uma Ilusão. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996aj.

FREUD, Sigmund (1927). Fetichismo. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996al.

FREUD, Sigmund (1927). O Humor. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996am.

FREUD, Sigmund (1928 [1927]). Dostoiévski e o Parricídio. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996an.

FREUD, Sigmund (1930 [1929]). O Mal-Estar na Civilização. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996ao.

FREUD, Sigmund (1931). Tipos Libidinais. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996ap.

FREUD, Sigmund (1933 [1932]). Conferência XXXII: Ansiedade e Vida Instintual. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996aq.

FREUD, Sigmund (1933 [1932]). Conferência XXXIII: Feminilidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996ar.

FREUD, Sigmund (1939 [1934-1938]). Moisés e o Monoteísmo: Três Ensaio. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996as.

FREUD, Sigmund (1940 [1938]). Esboço de Psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996at.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à Metapsicologia Freudiana, vol.3**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda., 1995. 295 p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 552 p.

MEZAN, Renato. A construção da metapsicologia: 1892-1914. In: MEZAN, Renato. **O Tronco e os Ramos: Estudos de história da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Cap. 3. p. 89-136.

MEZAN, Renato. **Freud: A Trama dos Conceitos**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. 350 p.

NASIO, Juan-David. O conceito de narcisismo. In: NASIO, Juan-david. **Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise**. 1997. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1997. Cap. 3. p. 49-82.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda., 1998. 874 p.

STRACHEY, James. (ed.) (Nota de Rodapé – Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a.

STRACHEY, James. (ed.) Nota do Editor Inglês. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b.

STRACHEY, James. (ed.) Nota do Editor Inglês. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c.

STRACHEY, James. (ed.) (Nota de Rodapé - A Disposição à Neurose Obsessiva: Uma Contribuição ao Problema da Escolha da Neurose). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996d.

STRACHEY, James. (ed.) Nota do Editor Inglês. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996e.

STRACHEY, James. (ed.) (Nota de Rodapé – Sobre o Narcisismo: Uma Introdução). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996f.

STRACHEY, James. (ed.) Artigos Sobre Metapsicologia: Introdução do Editor Inglês. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996g.

STRACHEY, James. (ed.) Nota do Editor Inglês. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996h.

STRACHEY, James. (ed.) Nota do Editor Inglês. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996i.

STRACHEY, James. (ed.) Introdução do Editor Inglês. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996j.

STRACHEY, James. (ed.) Apêndice B: O Grande Reservatório da Libido. In:

Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996l.

STRACHEY, James. (ed.) Nota do Editor Inglês. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996m.

STRACHEY, James. (ed.) Nota do Editor Inglês. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996n.

STRACHEY, James. (ed.) Nota do Editor Inglês. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996o.

APÊNDICE A: Localização dos termos utilizados na Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud

Referência	Volume	Página(s) onde o(s) termo(s) foi(foram) encontrado(s)	
		Narcisismo	Narcísica, narcísico, narcisista
FREUD, 1996a	VII	137*	138, 206, 206, 206, 206, 210
FREUD, 1996b	XI	107	-
FREUD, 1996c	XII	68, 70, 70, 72, 79, 80, 80, 84	-
FREUD, 1996d	XIII	340, 342	-
FREUD, 1996e	XIII	102, 102, 102, 103, 103*, 104*, 105	166
FREUD, 1996f	XIV	197	-
FREUD, 1996g	XIV	63	-
FREUD, 1996h	XIV	81, 81, 81, 81, 81, 82, 82, 82, 83, 83, 84, 84, 84, 89, 89, 92, 93, 94, 95, 95, 95, 95, 95, 96, 96, 96, 97, 97, 97, 98, 99, 100, 100, 101, 101, 105, 106, 106, 107, 107	81, 81, 90, 94, 95, 96, 96, 96, 97, 97, 97, 98, 99, 99, 99, 101, 102, 102, 104, 105, 105, 107, 107, 107, 108
FREUD, 1996i	XIV	137, 137, 137, 137, 138, 138, 139, 139*, 140*, 141	137, 137, 137, 137, 137, 137, 141, 143, 143
FREUD, 1996j	XIV	201	201, 208, 208
FREUD, 1996l	XIV	229, 230, 230, 230, 230, 231, 231, 232, 232, 233	231, 232, 240, 241
FREUD, 1996m	XIV	255, 255, 256, 263	249, 255, 255, 255, 255, 256, 256, 256, 256, 257, 257, 258, 259
FREUD, 1996n	XVI	329	-
FREUD, 1996o	XVI	416, 417, 417, 418, 418, 418, 418, 418, 418, 419, 422, 425, 425, 427, 427, 429	417, 418, 421, 422, 422, 422, 422, 423, 423, 423, 424, 424, 427, 427, 427, 428, 428, 428, 429, 430, 430, 430, 430
FREUD, 1996p	XVI	447	448, 448
FREUD, 1996q	XVI	456	-
FREUD, 1996r	XVI	36, 55, 105, 116, 122, 122, 122	55, 71, 90, 94, 112, 114, 114, 115, 115, 115, 122
FREUD, 1996s	XVI	135	135, 136, 137, 137, 138

FREUD, 1996t	XI	147, 147, 147, 147, 147, 147, 148, 151	147, 148
FREUD, 1996u	XII	208, 214	209, 211
FREUD, 1996v	XVII	250, 251, 251, 256	255
FREUD, 1996x	XVIII	62, 67	30, 43, 59, 59, 60, 60, 61
FREUD, 1996z	XVIII	106*, 107, 107, 107, 113, 117, 117, 127, 128, 133, 133	77, 77, 108, 116, 127, 132, 145
FREUD, 1996aa	XVIII	172	158
FREUD, 1996ab	XVIII	239	231, 239, 240
FREUD, 1996ac	XVIII	260, 266, 267, 267	260, 260, 260, 267
FREUD, 1996ad	XIX	45*, 45*, 60, 61, 61	45, 45, 59, 64, 72
FREUD, 1996ae	XIX	150	-
FREUD, 1996af	XIX	249	-
FREUD, 1996ag	XIX	286	282, 288, 290
FREUD, 1996ah	XX	58, 59, 59, 64	58, 59, 60, 60, 60, 67
FREUD, 1996ai	XX	130	99, 103, 131, 135, 138, 168, 168
FREUD, 1996aj	XXI	26	23, 23, 24, 33
FREUD, 1996al	XXI	81, 92*, 120, 124, 124	91, 124, 124, 127, 149
FREUD, 1996am	XXI	160	-
FREUD, 1996an	XXI	170	-
FREUD, 1996ao	XXI	199	-
FREUD, 1996ap	XXI	233	231, 232, 232, 232, 233, 233, 233, 233
FREUD, 1996aq	XXII	111, 112	-
FREUD, 1996ar	XXII	140	140
FREUD, 1996as	XXIII	131	87, 130
FREUD, 1996at	XXIII	161, 212	161, 200

*Termo mencionado em nota de rodapé.

Obs.: Para os casos dos termos *narcísica*, *narcísico* e *narcisista*, não foi feita separação entre aqueles termos encontrados no corpo do texto ou em notas de rodapé, isto é, o fato de não estarem marcados com asterisco não garante que estejam no corpo do texto.